

O BRASIL AGRÍCOLA

JANEIRO/2003 - Nº 649 - ANO 59 - R\$ 6,00 - www.agranja.com

agranja



OS CAMINHOS DO AGRONEGÓCIO EM 2003

Edição de Aniversário

O SEGREDO DE QUEM FAZ



Dom Dedeus
Grings, arcebispo
de Porto Alegre

ANÚNCIO



12 REPORTAGEM DE CAPA

Os caminhos da agricultura em 2003



12 ANIVERSÁRIO A GRANJA

58 anos de informação ao homem do campo



46 COOPAVEL

Tudo pronto para a maior feira técnica do País



48 ADUBAÇÃO

Uso correto traz economia



49 AQUICULTURA

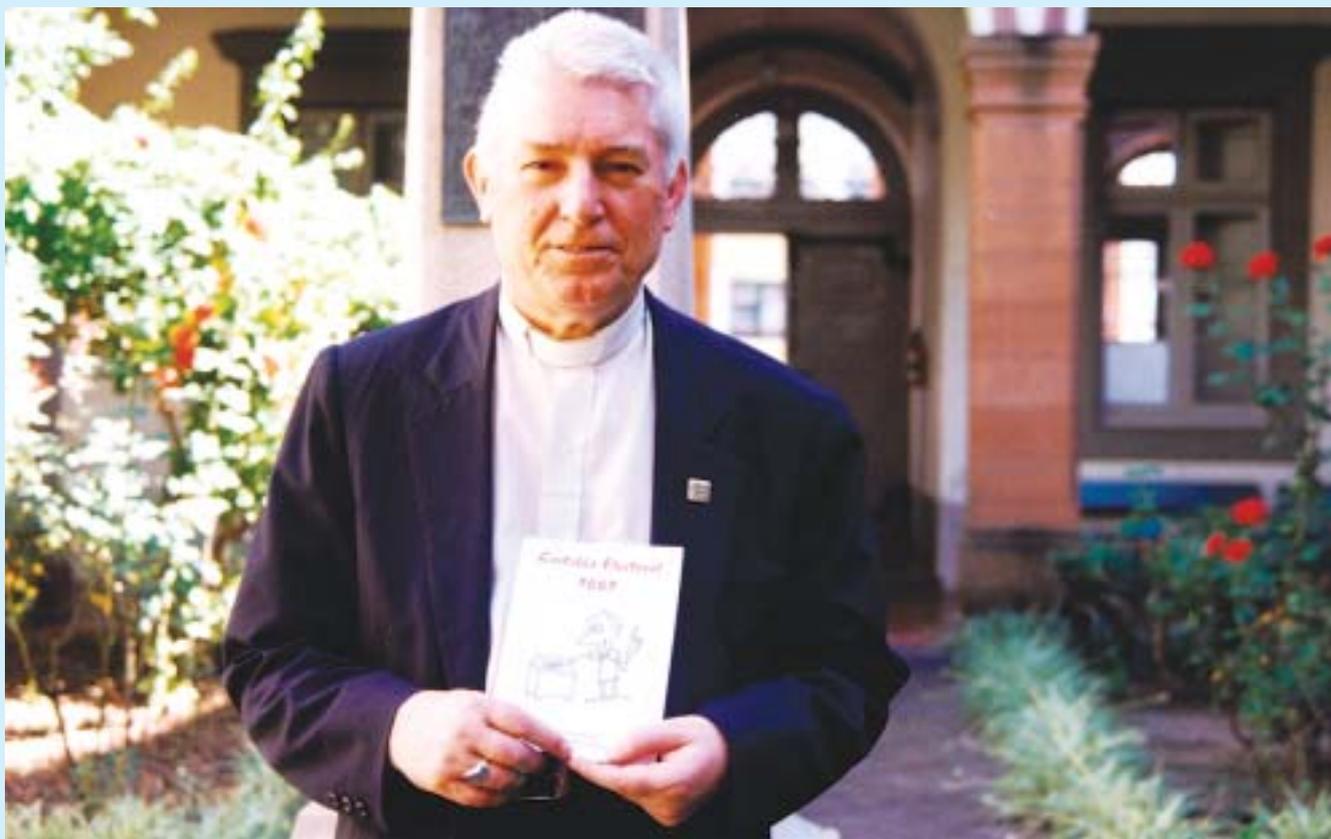
O que falta é investir no potencial produtivo

SEÇÕES

4 O Segredo de Quem Faz
7 Aconteceu
8 Aqui Está a Solução
10 Cartas, Fax, E-mails
11 Eduardo Almeida Reis

52 Pastagens
54 Revista Chacra
55 Plantio Direto
58 Agribusiness

62 Flash
64 Biotecnologia
65 Novidades no Mercado
66 Ponto de Vista



Glauco Menegheti

Reforma agrária sim, mas com **CRITÉRIOS**

Glauco Menegheti

Dom **Dadeus Grings**, arcebispo de Porto Alegre, ganhou projeção quando, às vésperas das eleições passadas, lançou uma cartilha orientando a população a não votar em candidatos que incentivassem invasões. Como não poderia deixar de ser em uma matéria tão controversa como é a questão social agrária, o religioso arrebanhou elogios e também críticas. Uma coisa é certa: esse gaúcho de 65 anos não se furta em expor suas opiniões – entre elas, a de que não basta distribuir terras sem levar em conta a viabilidade econômica do empreendimento. Em vez de reforma agrária, ele acredita ser a política agrícola mais importante para impedir o êxodo dos que abandonam o campo por culpa da falta de perspectivas.

A Granja — Qual a visão da Igreja Católica sobre a reforma agrária?

Dom Dadeus Grings — A Igreja vem insistindo na questão da propriedade, porque a pessoa que não a possui também não é livre. A propriedade é uma extensão da liberdade e o campo onde esta é exercida. Se você tira esse campo, você não tem como exercê-la. Também há gente que se apropriou demais, mais do que podia, e por isso fala-se das propriedades improdutivas. Propriedade é administração e, se ela não é conduzida de maneira profissional, não há sentido em tê-la. Às vezes, é só questão de prestígio, quando está faltando para outros. A reforma agrária não é uma questão apenas de justiça, mas de técnica.

P — Quais são esses atributos técnicos aos quais o sr. se refere?

R — É preciso muito conhecimento, até de política. Se o pessoal vai plantar, tem que saber para quem vai vender. Eu trabalhei nove anos em São Paulo, próximo a Minas Gerais, e por lá havia muitos batateiros e ceboleiros. Eu ficava com uma pena daquela gente, pois eles plantavam e quando iam colher não tinha preço, daí jogavam na rua, ao longo da estrada. Não basta plantar, muito menos basta ter terra. A solução não é automática, e hoje ninguém vai mais à roça de enxada. Quem produzir à base de foice e enxada está perdido. Nesse sentido, a agricultura e a questão agrária tornaram-se muito mais complexas. Elas envolvem política internacional, técnica e tecnologia. Muito mais que uma reforma agrária, é necessário ter uma política agrária.

P — **Falou-se dos resultados modestos do modelo de reforma agrária adotado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. A seu ver, o que precisa ser aperfeiçoado no governo Lula?**

R — Primeiro, tem-se que fixar os agricultores na terra, aqueles que são proprietários mas que por endividamento estão abandonando a atividade. Existem muito mais pessoas saindo do que voltando ao campo. É um pouco ideológico forçar uma reforma agrária a não sei que custos. Os poucos que estão produzindo ainda vão sair prejudicados. Precisa-se fazer uma política agrícola mais ligada ao fator local, segurar aqueles que estão no lugar e conseguir agrônomos para prestar assistência técnica. Apesar de discordarmos do plantio, a indústria fumageira é um exemplo. Existem engenheiros que vão à propriedade mostrar como o agricultor deve plantar. Se eles podem fazer uma coisa um pouco mais planejada, porque o governo não pode ?

P — **Uma coisa é manter esses homens no campo. Mas, quanto aos que saíram, qual seria a solução para eles? O sr. tem alguma opinião a respeito?**

R — Acho muito difícil essa questão de assentar. A pessoa tem terra, vende-a e depois quer voltar. Então, não sei se é uma boa política dar uma segunda chance. Se na primeira já não deu certo, porque que ela vai querer de novo? Acho que o momento seria de fazer uma nova opção.

P — **Qual seria essa outra opção?**

R — Na Alemanha existe um exemplo interessante: o pessoal que fica desempregado passa a receber um salário, mas tem que se reciclar. Vai fixar uma nova profissão. Se naquela em que ele esteve não há mais vagas, então ele vai se aprimorar em outra coisa. Nesse sentido, acho que seria o caso de fazer essas pessoas também se aperfeiçoarem em outro trabalho, já que não foram eficientes na agricultura, não tiveram técnica suficiente.

P — **Pelo que é possível entender, o sr. acha que a reforma agrária não é viável, então?**

R — Ela é viável em certos lugares, até certo ponto e para certo tipo de gente. Mas não se pode generalizar. Acho que simplesmente fazer uma distribuição de terra sem observar as condições não só técnicas, mas também culturais e de formação, não é possível.

P — **E as pessoas sem conhecimento técnico e que não se enquadram**

A reforma agrária não é uma questão apenas de justiça, mas também de técnica – é preciso muito conhecimento

nesse perfil de empreendedor, como ficam?

R — Elas precisariam ser incentivadas e ajudadas. O crédito agrícola é importante para isso, mas a educação também. O pessoal, quando faz uma boa colheita e os preços estão bons, em vez de reinvestir esse dinheiro na colheita gasta em “luxo” e daí vai pedir um novo empréstimo. Quem vive assim não vai longe, pois trabalha para o banco. O juro é um salário que se está pagando para terceiros. Nenhuma indústria funciona à base de empréstimos, eles são apenas um incentivo inicial.

P — **Recentemente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) anunciou que daria um prazo de 150 dias para o governo Lula cumprir algumas exigências do movimento, entre elas, assentar 85 mil famílias acampadas. O sr. acredita que o novo governo terá condições de atender a essa e tantas outras exigências num período de apenas quatro anos?**

R — Difícilmente. Terra há, mas a sobrevivência seria difícil, pois não haveria como comercializar essa pro-

dução. Pode-se utilizar o método chinês, mas nesse caso seria uma agricultura de subsistência. Eles vão viver da terra, mas isso é condená-los à pobreza. Isso não é futuro.

P — **Hipoteticamente falando, O excedente produzido não poderia ser utilizado para o Programa Fome Zero, que o novo governo já anunciou?**

R — Sim, sem dúvida. Mas seria preciso, além do aumento do consumo interno de alimentos, exportar mais. O Brasil teria que aperfeiçoar-se bastante, pois na produção agrícola temos vários produtos tipicamente nossos que exploramos mal. Só para dar um exemplo: toma-se *Coca-Cola* no mundo inteiro. O guaraná, que é nossa bebida, é só consumido no Brasil, o que considero um desperdício, pois nossa bebida é mais saudável. Precisaríamos colocar isso no mercado mundial, industrializar mais nossos produtos agrícolas. Se o governo conseguir, simultaneamente, abrir mais

mercados para nossos produtos agrícolas, poderá assentar mais gente.

P — **A seu modo de vista, de que outro instrumento de manutenção do homem no campo o governo pode lançar mão?**

R — Um dos pontos que eu considero falhos são nossas escolas do interior. Hoje, a tendência é levar todas as escolas para a cidade. Claro que o filho vai para a cidade e acaba levando os pais junto. Eles não criam amor pela agricultura, acham que é uma coisa atrasada. Se tivéssemos colégios lá onde eles moram, não nos mesmos moldes da cidade, seria diferente. Eles teriam que aprender técnicas agrícolas na escola fundamental, onde eles aprendessem a amar a terra e ver como o trabalho no campo é dignificante.

P — **Em função dessa impossibilidade do governo Lula de atender às exigências do MST, o sr. prevê muitas turbulências no campo em 2003?**

R — Sim, eu vejo e acho que corremos um risco, pois a questão do MST não é técnica, mas ideológica. Eles também não têm técnica. Os assentados deles não estão melhores do que os outros. Se eles fossem altamente especializados, mas

vão. Eles visam uma sociedade socialista, onde tudo deveria ser comum. E isso tem fracassado nos países onde foi implantada. O fato de ter tudo em comum não tem nada demais, a gente até pode apoiar. Os religiosos têm que fazer três votos: de castidade, obediência e pobreza, fazer voto de não possuir nada. Agora, isso eu quero ver.

Surgiu então um novo socialismo, representado pelos *kibutz* e se achou a grande solução, pelo fato de a comunidade ser

na diocese nós temos dois vigariatos, um de Camaquã e outro de Montenegro, onde estava o pessoal de origem alemã. Eles eram pobres, não tinham nada. Compraram a terra e a primeira preocupação deles foi construir uma igreja, uma escola e um clube. Preocupações comunitárias. Hoje eles têm a melhor qualidade de vida da América Latina. Por outro lado, olhe a região de Camaquã, dos grandes fazendeiros: eles eram ricos, construíram a

de. Faz-se pesquisa de opinião, não é preciso fazer plebiscito. Faz-se uma pesquisa de opinião e já se sabe o que o povo quer. Hoje, o pessoal é capaz de falar sobre política internacional. O povo simples da rua fala. Então, é um modo de participação, o interesse pela causa comum e também saber criticar.

P — Mas o sr. não concorda que inexistente no País uma tradição de cobrança e acompanhamento do que fazem nossos políticos após serem eleitos?

R — Em parte, sim. Mas estamos mal-acostumados com o paternalismo, e a Igreja tem como ponto básico na política o princípio de que o que a pessoa pode fazer, ela tem o direito de fazer. Temos então que incentivar a responsabilidade pessoal, cada vez mais. Cada um trabalhando, a sociedade vai trabalhar. Falam que nossos políticos são corruptos, mas foram eleitos. Alguém os elegeu, e isso é democrático. Normalmente, os políticos ainda são um pouco melhores do que os súditos, pois existe muita corrupção fora da política. A diferença é que a classe dos nossos representantes está na berlinda, nas manchetes dos jornais.

P — Que avaliação o sr. faz da atuação das ONGs e entidades de combate à pobreza?

R — Eu acho que estão fazendo grandes coisas, pois quanto mais a sociedade se torna ativa, melhor. Na Igreja há um caso concreto. Temos uma pastoral, e as pessoas que nela trabalham passam de casa em casa pesando as crianças, é tudo gratuito. Por sua vez, o governo finalmente aprovou a lei do voluntariado. Acho que é uma grande perspectiva para o futuro.

P — A Igreja Católica é contrária ao controle de natalidade, um dos pilares do planejamento familiar?

R — A Igreja reconhece que o pai e a mãe são responsáveis pelo número de filhos que têm. Gerar filhos significa poder sustentar e educar. Há gente que até possui condições de sustentar, mas não de educar. Não deveriam ter, pois eles ficam marginalizados. A família não é responsável pela explosão demográfica, mas sim a proliferação fora da família. Aí sim, acho que temos que ser mais severos. Isso melhoraria a situação. ■

A reforma agrária é viável em alguns lugares, até certo ponto e não para todo tipo de gente

pequena. As pessoas podem ver os resultados e todo mundo trabalha para o bem comum. Eu estive em Israel no início dessa experiência, na década de 60. A gente esperava que em pouco tempo aquele país estaria coberto por *kibutz*. Fracassou, e havíamos achado que no mundo inteiro a experiência seria imitada. Ninguém fez isso.

P — Antes das eleições, o sr. lançou uma cartilha orientando a população a não votar em candidatos que incentivassem invasões de terras. Que outra forma de mecanismo político o sr. considera mais legítimo para pressionar o governo a resolver a questão fundiária?

R — Temos a democracia, essa é a vantagem, podemos escolher as pessoas que irão nos representar. Mas se a gente não conseguiu maioria, se esses projetos não passaram, vamos apelar para a força? Isto é próprio do animal, que usa a força para se impor. Nós usamos a razão. A democracia tem o método da maioria. Precisamos de um estudo de métodos mais eficientes de trabalho. A saída mais viável é aquela que o governo sempre tentou fazer: o crédito agrícola. Se o governo o concede e disponibiliza as áreas que existem, e elas são muitas, não é preciso invadir.

P — Sem pressão, sem a luta de classes, é possível promover a distribuição de terras e de renda no País, tendo em vista que o Estado nacional perdeu protagonismo para resguardar o interesse dos mais pobres?

R — O problema do Brasil não é o capitalismo, mas o feudalismo. E o País pertencia aos grandes fazendeiros. Aqui

igreja, promoviam festas e todo mundo comia de graça. Hoje, são todos pobres. Quando não há um empenho comunitário as, coisas não vão para a frente.

Se a pessoa tem razoável vocação agrícola, escolhe a terra, vai plantar, se entrosa com os outros, trabalha junto com outras e isso progride. Agora, quando fica na passividade ou alguém arruma tudo, isso é um novo paternalismo e aí não dá certo.

P — Hoje, a pequena propriedade é a que mais absorve mão-de-obra no Brasil. Por outro lado, a de grande porte é que gera economia de escala de produção e excedentes exportáveis. Ambas as características são desejáveis para o País. É possível equilibrarmos essas duas situações?

R — Karl Marx achava que toda a propriedade era historicamente de poucos, e esse foi um de seus erros crassos. As grandes indústrias acabariam com todas as pequenas, e não foi o caso. Roma, por exemplo, até hoje vive do artesanato, não tem a grande indústria. A grande indústria está sempre ao lado das pequenas. Esse equilíbrio sempre houve. Havia o prefeito de uma cidade do interior de São Paulo, que disse querer atrair grandes indústrias para gerar renda e pequenas para gerar empregos.

P — Na democracia brasileira, pelo menos para a maioria esmagadora da população, o ato de votar é a única forma de interceder no futuro da nação. Quais outras práticas saudáveis os brasileiros, aí incluídos os políticos, ainda terão de aprender para exercer a sua cidadania na plenitude?

R — Acho que hoje já existe a opinião pública, que é um poder muito gran-

58º Aniversário

São 58 anos de produtiva e forte relação com nossos leitores. E, mais, uma relação afetiva amiga, provavelmente porque:

1. Desde o primeiro número, **A Granja** sempre inovou. Passo a passo.

2. Independência. **A Granja** sempre defendeu os interesses do produtor rural. Nunca atuou como *house-organ* de quem quer que seja, nem pertenceu a associações, sindicatos e cooperativas ou contou com qualquer tipo de apoio oficial.

3. A publicação sempre foi a primeira a dar as notícias mais avançadas do setor.

4. **A Granja** realmente é o veículo, por excelência, do Brasil agrícola. Onde está o grão, está **A Granja**.

5. Abrangência de cobertura jornalística em todo o território nacional. Onde acontecem as coisas, está **A Granja**.

6. Credibilidade. Seguramente, **A Granja** não estaria festejando 58 anos de existência, se não contasse com o respaldo da credibilidade. São quase seis décadas, que conferem à revista a liderança no setor.

7. Coragem. **A Granja** sempre teve a iniciativa e coragem de abordar assuntos polêmicos. Além disso, nunca deixou de se posicionar quando entendeu que essa seria uma atitude necessária, conveniente e adequada de quem tem a autoridade de ser a revista mais antiga do Brasil.

8. Serviço. Desde o primeiro exemplar, **A Granja** entendeu que sua missão era a de prestar serviço. O leitor percebeu esse posicionamento institucional, repetido em cada edição.

9. Qualidade de informação. O leitor sabe que a cada mês recebe um conjunto de informações técnicas e gerais que lhe são extremamente úteis e, portanto, compra a revista por antecipação através da assinatura.

10. Afeto. Realmente existe uma intensa relação afetiva dos produtores rurais com **A Granja**.

Todos gostam de **A Granja** e, por isso mesmo, os produtores rurais se consideram o que realmente são: da casa.

Stress hídrico

Dario Hiromoto, da Fundação MT, motivou admiração intelectual e piadas quando aplicou o termo “*stress hídrico*” no título, em lugar de “*seca*”, por ocasião da Mesa Redonda *Os Caminhos da Agricultura em 2003*. Ele explicou que lá no Mato Grosso não tem romaria, nem necessidade de se estressar com o clima. Quando é para chover, chove. Quando é para parar de chover, São Pedro também obedece. Por isso, ninguém vai segurar o Mato Grosso como o maior produtor de grãos e fibra (algodão) do mundo.

Vamos segurar, minha gente

Por outro lado, José Aroldo Galasini, da Coamo, na mesma ocasião aprofundou um assunto que tem sido pauta constante desta página: o seguro agrícola deverá ser meta prioritária. As lavouras, em todo o Brasil, com exceção do Mato Grosso, sofreram com o *stress hídrico*. No estágio atual de nossa agricultura, isso é absolutamente inconcebível, assim como também é inconcebível não fazer seguro da sede da fazenda, do galpão, de máquinas, do silo, do trator e da colheitadeira.

Por outro lado, onde estão as seguradoras, que até agora não se deram conta de que o campo está com renda e, portanto, existe mercados potencial e real fantásticos à disposição de quem perceber esse extraordinário nicho de marketing?

Interiorização

Brasília foi construída a toque de caixa, ao custo de milhões e da corrupção desenfreada, tendo por

motivação a necessária interiorização do Brasil. O planejamento, burocrático, implantou a inflação estratosférica devido a impostos e emissão de moeda sem lastro. Tudo isso, desde 1960, constitui um ônus altíssimo ao contribuinte brasileiro.

Em contraposição, a pata do boi e, principalmente, a soja, trouxeram os legítimos pioneiros da segunda metade do século 20, que através do risco, do empreendedorismo e da determinação proporcionaram a verdadeira interiorização sem burocracia, sem “*dobradinha*”, sem apoio governamental e com custo zero para o contribuinte.

Hoje, a cada ano, esses desbravadores são responsáveis pela produção de mais de 100 milhões de toneladas de grãos e contribuem decisivamente para os superávits agrícola e de exportação. Ou seja: onde o governo mete sua colher torta, a vaca vai pro brejo e o cidadão paga o pato.

A propósito: irá continuar o pânico no campo, através dessa Reforma Agrária dispendiosa, economicamente errada e socialmente inadequada, onde o governo FHC mais errou?

Superávit além do previsto

Segundo declaração do Ministro Pratiní de Moraes ao diretor-presidente de **A Granja** durante um almoço no dia 3 de dezembro, o agronegócio obteve um superávit de US\$ 19 bilhões. A perspectiva para 2003 é de que se alcance um mínimo de US\$ 21 bilhões de contribuição à balança comercial brasileira.

E o novo governo?

Entre surpresos e perplexos, por motivos óbvios, vamos aguardar no que vai dar. ■

Solo viável para a **HORTICULTURA**



A Granja

“Estou interessado em investir na produção de oleícolas e tenho uma dúvida: qual o tipo de solo recomendável para a horticultura?”

Rodrigo Lima dos Santos
Piracicaba/SP

R — Caro leitor: o solo ideal para horticultura precisa apresentar boa drenagem, ser levemente ácido e rico em material orgânico e nutrientes para as plantas. Para identificar a (boa) qualidade do solo de sua horta, são necessários testes para determinar a quantidade de nutrientes e o nível de acidez do solo. Eles são realizados por instituições como as Casas de Agricultura. Você também poderá efetuá-los, adquirindo o “kit” específico em lojas de ferragem ou jardinagem.

Estas são as diretrizes re-

comendadas:

1) Use uma colher de jardinagem para recolher pequenas quantidades de solo, até uma profundidade de cerca de 20 centímetros;

2) Extraia várias amostras de diversos pontos da horta. Misture-as num balde, para obter uma indicação das condições médias do solo;

3) Evite tirar amostras de locais onde ervilhas ou outras plantas que fixem nitrogênio tiverem crescido em anos anteriores;

4) Deixe secar dois ou três punhados de terra do balde, à temperatura ambiente. A secagem em forno pode levar a uma indicação ereada da necessidade de calcário. Envie uma pequena quantidade de terra seca da sua horta, em um saco plástico, à Casa de Agricultura mais próxima.

As cultivares de **ABACAXI**

“Pretendo iniciar o plantio de abacaxi. Quais as principais cultivares disponíveis no mercado?”

Marcelo L. Weber
Curitiba/PR

R — Marcelo: no Brasil, a cultivar *caiena-liso* é plantada intensamente nas grandes e médias áreas.

Essa variedade forma uma planta de porte vigoroso, semi-ereta, com uma altura total de 100 centímetros,

sendo constituída por 60 a 80 folhas. A planta produz mudas do tipo filhote, originadas do pedúnculo do fruto, em número de zero a 10. Também forma mudas dos tipos filhote-rebento, rebento-lateral e rebento-enraizado. A cultivar *pérola*, por sua vez, tem grande importância econômica para o Brasil. É valorizada, principalmente, pela pouca acidez dos frutos, por ter bom teor de sólidos solúveis totais e possuir muito suco, sendo a preferida dos brasileiros para o consumo in natura. As principais plantações estão localizadas em pequenas e médias propriedades. A *pérola* é menos exigente que a cultivar



A Granja

caiena-liso, portanto, apropriada para as propriedades de pequeno porte. Além disso, apresenta maior resistência à *murcha-do-abacaxizeiro*, mas é mais suscetível à *fusariose-do-fruto*. A planta tem folhas compridas, de cor verde-escura, com alguma coloração vermelha na página superior, matizada de rosa-malva na

parte basal. São cobertas de espinhos finos, longos e inclinados, um fator negativo na cultura, pois a existência de

espinhos dificulta tratos culturais, retirada, tratamento e plantio das mudas. A cultivar *jupi* apresenta plantas semelhantes às da cultivar *pérola*, embora tenha folhas mais largas e claras. O formato do fruto é mais cilíndrico (atributo importante, sobretudo no processo industrial). Por último, citamos as cultivares *peroleira* e *primavera*, ambas resistentes à *fusariose-do-fruto*. Quando novas, as folhas apresentam cores arroxeadas e, as adultas, verde-escura com manchas arroxeadas. A primavera tem folhas de cor verde-clara e borda sem espinhos, exibindo uma faixa prateada bem pronunciada.

Como iniciar o cultivo de **COGUMELOS**



A Granja

“Tenho ouvido falar muito das propriedades do cogumelo shiitake. Gostaria de obter informações sobre sua produção.”

Álvaro de Carvalho
São Paulo/SP

R — Caro Álvaro: o cogumelo shiitake já é o segundo mais cultivado no mundo, perdendo apenas para o *champignon-de-paris*. O shiitake deve ser cultivado em local com boa oferta de sombra e

água fresca, onde a temperatura média não ultrapasse 25 graus. Uma pequena produção comercial pode começar com 1,2 mil mourões, o que vai exigir investimento entre R\$ 3 e 4 mil, dependendo da infra-estrutura da propriedade. O produtor inicia a colheita cerca de seis meses depois da semeadura. Durante sua vida útil, um mesmo mourão pode render 5 a 8 safras, totalizando 800 a mil gramas do produto.



A Granja

Mais sobre o **ENFEZAMENTO**-do-milho

“Li a matéria *Todo cuidado é pouco*, na última edição, sobre pragas e doenças das culturas de verão. Gostaria de obter mais informações sobre os enfezamentos-do-milho.”

Luiz Augusto Siqueira

Rio Verde/GO

R— Prezado leitor: o enfezamento-pálido do milho é causado pelo mollicutes *Spiroplasma kunkelli*, o qual pode ser encontrado nas principais regiões produtoras de milho do Brasil. Era considerado de importância secundária até o início dos anos

90, quando passou a destacar-se pela alta incidência, causando prejuízos à cultura do milho. A doença é disseminada pela cigarrinha *Dalbulus maydis* e, quando incide nas fases iniciais do desenvolvimento da planta, gera perda total na produção. Sua ocorrência está relacionada à época de semeadura, à temperatura e aos picos populacionais da cigarrinha. Em geral, há maior incidência do enfezamento pálido nas épocas tardias do milho, que em algumas regiões são realizadas após os meses de novembro e dezembro. As principais

medidas de controle do enfezamento-pálido são:

1) Evitar semeaduras tardias, principalmente safrinha, em locais propícios à ocorrência de cigarrinhas (proximidade de pastagens e regiões baixas);

2) Realizar o pousio por períodos de dois a três meses em áreas nas quais foram realizadas sucessivas semeaduras de milho;

3) Realizar o controle químico da cigarrinha;

4) Utilizar híbridos resistentes à doença;

5) Adicionar inseticida na prática da dessecação para

sistemas de plantio direto.

O enfezamento-vermelho também é transmitido pela cigarrinha *Dalbulus maydis*. Devido à alta incidência nas lavouras de milho e aos prejuízos causados, a doença passou a preocupar os produtores. Assim como no caso do enfezamento-pálido, fatores como época de semeadura, temperatura e ocorrência de picos populacionais da cigarrinha também determinam a ocorrência do enfezamento-vermelho. As medidas de controle descritas anteriormente também se aplicam ao enfezamento-vermelho.

Em busca de associação de **PRODUTORES**

“Existe alguma associação de produtores de maracujá na minha região, em

Araruna (Paraíba)?”

Carlos Henrique Coutinho

Araruna/PB

R — Em Araruna você pode contatar a Associação dos Pequenos Produtores

Agrícolas de Araruna (Asppaa), cujo telefone é (83) 373-1644.

Prestação de **SERVIÇO** ao produtor

Parabéns ao jornalista Glauco Menegheti pelo excelente texto produzido em sua matéria *Terras no Brasil – comprar ou arrendar?*. Tanto pelo conteúdo, que reuniu informações claras e objetivas para avaliações ponderadas, quanto pela mensagem, que está interferindo no ânimo dos leitores após a leitura da matéria – conforme podemos comprovar através de abordagens que temos recebidos de diversos agricultores, especialmente gaúchos, que demonstram interesse em conhecer regiões com ofertas de terras para arrendamento. Mais uma vez, parabéns!

José Humberto Guimarães

Bolsa de Parcerias e Arrendamento de Terras
Uberaba/MG
josehumberto@bolsadearrendamento.com.br

Sempre tive curiosidade em saber sobre a viabilidade de cada negócio: comprar ou arrendar terras. Com base na matéria da edição de dezembro, tive condições de optar pelo negócio que mais se encaixa ao perfil de minha atividade agrícola. Com certeza, foi uma prestação de serviço que vai auxiliar muitos produtores neste País. Parabéns!

Sérgio Romeu de Oliveira

Campo Grande/MS



CONTROLE de pragas e doenças

Muito oportuna a reportagem sobre o controle de pragas e doenças da última edição (dezembro). Embora a grande maioria das doenças das lavouras de verão se repita a cada nova safra, entendo que nunca é demais tornar acessível ao produtor o conhecimento sobre os prejuízos que a falta de um controle rigoroso pode acarretar às lavouras. Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pela qualidade das reportagens publicadas na revista.

Alberto Mendonça Paes

Santa Rosa/RS



A Granja

Sementes de **DESMÓDIO**

Gostaria muito da ajuda dos leitores de **A Granja**. Onde posso adquirir sementes da leguminosa desmódio? Se alguém puder me ajudar, ficarei grato.

João Ângelo Rambalducci

bernu@terra.com.br

Será que vai **CHOVER?**

Meu nome é Silvano Felipetto, agricultor de Sorriso/MT. Estamos preocupados com a falta de chuva em nossa região, o que pode comprometer a safrinha de milho e causar prejuízos às lavouras de soja. Gostaria, ainda, de manifestar minha preocupação em relação à dificuldade em encontrar informações confiáveis sobre a previsão do tempo. Com elas, teremos condições de saber se devemos ou não plantar cedo.

Silvano Felipetto

Sorriso/MT



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo – SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

GERENTES-EXECUTIVOS

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editoria

Luciana Radicione

Chefe de reportagem

Glauco Menegheti

Reportagem

Alexandre Franco dos Santos e Aline Eltz

Revisão

Marcello Campos

Colaboradores desta edição

Alceu Richetti, Gedi Jorge Sfredo, Geraldo Augusto de Melo Filho, José Renato de Almeida Prado, Pedro Henrique de Cerqueira Luz e Valdo Rodrigues Herling

Diagramação

Renato Fachel

Editoração

Jair Marmet

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA

Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre – Maria Eduarda Macedo (gerente RS/SC)

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro – Lobato Propaganda e Marketing Ltda. – Av. Oswaldo Cruz, 99/707 - Flamengo – CEP 22250-060 – Rio de Janeiro – RJ – fone: (21) 2554-8666 – fax: (21) 2554-8650 – celular: (21) 9958-2869 e-mail: sidney.lobato@ig.com.br

Minas Gerais – José Maria Neves

Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222 conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530 Belo Horizonte – MG – fone/fax: (31) 3297-8194 – fone: (31) 3344-9100 celular: (31) 9993-0066 e-mail: jmneves@uai.com.br

Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.

SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa

13º andar – sala 1.301 – CEP 70398-900

Brasília – DF – fone/fax: (61) 321-3440

celular: (61) 9618-1134 – e-mail:

armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004 – Porto Alegre – RS
fone/fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 6,50

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

A propósito da **HOSPEDAGEM**

A serviço de empresa europeia, estive olhando fazenda para comprar ao norte de Cuiabá, alqueiragem conveniente, gema de terra roxa encarçada, instalações passáveis e situações lindíssimas, entre as quais diversas piscinas naturais, de águas cristalinas em leito calcário de rio de bom tamanho, parecendo a região de Bonito, no MS. Fazenda vedada, pastos em colônia verde-escuro com três metros de altura, muita madeira, coisa da melhor supinidade.

A explicação para a inexistência de gado, numa propriedade em condições de engordar mais de 15 mil bois, era a de que as boiadas estavam nas outras fazendas do grupo vendedor. Depois de apurar direito, acabei descobrindo que as terras estão localizadas numa espécie de rota dos gafanhotos. De vez em quando, uma nuvem de bilhões de insetos pinta no pedaço e limpa a fazenda, deixando-a na terra.

Pois é: nosso interior está sujeito a diversas pragas, a mais séria das quais deve ser o hóspede. Li, em algum lugar, que hóspede é a pior praga das fazendas brasileiras. Talvez tenha sido num dos meus livros: preciso confirmar.

Em primeiro lugar, hóspede é sinônimo de convivência. E conviver, como sabe o leitor de **A Granja**, é muito difícil. Se a hospedagem é paga, como nos hotéis-fazendas, a empresa está estruturada para conviver com os chatos. Nos demais casos, misturam-se culturas, educações, hábitos, manias, exigências, horários, gostos musicais - e quem paga o pato é o dono da casa.

Nos anos todos em que suportei hóspedes, descobri aspectos inacreditáveis do comportamento humano. Sabe as latas de refrigerantes? Pois é: apesar da pureza das águas das minas, hóspedes só tomam refrigerantes. Com um pormenor espantoso: abrem as latas, talvez para certificar-se de que estão

mesmo cheias, tomam dois ou três goles e jogam o resto fora.

Raros foram os hóspedes que tomaram todo o conteúdo de uma latinha. É muito mais fácil, ou mais chique, tomar dois goles, deixar o resto para lá e abrir outra latinha, também para tomar dois ou três goles e pinchar o resto fora.

No capítulo dos papéis higiênicos, o procedimento padrão ainda é mais inexplicável. Creio que o hóspede pensa que o primeiro metro do papel, ainda no rolo, é contaminado pelo ambiente do banheiro. Assim, todo hóspede puxa a ponta do rolo, despreza o primeiro metro e, só então, usa o papel que julga necessário para limpeza dos mimos da natureza.

Nas cidades em que há rede de esgotos, ainda se encontra gente capaz de jogar na cestinha do banheiro o papel que acabou de usar. Na roça, onde só contamos com as fossas, cada ida ao trono faz que a fossa receba, além do número um e do número dois, vários metros de papel: o primeiro metro, que é sempre desprezado, e o resto julgado necessário para brunir as partes baixas.

Aí é que está: verbo brunir - tornar brilhante, luzidio, polir, lustrar. Inteligente que sou, embuti na parede um porta-papel de aço inox para dois rolos paralelos, achando que o hóspede usaria um dos rolos até acabar, antes de recorrer ao segundo. Doce e ledô engano: o gasto era tão bem calculado, que os dois rolos, usados simultaneamente, acabavam sempre ao mesmo tempo.

A figura do genro é aquela que todos conhecemos: com raras exceções, não vale um caracol. Na fazenda, conhecemos figura ainda pior: o candidato a gen-

ro, cheio de privilégios, exigências e comodinhas especiais, que toma café da manhã depois do meio-dia e quer jantar depois das 11h da noite. Guarda seu importado na garagem e só usa o carro do futuro sogro. A cavalo, não conhece andamento que não seja o galope. Apesar de montar feito a cara dele, é incapaz de tomar um tombo daqueles que deixam o futuro sogro, por dentro, feliz da vida.

Em matéria de temperamento, pode ser tão perigoso quanto aquele Daniel Cravinhos, que matou a pauladas o casal Von Richthofen, em São Paulo, num crime que horrorizou o País. E o fazendeiro, infelizmente, não tem o poder do general Saddam Hussein al-Kirit, que mandou acabar com a raça dos genros, os irmãos Hussein Kamel Hassan e Saddam Kamel, casados com as lindas Raghad e Rana, aproveitando a embalagem para matar também o co-sogro e mais alguns parentes dos finados genrinhos.

Portanto, numa fazenda, o futuro genro acumula a condição de hóspede, merecendo o tratamento devido aos convidados. Impossível pedir-lhe que leve um empregado ao hospital, que pegue o trator para buscar duas carretas de capim, que ajude o fazendeiro a vacinar a bezerrada - serviços corriqueiros numa empresa rural. O magano acorda ao meio-dia e só quer saber de piscina, salgadinhos, cervejinha e música idiota, num volume insuportável, essas coisas que deixam qualquer fazendeiro doente. Tatuado e de brinquinho, aí mesmo é que a desgraça é completa. ■

Nos anos todos em que suportei hóspedes, descobri aspectos inacreditáveis do comportamento humano. Sabe as latas de refrigerantes? Pois é: apesar da pureza das águas das minas, hóspedes só tomam refrigerantes.

Uma **SENHORA** revista faz aniversário

Glauco Menegheti

*A revista **A Granja** chega a seu 58º aniversário
com fôlego de jovem. Está mais lúcida do que nunca.*

*Prova disso é que, a cada edição,
ela vem oferecendo a seus leitores assuntos
de extrema utilidade para o agronegócio,
sejam eles de teor técnico ou mercadológico.*

*Ter entre os leitores uma terceira geração de assinantes
fiéis é um privilégio, pois nenhuma outra revista
apresenta esse respaldo de fidelidade. O compromisso
de levar a informação correta ao público-alvo continua
igual ao de ontem e será similar ao de amanhã. Cada
edição é um desafio e uma responsabilidade: fazer
sempre um exemplar melhor do que o anterior.*

Procurar o equilíbrio entre tradição e vanguarda ao longo do tempo não é para muitos. Aliás, esse funil inexorável só deixou alguns poucos sobreviventes pelo caminho do mercado editorial brasileiro, entre eles a revista **A Granja**. É a única publicação da década de 40 ainda em circulação no Brasil. Resistiu a planos econômicos, presidentes, crises políticas, entre outros vaivéns da vida pública e privada nativa.

Surgida durante a Segunda Guerra, ela foi ungida pelo impulso mundial renovador, quando se vivia a euforia de estar ao lado dos vencedores. Naquele momento, a agricultura e a pecuária adquiriram um protagonismo na economia mundial. No vácuo foi a **A Granja**, que a partir daí teve combustível para prosperar. Já de cara, no lançamento, emplacou duas novidades. Enquanto a totalidade das revistas se apresentava em tamanho maior, **A Granja** foi lançada em formato “tablete”, inspirada na revista *Time*. Hoje, coincidência ou não, todas as revistas semanais brasileiras e sérias circulam nas bancas com as mesmas dimensões. Também inaugurou a venda por assinatura no mercado nacional, algo corriqueiro hoje em dia.

Ainda nos anos 40, a publicação já abordava assuntos relevantes na agenda atual dos pecuaristas, como inseminação artificial e febre aftosa. Mergulhar nos arquivos das décadas de 50, 60, 70 e 80 é um convite para acompanhar a evolução da agropecuária nacional. Exemplos não faltam: numa das edições de 1956, o Rio Grande do Sul comemorava a safra de 800 mil toneladas de trigo.

Em 1967, uma nova guinada. A marca **A Gran-**

ja muda de mãos, mas o norte da ousadia não é esgotado. Quem adquire o título é a Editora Centaurus, que inaugura um novo ciclo de expansão. Até então, a revista só circulava no Rio Gran-

de do Sul e Santa Catarina, e um escritório em São Paulo foi inaugurado para disputar espaço nacional. Nessa nova fase, a foto de um zebu é estampada na capa, para espanto dos leitores tradicionais da revista. “— Isso é um animal de zoológico”, reclamaram, sem acreditar que no futuro o rebanho nacional seria dominado pelos zebuínos. Também é época dos cadernos especiais. Em 1969, é lançada a edição especial *Quem é Quem na Agropecuária Brasileira*, precursora da atual **A Granja do Ano**. Seguindo a trajetória de reportar os destinos da agropecuária nacional, a revista testemunhou o início da implantação da soja no País, mais precisamente na região de Santa Rosa/RS. Em 1971, são colhidas 1 milhão de toneladas do produto, que logo se expande para todo o País. Em 1972, **A Granja** abraça as bandeiras do cruzamento industrial e do sistema de plantio direto, sendo a primeira revista brasileira a abordar tais temas.

A publicação também foi pioneira ao encarar a produção primária como agronegócio, destacando o que ocorre da porteira da fazenda para fora e as relações estabelecidas nas cadeias de produção. Em 1989, é criada a seção *Agribusiness*, chancelada pela BM&F, e que veio reforçar a preocupação editorial em dar a verdadeira

dimensão da agropecuária nacional, analisando as questões de mercado das principais commodities.

Quando se pensou que **A Granja** estava ultrapassada visualmente, veio a renovação. Um novo projeto gráfico e o papel couchê trataram de reemoçá-la visualmente, estabelecendo a devida sintonia com os assuntos técnicos e de mercado de ponta com os quais os leitores são brindados mensalmente, sem interrupções, há 58 anos. Isso é que é uma “senhora” revista, tão jovem quanto em janeiro de 1945, quando nasceu. ■



Os caminhos do **AGRON**



Na transição entre um governo e outro, quando as expectativas sobre algumas conquistas do agronegócio nacional estão em xeque, A Granja promove mais um grande debate com especialistas de diversas áreas para dissipar os temores e mostrar a realidade, boa ou má, das cadeias de produção de maior envergadura no Brasil. Seguramente, informação é que não faltará.

Hugo Hoffmann (A Granja) — Caros amigos: a revista **A Granja** está completando, neste mês, 58 anos de jornalismo no Brasil e entendeu-se que é preciso oferecer uma pauta muito especial para nossos leitores. Com o objetivo de mostrar uma radiografia do que os profissionais do ramo pensam em termos de presente e de perspectivas para o futuro do agronegócio no Brasil, foram convidadas autoridades de diferentes setores ligados ao campo, para que dessem seus depoimentos. Através desta revista, levaremos ao governo que acaba de ser eleito as sugestões aqui apresentadas: sendo elas bem aceitas ou



NEGÓCIO em 2003



Fotos: A Granja

Participantes	Entidades/empresas
Cristiano Simon	Andef
Daniel Glat	Pioneer
Dario Hiromoto	Fundação MT
David Makin	CFM
Fábio Hayashida	Semeato
João de Almeida Sampaio Filho	Sociedade Rural Brasileira (SRB)
José Aroldo Gallassini	Coamo
José Roberto Da Ros	Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag)
Luiz Hafers	Produtor rural e ex-presidente da SRB
Pérsio Pastre	CNH
Sebastião Costa Guedes	Sindicato Nacional da Indústria de produtos para Saúde Animal (Sindan)
Werner Santos	AGCO

não, será feito um esforço para que isso seja colocado à disposição de todos, em vários níveis.

Esta é uma reunião de trabalho e um encontro de amigos. Na primeira rodada, cada um dos aqui presentes terá a palavra durante 10 minutos e, em seguida, será feito o intercâmbio de informações e o aperfeiçoamento, com perguntas e respostas, do que foi pré-estabelecido. O debate será iniciado pelo produtor rural Luiz Hafers, que durante seis anos dirigiu a Sociedade Rural Brasileira (SRB). Ele tem uma visão bastante abrangente do que é a *agribusiness* do Brasil e qual será, em sua visão, o cenário a ser enfrentado daqui para a frente.



Hugo Hoffmann, diretor-presidente da revista A Granja, coordenou a mesa-redonda que contou com a participação de 12 dirigentes e empresários do agronegócio no Brasil



LUIZ HAFERS

Eu gostaria, em primeiro lugar, falar sobre as coisas importantíssimas que aconteceram na agricultura nesses últimos anos, principalmente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Primeiro, tivemos uma vitória política interna. A agricultura deixou de ser “coitada”, para alcançar um respeito político interno muito grande. Conquistamos nosso espaço político resolvendo os problemas da cesta básica, emprego e problemas de balanço de pagamento. No final desse período, tivemos a grande sorte de ter um ministro como Marcus Vinícius Pratini de Moraes: pela primeira vez, o titular dessa pasta atuou em nível de igualdade com os demais ministros. Sem desdouro a esses outros, mas havia certa timidez em enfrentar os ministros da área econômica. Pratini o fez com convicção e coragem. Primeira vitória.

A segunda foi dar-se conta de que o governo é parceiro, não tutor. A agricultura entendeu que a tutela do governo era caríssima, como toda a relação entre protegido e protetor, em que este último é o pior inimigo. Com muito esforço, conseguimos nos livrar do preço mínimo de garantia e de financiamentos mal feitos, que eram cobrados com cotas, confiscos, tabelamentos e atrasos. Hoje, queremos e temos uma relação de parceria e não de tutela.

O terceiro fato que considero muito importante é que o Brasil ou sou enfrentar o mundo capitalista hegemônico e, por que não dizer, imperialista. Até ocorrer a queda do muro de Berlim, havia uma dicotomia entre esquerda e direita e qualquer

crítica que se fizesse a nosso lado, à Europa ou aos Estados Unidos, era considerada uma campanha de esquerda. Não era. Acho que os senhores não têm dúvida de minhas convicções conservadoras, mas meu nacionalismo é ativo, a favor do Brasil e não contra os outros, como fazia a esquerda ressentida. O governo foi à luta na Organização Mundi-

al do Comércio (OMC), e esse foi outro arranco muito grande da agricultura.

Em um espaço mais longo, nesses últimos dez anos, a agricultura saiu de uma condição de extração, proprietária e patrimonialista, digna de nossa origem luso-católica, quando derrubávamos o mato, extraíamos a fertilidade e achávamos que éramos agricultores, para uma agricultura de conversão de fertilizante e não mais de extração de fertilidade. O cerrado está aí, não mudou-se a área plantada, mas sim a geografia plantada. Sem medo de exagerar, considero o cerrado a maior descoberta da agricultura do século passado. Acredito que o próximo passo serão os transgênicos e a nova agricultura irrigada. Eu tenho café irrigado na Bahia: os resultados são fantásticos e só agora nos demos conta de que os níveis de produtividade que tínhamos no Paraná chegaram ao teto por falta de água, como ocorreu em 2002. Então, temos desafios internos.

A Granja — Gostaríamos que o senhor se aprofundasse um pouco sobre o café, uma *commodity* que, aparentemente, não está obtendo os mesmos preços das demais, como o milho, algodão e soja. O senhor é um *expert* nesse tema, dê seu depoimento.

Luiz Hafers

O café tem um problema: os altos preços produzem grandes plantações novas, que só entram em produção quatro, cinco, seis anos depois, quando os preços não valem mais. Então, acumulam-se estoques. Quando as lavouras caem de produção, os estoques mascaram e aí chegamos ao fim do ciclo sem café, sem produção e com os preços explodindo. Estamos no início de uma nova corrida dessas. Tenho insistido muito que devemos ser mais inteligentes e tomar ações anticíclicas e não pró-cíclicas. A



Luiz Hafers, produtor rural e ex-presidente da SRB

primeira delas é em relação ao financiamento. Por exemplo: vamos financiar estoques de café para carregá-los, pois as safras são alternadas e, agora, em decadência. Esses estoques e financiamentos deviam ser, automaticamente, prorrogados quando o café atingisse preços horríveis como o de US\$ 50. Ele foi a US\$ 30. Financiando esse café, ele devia ser, automaticamente, vencido quando chegasse a US\$ 100. O sujeito que quer especular tem todo o direito, mas não o dinheiro do governo para fazer isso. Espanta-me que coisas tão óbvias sejam desconsideradas.

O Brasil saiu do ciclo de alta produção, essa safra de 45 milhões de toneladas, e em 2003 vamos colher abaixo de 30 milhões de toneladas. Fizemos um esforço enorme de mercado, passamos a ocupar 30% do mercado mundial e vamos exportar até 28 milhões de sacas neste ano, arrasamos a concorrência por nossa competência e, principalmente, auxiliados pelo câmbio. A América Central está destrocada e o concorrente hoje, no robusta, é o Vietnã, mas também já passou de seu pico.

O que nos preocupa, agora, são intervenções por conta das deformações. O CNC, do qual sou vice-presidente, caminha no sentido de fazer confisco cambial e intervenção. Isso é uma burrice e uma desonestidade intelectual a toda prova. Acho que temos condições de mandar no negócio de café e essa lide-



Bons preços e maior qualidade é o cenário para o café



rança tem que ser exercida. Uma das coisas que mais me preocupa no próximo governo é a forte tentação ao imposto de exportação. No entanto, o café passa por uma fase muito boa. Crescem os preços, a produtividade e, sobretudo, a qualidade. Creio que até dezembro de 2004 vamos ter um mercado alternado e ascendente. Nesse caso, há um grande perigo do café ir a US\$ 200, US\$ 300, e vamos repetir a corrida outra vez.

A Granja — Se fala muito que o Brasil precisa fazer um marketing mais agressivo no café. Qual a sua opinião?

Luiz Hafers

Não apenas concordo, como isso já está sendo feito. Como vendíamos café para o IBC, a qualidade era irrelevante, pois ele comprava tudo. Uma geração inteira de agricultores achou que o consumidor era um estorvo. Bom mesmo era o governo dar câmbio, juro barato e comprar todo o lixo, e nós paranaenses fomos os grandes culpados disso. Hoje não: temos feito um esforço muito grande. O café, mudando para o cerrado por razões de clima, é excepcional. O Brasil passou a 27 milhões de sacas de exportação também por causa da qualidade. A Associação dos Cafés Especiais tem feito um esforço muito grande. Há críticas dizendo que a margem é muito pequena. O volume é pequeno. Mas o vinho francês é considerado no mundo inteiro. Estamos fazendo esse grande esforço de marketing do café, e o Brasil tem conquistado mercados, arrasado concorrentes e sofrido críticas.

JOSÉ AROLDO GALLASSINI

Eu tive a oportunidade de ser idealizador e fundador da Coamo, desde os primeiros plantios de trigo e de soja no Paraná. Tenho preocupação no que se refere à pesquisa. A idéia do novo governo é fazê-la somente com produtos dos pequenos agricultores, cultura de mercado interno ou algo assim. Nós sempre pecamos muito em termos de pesquisa agrícola, pois sempre faltaram recursos. Hoje, temos uma pesquisa agrícola muito boa, a partir da criação do Coodetec, no Paraná, que está lançando a maioria das variedades de soja e trigo, sendo que a Coamo contribui mais por



José Aroldo Gallassini, diretor-presidente da Coamo

ser maior. Mas o governo não pode sair dessa área porque nem todas as áreas são organizadas como a de soja e trigo. A pesquisa é então muito importante. Outro assunto interessante é o seguro agrícola. No Brasil, tivemos o Proagro, que foi um desastre. Acho que, no Proagro, o produtor foi o principal culpado, dando informações erradas sobre as frustrações de safras, levando o governo a desistir da idéia. O Proagro era uma proposta boa de seguro, mas foi deturpada, e existe quase que somente no papel. Mas outros seguros estão surgindo: o do Banco do Brasil, Vera Cruz e Cosesp, que estão tentando entrar na área agrícola, o que é muito difícil. O produtor só procura fazer seguro agrícola da lavoura de risco, como trigo e milho safrinha. Milho de verão já é mais difícil, assim como a soja, pois dificilmente se colhe soja para pagar o custeio. Gostaria de lançar como idéia o seguro agrícola do ano, ou seja, que contemple soja, milho verão, milho safrinha, trigo, café e outros produtos, com taxas mais acessíveis.

Hoje o seguro da lavoura de verão pesa 4% a 5% do orçamento e o da lavoura de inverno e

do milho safrinha é de 10% a 13%, o que o torna proibitivo. Mas para implantar esse seguro, o governo teria que acenar com uma participação na redução dessa taxa e, num segundo momento, se afastaria para possibilitar a formação de um seguro agrícola independente. Se resolvermos o problema do seguro agrícola de uma forma inteligente, não teremos mais risco na agricultura.

Do governo se espera ainda a questão de recursos. Infelizmente, podemos contar nos dedos o número de agricultores que têm recursos para tocar uma lavoura. Como

presidente de uma cooperativa, eu me preocupo muito com isso. Na área da comercialização da produção agrícola, que não depende do governo, ainda estamos engatinhando. Por exemplo: se o produtor é exportador para uma multinacional, ele pensa que está exportando, mas a multinacional está aqui também e isso vale para todas elas, Cargill, Bunge e outras mais. É um tipo de exportação mas não é venda direta lá fora. Outra coisa que precisa ser desenvolvida para poder estar no mercado é o trabalho em bolsa. No caso da Coamo, a Bolsa de Chicago.

Em uma cooperativa isso é muito difícil, pois podemos vender se o produtor fechar o produto. Se você tiver cobertura em bolsa, estará sempre com uma ponta amarrada, então você vende. Essa é uma negociação antiga, mas no Brasil



No Brasil, o seguro agrícola é mais usado nas lavouras de risco





Moderfrota permite a compra de máquinas modernas, contribuindo para o aumento da produtividade

são poucas as empresas que a fazem. Na questão dos transgênicos, recebemos recentemente na Coamo um grupo de empresários alemães, suecos, dinamarqueses e franceses, para preparar as vendas para este ano. Infelizmente, eles buscam soja não-transgênica, mas não querem desembolsar mais pelo produto. Conseguimos apenas garantir o acréscimo de US\$ 1 para cobrir despesas de análise da soja. Entendo que os organismos geneticamente modificados precisam ser liberados, caso contrário os produtores serão prejudicados, pois buscarão sementes do Rio Grande do Sul e um pouco da Argentina, Bolívia e Paraguai. Para que possamos segregar, separar o produto convencional, precisamos de autorização. Hoje eu não posso fazer isso. O que os franceses querem, e eles são os mais radicais contra os transgênicos, é um contrato com o produtor, mas não há como fazer contrato com um produtor para uma atividade que é proibida. Então a liberação é necessária para que o contrato possa ser feito. Acredito que quando isso acontecer no Brasil, a Europa não vai ter como não usar OGMs, pois a própria França já consome 50% de transgênicos e planta soja transgênica. Essa é uma discussão que está perdendo força. Os próprios franceses afirmam acreditar que não haverá problema quando, nos próximos dois ou três anos, for confirmado que os OGMs não fazem mal à saúde e ao meio-ambiente. Com a liberação, o produtor terá a liberdade de optar pelo produto não-transgênico, orgânico, transgênico ou convencional. E digo mais: a discussão dos transgênicos

é, em primeiro lugar, ambiental. Os ambientalistas não aceitam um gene animal injetado em um produto vegetal, que é o caso da bactéria da soja. Eles não aceitam isso porque daqui a 100 anos pode ocorrer algum problema. Em segundo lugar, o problema é político e ideológico porque só vemos políticos de esquerda serem contra. E o terceiro, que eu acho que é o mais pesado, é o econômico, porque grandes empresas multinacionais que tinham herbicidas, inseticidas e tudo o mais, de repente ficarão na mão da Monsanto, que produz as sementes.

Outra preocupação em relação ao novo governo é o MST. Precisamos lutar pela preservação da propriedade privada. Todos somos a favor da reforma agrária, mas há uma forma de se fazer a reforma sem esses movimentos. Estamos vendo que há grandes propostas de invasões e isso nos preocupa. Vamos conversar com o governo porque queremos a reforma agrária, mas com respeito à propriedade privada.

PÉRSIO PASTRE

Gostaria de abordar o segmento das máquinas agrícolas e a questão do mercado interno, especificamente sobre recursos

para investimentos. Nossa visão é de que a agricultura é uma atividade muito generosa, pois temos no Brasil um clima propício, água, terra e mão-de-obra. Mas ela é também rebelde. Por exemplo: no mercado, quando algo desafia a agricultura, naturalmente o mercado paga um preço elevado. Em quase todos os planos econômicos, não se teve o cuidado de fazer um casamento das dívidas dos passivos do setor agrícola com a receita. Sempre a agricultura foi pega no contrapé, o que a impossibilitou de fazer investimentos.

A mesma coisa acontece na indústria, mas nesse setor, de certa forma, é possível administrar parte da atividade, como o fluxo de produção, por exemplo. Se temos alguma situação muito difícil de fornecimento, podemos bloquear a entrada de material na empresa. Na agricultura isso não ocorre. Uma vez iniciado o processo, não dá para retroceder, por isso ela é uma atividade de risco e precisa sempre ser tratada de uma forma geral, envolvendo todos os aspectos, mesmo nas áreas de pesquisa, crédito e comércio exterior, com regras claras e fixas e visão de longo prazo. Percebemos, durante alguns anos, por exemplo, que o agricultor comprava uma máquina, mas a dívida, paga em quatro ou cinco anos, era corrigida por algum índice cujas correções criavam distorções, em função da receita do agricultor. Dessa forma, ele conseguia pagar apenas uma



Pérsio Pastre, diretor de Relações Externas da CNH



ou duas prestações: não raro, mesmo tendo liquidado-as, devia três prestações e o saldo devedor era maior do que o preço da máquina em uma revenda. Aqueles que cuidam da economia do País precisam ter um pouco mais dessa percepção diferenciada e entender como é a economia agrícola, que é muito diferente da indústria e do comércio.

Em função disso, as empresas trabalharam bastante e buscaram um programa capaz de dar ao agricultor um pouco mais de elasticidade no prazo e, principalmente, juro pré-fixado. Então, em 1996, criou-se um programa de juros fixos a 11,95% ao ano, que deu um pouco mais de fôlego ao agricultor para fazer investimentos. Mas ainda não era uma taxa adequada e não havia previsão de recursos. Já o Moderfrota, criado em 1999 e impulsionado a partir da Agrishow, em Ribeirão Preto/SP, foi um programa mais realista, dentro da visão da necessidade da agricultura. Desde então, tem funcionado muito bem e os financiamentos alcançam um total de R\$ 2,6 bilhões em todo o País.

Apesar de algumas dificuldades burocráticas, dá para reconhecer que esse programa teve como mérito a previsibilidade, ou seja, saber que há uma regra fixa e recursos. Isso permite que todos os agentes econômicos trabalhem em função da disponibilidade desse programa. O Moderfrota possibilitou que máquinas velhas pudessem ser substituídas no campo, gerando mais produtividade e menos desperdício, principalmente na colheita. É interessante observar que esse crescimento de vendas no mercado interno foi acompanhado por uma redução muito grande nas importações. Falando como estimativa, a importação de tratores e colheitadeiras em 1999 somou US\$ 111 milhões. Em 2000, foi importado o equivalente a US\$ 95 milhões, em 2001 foram US\$ 52 milhões e 2002 deve ter fechado em US\$ 25 milhões. Essa redução ocorreu porque houve uma substituição. Ganhamos uma economia de escala que permitiu às indústrias investir na nacionalização das máquinas. Hoje, temos aqui colheitadeiras em nível tecnológico igual às da América do Norte, Europa, assim como tratores de até 270 cv. Ao mesmo tempo, esse fôlego permitiu à indústria explorar a exportação de suas máquinas. Em 1999, exportamos US\$ 450 milhões, entre tratores e colheitadeiras. Em 2000, fomos para US\$ 465 milhões. Em 2001,

passou-se a US\$ 548 milhões e para 2002 a estimativa era de US\$ 620 milhões.

Obtivemos um resultado fantástico, permitindo essa renovação e nacionalização de máquinas na agricultura, diminuição da importação e aumento da exportação. Os recursos disponíveis para 2002 encerraram no final de outubro e conseguiu-se uma verba adicional de R\$ 790 milhões, mas para vencer a burocracia teve que mudar a lei brasileira de 1992, cujo artigo proibia fazer equalização antecipada do Tesouro para o BNDES. Quanto a 2003, temos a informação do ex-ministro Pratini sobre mais R\$ 1 bilhão para completar o ano-safra, de janeiro a julho, mas isso ainda depende, naturalmente, de uma confirmação do Tesouro. Se houver recursos disponíveis, com regras claras e fixas, como tivemos até aqui, esperamos para este ano um crescimento entre 3% e 5%, o que é um índice bastante bom pelo patamar que alcançamos. Naturalmente que a minha empresa espera crescer mais do que isso, pois devemos ganhar participação de mercado.

JOÃO DE ALMEIDA SAMPAIO FILHO

Hoje temos uma necessidade imperi-



Quadro de escassez do milho deve continuar em 2003

osa de exportar. A Sociedade Rural Brasileira tem trabalhado e discutido ações que possam melhorar e fazer crescer nossas exportações de produtos e máquinas agrícolas. Para isso, precisamos ter aqui, sem dúvida, uma reforma tributária. E quando falo em reforma tributária, é importante lembrarmos da importância que tem a união dos agentes envolvidos com todo o setor para que se consiga convencer não só a população, mas também os dirigentes, sobre a importância do agronegócio. Temos esperança de conseguir mostrar, ao novo governo, que não pode haver diferença entre pequeno e grande produtor, que não se pode prestigiar o pequeno e deixar de prestigiar o outro. Temos que tentar trabalhar para mostrar a importância dos dois, e na reforma tributária isso é fundamental também.

A SRB tem muita preocupação quanto a taxas de importação de produtos agrícolas, cotas de exportação de produtos e toda a gama de opções que isso pode gerar. Precisamos estar atentos e unidos para que isso não ocorra. O agronegócio tem sido a grande mola propulsora da economia brasileira e precisamos mostrar isso para a sociedade. Por isso, a reforma tributária é um ponto em que devemos atuar juntos.

Evidenciamos também a importância do crédito agrícola, tal como foi feito nos últimos anos, com juros fixos, mas temos solicitado aumento do volume de crédito. Isso não é



João de Almeida Sampaio Filho, presidente da SRB



uma coisa tão simples, mas vai depender de seguro agrícola e da Bolsa de Mercadorias & Futuro. Temos a esperança de que o novo governo entenda quem é o setor rural empresarial e prestigie a micro e pequena propriedades, para que possam ser assistidas com créditos agrícolas diferenciados. Em relação à política fundiária, a SRB também tem uma atuação histórica. Não basta dizer que, em nossa opinião, a propriedade produtiva é intocável porque isso já está na Constituição. Precisamos atuar de forma presente no novo governo, mostrando que é preciso modernizar-se. A reforma agrária feita no governo de Fernando Henrique Cardoso foi a maior do mundo, mas eu acredito que não foi o modelo ideal e que o tema *reforma agrária* hoje é ultrapassado no mundo. O acesso à terra é importante, mas ele pode ocorrer de diversas formas, não necessariamente através de desapropriações, a um custo altíssimo aos cofres públicos, mas através do Banco da Terra e de parcerias rurais, que têm sido projetos de muito mais êxito que as desapropriações.

O próprio presidente da República disse, recentemente, que cerca de 80% dos assentados brasileiros não sobrevivem sem ajuda mensal e oficial do governo brasileiro. Segundo palavras de Lula, cerca de 80% dos nossos assentados são aposentados e funcionários públicos. O modelo de reforma agrária no



É preciso ampliar a quantidade de abates no País

Brasil está ultrapassado e precisa ser substituído. Cabe a nós, participantes desse jogo, mostrar ao governo que existem outras formas de se proporcionar acesso à terra, mas para quem sabe e tem competência para produzir.

A questão de logística, como colocada aqui pelo José Aroldo Gallassini, é fundamental. Eu tenho uma ligação forte com o Estado do Mato Grosso, e o governador Blairo Maggi disse que a única coisa que ele quer do governo federal são três mil quilômetros de estrada para aumentar em 50 milhões de toneladas a produção de grãos, ampliando em mais de 200% a arrecadação do ICMS estadual e gerando 200 mil empregos, que por sua vez resultarão em outros tantos milhões de aumento na economia estadual. É uma proposta completamente nova, diferente, mas que mostra a importância da logística para a produção de alimentos no Brasil.

A política ambiental é uma questão que também nos preocupa com relação ao novo governo. Por posições ideológicas, tomadas ao longo desses últimos anos, temos que atuar de uma maneira muito clara nesse aspecto. Quanto aos transgênicos, a Sociedade Rural Brasileira é francamente favorável à regulamentação imediata. Estamos correndo sério risco de perder o mercado chinês a partir deste mês, não por produzirmos transgênicos, mas porque não temos como certificar que nosso produto não é transgênico.

Para encerrar, eu gostaria de ressaltar a importância, nesses próximos anos, da união do setor. Duas entidades têm caminhado juntas nesses últimos meses: uma delas é a Rural Brasil, que está reunindo, para conversas e atitudes, a Sociedade Rural Brasileira, a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária, a Organização das Cooperativas Brasileiras e várias outras entidades, com o objetivo de que tenhamos posições únicas com relação a questões macroeconômicas. A outra é a Abag, que reúne a ca-



Cristiano Simon, presidente executivo da Andef

deia produtiva. Precisamos trabalhar fortemente isso.

Levamos ao novo governo propostas e diagnósticos do setor primário brasileiro. É necessário que o setor seja fortalecido pois, se conseguirmos atuar juntos nessas questões macroeconômicas, termos uma voz muito maior, sem dúvida.

CRISTIANO SIMON

Inicialmente, vou considerar uma constatação importantíssima que o Luiz Hafers fez na abertura de sua explanação, sobre a área plantada de grãos no Brasil, que vem permanecendo estável por quase dez anos, enquanto a geografia foi o que mudou, em função da avançada tecnologia introduzida, principalmente na região do Cerrado. Não há dúvida de que, sem forte tecnologia para o uso de solo e fertilizante e controle de pragas e ervas daninhas, essa agricultura seria impossível. O cerrado é hoje a grande esperança para transformar nosso País, mais uma vez, em um grande celeiro, e nosso setor tem participado, com muito orgulho, de programas intensivos para introduzir processos de manejo integrado de pragas. Temos trabalhado muito no sentido de garantir a qualidade de nosso alimento, tanto para consumo doméstico quanto para exportação, tendo em vista a segurança no uso pelo aplicador e, na-



turalmente, a segurança alimentar em relação à qualidade desse produto.

Muitas vezes, surgem interpretações de que nosso setor toma decisões ou posturas protecionistas em relação à abertura desse mercado. Gostaria de comentar que, ao contrário de qualquer protecionismo, temos liderado o programa de qualidade dos alimentos, através de conceitos fortes no registro dos produtos e de um nível de exigência que se compara e, eventualmente, até excede o dos países do Primeiro Mundo. Esses, aliás, são nossos grandes clientes. Não podemos correr o risco de exportar produtos que possam ser embargados por problemas de qualidade, resíduos ou impurezas nos insumos utilizados.

Nos últimos três anos, temos investidos no País nada menos que US\$ 1 bilhão em novas fábricas, que garantem o suprimento aos agricultores brasileiros. Não adianta também você lançar mão de um produto barato que venha da China ou de algum outro país asiático, mas que não garanta já na segunda oportunidade ou segunda safra a confiabilidade do fornecimento. É preciso ter fábricas locais, investimentos locais, estações experimentais e milhares de engenheiros agrônomos, recolher as embalagens por força de lei e dar a elas um destino. Isso um outro país, oportunista, talvez não viesse a fazer. São procedimentos importantes tanto do ponto de vista de qualidade quanto de segurança alimentar e política ambiental.

Eu gostaria também de fazer uma constatação bastante enérgica em relação ao tema dos transgênicos. Nosso setor não apenas apóia o programa dos transgênicos e a necessidade da regulamentação dos produtos geneticamente modificados no Brasil, como também ressalta que o assunto é diretamente vinculado a nossa indústria, ou seja, são as mesmas empresas que desenvolvem e comercializam defensivos agrícolas. Somos também produtores de grande parte das sementes transgênicas, não só aquelas que têm efeitos biocidas, mas até outros transgênicos que produzem vegetais com mais proteínas, mais vitaminas. A Andef pertence a uma rede de associações que propaga a utilização simultânea dos defensivos químicos com os OGMs, para melhorar a qualidade e baratear o custo da produção agrícola ao redor do mundo, de modo que não há nenhum conflito nesse sentido. Advoga-



Segurança alimentar e política ambiental são temas levados a sério pelo setor de defensivos

mos junto às autoridades em prol da liberação dos transgênicos. Temos questionado autoridades sobre o assunto e estamos assumindo o tema através de nossa associação. Isso é público e tem que ser reiterado. O novo presidente da República já declarou publicamente que os OGMs vão permanecer em moratória durante os próximos quatro anos. Não devemos nos contentar com essa afirmativa, e sim continuarmos a trabalhar para mudar a opinião do presidente e, eventualmente, ter um parceiro nos ministérios pertinentes ao assunto. Nossa indústria tem conhecimento de que alguns produtos transgênicos diminuirão determinados mercados de pesticidas, herbicidas e inseticidas mas, por outro lado, contribuiremos com sementes de melhor qualidade, do ponto de vista da produção agrícola, meio ambiente e saúde pública.

DANIEL GLAT

Eu vou dividir meu tempo para falar de dois assuntos que foram trazidos a este debate e com os quais minha empresa tem bastante envolvimento: milho e transgênicos. Em relação aos estes últimos, com certeza falta no Brasil um discurso muito mais contundente. Todos as grandes nações produtoras agrícolas plantam OGMs, com exceção do Brasil e de alguns países da Europa.

Estados Unidos, Canadá, Argentina, África do Sul, China, Índia, todos estão no processo de liberar e comercializar diferentes produtos transgênicos.

No Brasil, legalmente, não plantamos e ainda somos proibidos de fazer pesquisa. Há dois anos que o País não consegue implantar qualquer empresa dentro de uma estação de pesquisa, em função da burocracia dos protocolos das várias instâncias para um ensaio de 20 m². Os argumentos hoje utilizados no País para se proibir os transgênicos são fracos.

A questão do mercado para os transgênicos, na minha opinião, é uma grande bobagem. Os Estados Unidos e a Argentina exportam para mundo a soja que querem. Basta olhar a taxa de crescimento da exportação brasileira de soja nos últimos cinco anos e a argentina. Só há uma diferença: os brasileiros exportam grão e os argentinos farelo. Fora isso, as taxas de crescimento de exportação de ambos os países são iguais. Os Estados Unidos e a Argentina exportam, juntos, três vezes mais soja do que nós.

Se há uma cultura que poderia se beneficiar por não plantar OGMs é o milho, porque somos novos nesse mercado de exportação. Acho que o fato de sermos um País onde não há contaminação do transgênico de milho talvez pudesse ser um bom argumento para abrir o mercado internacional à export-





Daniel Glat, diretor-executivo da Pioneer Sementes

tação, caso a produção brasileira aumentasse. Fora isso, soja e algodão são culturas auto-polinizadas, não cruzam com o meio ambiente. As empresas, como por exemplo a Pioneer, parte do Grupo Dupont, se não venderem soja roundup estarão vendendo herbicida para soja. Então elas não dependem da liberação dos transgênicos no Brasil para sobreviverem. Já os produtores brasileiros, no caso da soja, todo ano transferem US\$ 300 milhões a US\$ 400 milhões à indústria, pois plantam com dois ou três herbicidas, em vez de usar glisofato. Na minha opinião, isso é uma coisa muito séria, pois o produtor é quem está pagando a conta, não é a indústria nem mais ninguém. Para o mercado internacional, essa situação é superconfortável, pois o mercado compra soja transgênica dos Estados Unidos e da Argentina, e quando houver algum cliente que queira soja não-transgênica, busca no Brasil e compra sem pagar prêmio.

Outra opinião que tenho a registrar, e que já discuti bastante com o Simon, da Andef, é o fato de que a iniciativa privada é um dos grandes responsáveis pelo fato dos transgênicos não terem avançado no Brasil. As empresas de sementes geradoras do produto atuaram mal, principalmente em um assunto que deveria ter sido discutido sempre na primeira pessoa do plural mas que foi conduzido na primeira pessoa do singular, e isso acirra

os ânimos de quem é contra a tecnologia. Erramos bastante, acho que as *tradings* não se posicionam muito e que as entidades representativas do produtor rural também atuaram pouco. O produtor brasileiro é, disparado, o maior prejudicado. Atuamos de forma fragmentada. Hoje, se formos olhar como é desenvolvido o trabalho de transgênicos no País, veremos que existem cinco ou seis milícias diferentes. Tem um grupo discutindo regulamentação do meio ambiente, há a Associação Brasileira da Indústria da Alimentação discutindo a

questão do nível de transgênicos nos alimentos, a Associação dos Produtores de Algodão do Mato Grosso tenta liberar o algodão para as indústrias, e existem empresas particulares tentando fazer o trabalho. Precisamos com urgência criar uma frente única para discutir o assunto, não do ponto de vista da indústria, mas do ponto de vista do produtor brasileiro e do quanto ele perde pelo Brasil estar nesse atraso em relação à tecnologia dos transgênicos. Acredito que o jogo mudou totalmente. Até o final do ano, o problema era apoio em nível de governo e dificuldades burocráticas em nível de segundo, terceiro e quarto escalões para se conseguir as coisas. Agora mudou.

Pode até ser que o juiz dê voto favorável à soja roundup, mas há um governo e toda uma decisão, pois a conversa saiu do varejo para o atacado. A discussão precisa ser de alto nível, contundente, em cima da economicidade do produtor brasileiro.

Sobre o milho, gostaria de

comentar que estamos passando por uma escassez muito grande, como todos já sabem. Minha opinião é de que esse quadro vai estender-se durante todo o ano de 2003. O Brasil plantou no ano passado a menor área de milho dos últimos 20 anos, se não a menor de toda sua história. Em 2001, já havia ocorrido uma diminuição violenta na área cultivada. Em 2002, deve ter caído na faixa de 7% a 8% na média do País. Com exceção do Paraná, o plantio foi mal, largou mal, o Rio Grande do Sul largou com muita chuva e o Brasil Central com um atraso de mais de um mês em algumas regiões. A esperança que se coloca à cadeia do milho é a safrinha, mas trata-se de uma cultura de risco, basta ver a taxa que se cobra para o seguro agrícola. No Brasil, ela está prejudicada, na maioria dos lugares, pelo atraso no plantio da soja precoce. Em 2001, o saco de milho era vendido a R\$ 6 ou R\$ 7 quando tinha comprador: naquele ano, os produtores brasileiros tomaram uma decisão sem conversarem uns com os outros, mas que se espalhou pelo Brasil inteiro. O produtor brasileiro, nos últimos anos, profissionalizou-se muito e está dizendo para o mercado “— *Se eu estou me profissionalizando, vou lidar cada vez menos com um mercado amador e não profissional, como é o mercado do milho em grão no Brasil*”. Quando estava aquele preço de R\$ 6 ou R\$ 7, fizemos uma série de esforços junto à indústria dizendo assim: “— *Gente, se pagarem R\$ 10 agora, vão evitar de pagar R\$ 17 ou R\$ 18/saco no ano que vem*”. Nós só erramos no valor, que foi superior a R\$ 18. Há duas



Índices de sanidade animal no Brasil ainda deixam muito a desejar





Irrigação é a tecnologia que contribuirá para o aumento da produção de grãos em todo o País

coisas muito sérias no milho e que precisam ser entendidas: primeiro, é que dois terços dos agricultores que plantam milho no País são produtores de soja e têm nela sua atividade principal. E trabalho com o milho há 20 anos e não conheço nenhuma fazenda brasileira cujo plantio de milho grão seja a principal atividade da propriedade. Ou é soja, ou é leite, ou é frango, ou é café, ou é boi, ou é batata, ou é feijão, mas jamais o milho é a cultura principal. Apesar de toda a importância que o milho tem para o plantio direto e para a rotação de culturas, na formação de palha, o produtor brasileiro sobrevive sem plantar milho. O que ele fez nos últimos dois anos foi dizer ao mercado: “— *Se o mercado for tão desorganizado como tem sido até hoje, nós vamos plantar cada vez menos milho e cada vez mais soja. Porque com a soja temos dinheiro na conta 24 horas do dia, é cotada em dólar, faz-se venda futura, financia-se com as tradings, faz-se de tudo com a soja. E com o milho, hoje, se quisermos fazer um preço para a colheita para acenar aos produtores, é difícilíssimo*”. O milho mudou a partir de 2001, com o início das exportações, e a Coamo teve uma grande participação nisso. A história da exportação do milho está mudando a situação, pois o Brasil exportou milho, o mercado internacional gostou do produto e agora, principalmente com o dólar em alta, o preço mínimo no Brasil vai ser para exportação, não há

como escapar disso. Quando o câmbio estiver alto, o preço também estará alto. Então, o que ocorreu? Nos anos de 2000 e 2001, as indústrias de suínos e aves obtiveram resultados fabulosos, expansões e investimentos, porque eles faziam a conta em cima do milho a R\$ 7 a saca. Hoje estamos lidando com o milho a R\$ 25 a saca e acho muito difícil ele ficar mais barato neste ano. Acho que o governo e a cadeia produtiva deveriam organizar-se, urgentemente. Faltam algumas coisas muito claras a serem resolvidas. Por exemplo: que seja possível fixar na época da colheita o mínimo de preço futuro em milho, assim como se faz com a soja, ou se conseguir um pouco de financiamento pelo pouco de milho que está fixado. Isso é uma necessidade. Já o seguro agrícola para uma cultura igual ao milho, mesmo no verão, é muito importante. O milho é uma cultura onde se coloca muito dinheiro e se perde rápido, por causa do clima. Seria fundamental que contássemos com um seguro agrícola mais abrangente. A soja com o preço de Chicago e com o câmbio do Como poderíamos imaginar que o milho estaria a R\$ 20

a saca e o produtor diria: “— *Não vou plantar milho, vou plantar soja pois ela está a R\$ 40 a saca*”. E o grande problema será sentido na indústria de aves e suínos: tão cedo não vai ser encontrado milho a R\$ 6 ou R\$ 7 novamente. Se ele baixar a esses valores em um ano, nos próximos chegará a R\$ 30 nos dois ou três anos seguintes. Acredito ser necessário conseguir juntar compradores das grandes indústrias, cooperativas que fazem grandes movimentos com o milho, iniciativa privada e se tentar achar uma solução para a cultura. A solução, com certeza, será o costume de se trabalhar com o preço alto da cultura. Pode não continuar nos R\$ 25, mas dificilmente vamos voltar a ver preços de R\$ 6 ou R\$ 7. Uma outra colocação que posso fazer é em relação à produtividade, que vem crescendo, e à tecnologia empregada no milho. Hoje plantamos menos área do que há 10 ou 15 anos e produzimos quase o dobro de milho em relação ao que se produzia. Quando comecei a trabalhar na Pioneer, há 15 anos, procurávamos um produtor e fazíamos um programa para ele produzir 100 sacos por hectare, era um grande desafio. Era um marco de produtividade. Hoje, eu diria que a média dos bons produtores brasileiros está na faixa dos 140 ou 150 sacos/hectare, obtidos tranqüilamente. Minha empresa atende reclamação de produtores que colheram 120 sacos por hectare e querem saber o que houve de errado, se foi adubação, espaçamento ou plantio. A tecnologia do milho está mudando muito, o produtor pouco tecnificado está saindo da atividade. Se comentou em taxar as exportações de milho. Se querem um jeito de fazer realmente os produtores pararem de plan-



Discussão sobre os transgênicos deve ser essencialmente técnica



tar, é esse. Essa é a iniciativa que vai fazer com que todos desistam da cultura.

João de Almeida Sampaio Filho

O produtor de milho, depois de anos perdendo dinheiro, agora, no primeiro ano que está ganhando dinheiro, está ouvindo sobre confiscar milho e baixar o preço do produto. Entendo que o problema não é baixar o preço, e sim suprir as indústrias de frangos e suínos de alguma forma, sem que seja obrigatória a queda dos preços ao produtor. Vamos pensar em formas, como o Prêmio para Escoamento de Produto, que é feito para equalizar o preço do milho. Fazer um PEP invertido para as indústrias de frangos e de suínos, sem que se abaixe o preço ao produtor. Acho que a discussão caminhou para o lado do preço alto. Ele está caro para quem? Para quem está comprando, mas não necessariamente para quem está produzindo. Isso é o que todas as entidades rurais têm que deixar muito claro. O milho precisa ter esse preço para que o produtor produza. A SRB é contra qualquer medida a favor da queda dos preços do milho, não temos que fazer isso. Precisamos, sim, gerar condições para que as indústrias produtoras de proteína animal ou de milho e soja beneficiada façam uso, de alguma forma, através de tecnologia financeira, para se obter matéria-prima mais barata. Não que isso tenha que acarretar baixa do preço do produto. Acho que a saída, pensando em cadeia produtiva, é buscar uma revitalização financeira para a situação do milho, via Tesouro Nacional, Governo Federal. Nós, produtores, não podemos bancar ou subsidiar o preço final do frango ou do suíno, isso tem que ser feito pelo governo. O mercado de frango que o Brasil conquistou foi muito grande, importantíssimo, mas isso precisa ser assimilado pelo Tesouro.

WERNER SANTOS

A questão do financiamento do Moderfrota foi muito bem abordada. Eu diria que outras coisas aconteceram no setor de máquinas agrícolas nos últimos três a cinco anos. Saímos de 1998/1999 com 21 mil equipamentos no mercado local, entre tratores, colheitadeiras e alguns implementos. Neste ano chegaremos a 42 mil unidades, o que é praticamente o dobro. Quando olho o mercado local, tenho absoluta convicção de

que a indústria contribuiu para o aumento da produtividade da lavoura brasileira: sem dúvida, uma máquina moderna, um parque de máquinas mais novo, contribuiu para o aumento da produtividade e redução de perdas, principalmente na colheita. Esse é um aspecto. Outro fator foi o maior número de empregos na indústria, impulsionado pelo volume de produção no

mercado local. Conseqüentemente, houve redução de custos da máquina produzida no Brasil. Outra coisa importante também ocorreu. Se vocês analisarem, os grandes fabricantes de máquinas estão localizados no Brasil, que é um grande fornecedor de máquinas, não só para nosso mercado, que é extremamente promissor, como praticamente para toda a América do Sul. Há uma grande concentração de fabricantes de máquinas no Brasil. Isso tem aumentado nossa competitividade em nível de exportação, e permitiu que as indústrias de máquinas agrícolas fizessem grandes investimentos no parque fabril nacional, modernizando a linha de produtos e produzindo hoje máquinas praticamente iguais aos mesmos produtos aos quais tem acesso o agricultor europeu, norte-americano e australiano. Ou seja: em relação a máquinas agrícolas, nosso produtor tem as mesmas condições de competitividade que em qualquer lugar do mundo. Esta é uma visão importante, pois a indústria também contribuiu para esse aumento de produtividade. Em contrapartida, por exemplo, em 1999 exportamos cerca 2,2 mil tratores e em 2002, até outubro, foram sete mil. Há um aumento de mais de 100% nos embarques. Em colheitadeiras, saímos de 650 naquele ano para cerca de mil em 2002, um aumento de quase 50%. Isso ocorreu porque houve também uma contribuição. Com o nos-



Werner Santos, diretor de marketing América Latina da AGCO

so custo, aliado à relação dólar-real, permitiu grande competitividade às nossas máquinas na exportação. O que ganhamos com isso? Ganha o Brasil, em termos de balança comercial, ganham as empresas com a oferta maior de empregos, e, mais importante, a questão da sazonalidade de nossa indústria. Todos sabem que o trator é mais comercializado em um certo período, mas é contrabalançado com o mercado de colheitadeiras. Com o mercado da exportação, temos conseguido trazer para dentro da indústria uma produção mais equilibrada. Essa é outra contribuição que o volume de máquinas agrícolas trouxe à indústria: aumentou nossa competitividade na exportação, permitiu maiores investimentos e modernização do parque fabril.

FÁBIO HAYASHIDA

A Semeato é uma indústria pioneira em plantio direto no Brasil. Suas atividades iniciaram no final dos anos 60, e desde então o PD cresceu muito: hoje, cerca de 15 milhões de hectares são plantados sobre a palha hoje no País. Isso representa aproximadamente 35% da área plantada no Brasil, e ainda há muito a crescer. Dessa forma, estamos otimistas em relação ao futuro a médio e longo prazos. A curto prazo, estamos recebendo um *feed-back* também otimista por parte dos produtores. O ano





Fábio Hayashida, gerente de Planejamento Estratégico da Semeato

de 2002 foi um dos melhores para a nossa indústria, com poucas oscilações na sazonalidade. Produzimos praticamente com capacidade máxima. Todo esse otimismo, claro que também em função do Moderfrota, contribui para que planejássemos investimentos em 2003, como a construção de uma nova unidade fabril, o que não é feito desde a década passada. Creio que é importante entendermos não só a política agrícola do Brasil, mas o mercado externo, ou seja, uma visão mais “macro” da globalização da agricultura. Hoje, o produtor opera em uma agricultura de alta competitividade global e isso tem proporcionado o crescimento da mecanização e feito com que o produtor entenda a importância dessa tecnologia. Isso fez com que a Semeato investisse alto em pesquisa e desenvolvimento: temos cerca de 300 funcionários trabalhando direta e indiretamente nessa área. Além disso, nosso produto tem ótima aceitação no exterior, especialmente na Europa, América Central e Estados Unidos. A palavra-chave da agricultura brasileira é produtividade e nós temos fatores a favor e contra. O novo governo deve analisar muito bem a agricultura, tendo como objetivo a produtividade agrícola. Na minha opinião, a tecnologia da informação vai auxiliar muito o produtor a aumentar

a produtividade, assim como a biotecnologia. Não sou *expert* em transgênicos, mas sou a favor de tudo que ajude o produtor, desde que seja feito um planejamento. Não apenas conseguir a liberação dos transgênicos, mas fazer uma infra-estrutura para liberá-los, o que envolve estrutura de armazenamento, distribuição, certificação e padronização. Acredito que há mercado para esses produtos, assim como para orgânicos e produtos convencionais. Há muita politicagem e pouca visão das oportunidades que a agricultura brasileira tem. Outra oportunidade da agricultura brasileira

é a política ambiental. Vejo que os colegas aqui estão muito preocupados com isso, mas acho que ela cria mais oportunidades, ela cria mais benefícios do que desvantagens. Um exemplo é o da cana-de-açúcar, que gera energia renovável. Acho que os produtores de cana podem ter muitos benefícios através do seqüestro de carbono. É preciso unir a agricultura ao meio ambiente, além de trazer recursos de fora para serem aplica-

dos na energia renovável. A mesma coisa é o plantio direto, sistema agrícola que revolucionou conceitos milenares: trata-se de um sistema sustentável e uma agricultura de conservação. Temos muito a ganhar inserindo na agricultura mecanismos de desenvolvimento limpo. A questão de financiamento ainda não está sendo discutida pelo governo, mas que poderá ajudar nosso agricultor.

DAVID MAKIN

O Brasil tem o costume de “calar a boca” para não criar “ondas”, mas hoje temos que criá-las. Vejo que o novo governo vai estar, de certa forma, com as mãos atadas em muitas coisas, e o MST, se não houver grandes desapropriações nos primeiros três ou quatro meses, vai passar a agir mais fortemente. O PT, justamente por sua raiz, não vai agir para reprimir o MST. Isso pode multiplicar a ação do Movimento e teremos mais problemas pela frente. Vejo também que, nos últimos anos, temos uma economia bem diferente em relação aos governos anteriores, quando todos os indicadores permitiam um certo planejamento no Brasil. Hoje temos uma situação que pode ser ilustrada pelos relatórios internos dos bancos sobre projeção do dólar e projeção da inflação. Em novembro, havia bancos que projetavam a cotação de R\$ 4 pelo dólar e havia outros prevendo R\$ 2,90. Dessa forma, Como alguém que está exportando ou que está comprando insumos pode planejar-se? É quase im-



Investimentos em rodovias são necessários para aumentar a produção e comercialização de grãos



possível. Fora isso, os desafios do novo governo são grandes, especialmente em relação à legislação ambiental e ao In-cra, que tem uma legislação arcaica. É muito difícil encontrar mais de 30% dos pecuaristas do Estado de São Paulo que se ajustam aos índices requeridos pelo Instituto, que são ridículos. Eles estão punindo quem produz animais mais avançados, que produzem em dois anos e que trabalham com reprodutores. Agora saiu uma legislação criando a categoria de boi precoce e de novilho precoce. Fantástico! Mas ainda não está definido o que é “boi precoce”. Como definir esse animal? Com relação à legislação ambiental, o Brasil tem uma grande tendência a ser “mais papista que o Papa”. Nossa legislação é mais dura que a da maioria dos países. Aqui há melhores terras e boa fonte de água, mas 40% da fazenda deve ser área de preservação permanente e reserva legal. Com isso, o produtor fica quase impossibilitado de trabalhar. Entendo que na pecuária, em especial, temos grandes desafios no Brasil: se aqui há grandes diferenças sociais, na pecuária eles são mais acentuados. O rebanho brasileiro é quase duas vezes o rebanho dos Estados Unidos e a quantidade de animais abatidos por ano é quase a mesma. Essa é uma questão de desfrute. Então, precisamos levantar esse pessoal, pois a ponta-de-lança é tão boa quanto em qualquer parte do mundo ou até melhor, os pecuaristas mais produtivos estão a campo, produzindo índices que na Europa são conquistados a galpão. Esse é o foco que tem que melhorar. Tanto na pecuária quanto na cadeia-açúcar, temos problemas internos na cadeia de produção. Sempre há briga. Devemos tomar o exemplo de países como a Austrália, onde os pecuaristas, todos os anos, abatem seus animais no mesmo frigorífico. Assim, fica mais fácil para toda a cadeia. A rastreabilidade está aí, mas é uma obra faraônica rastrear 160 milhões de cabeças. A CFM adotou essa bandeira com o auxílio de vários parceiros, antes mesmo de virar norma. Estive na Feira da Alimentação SIAL, em Paris, onde constatei que lá não existe grande diferença entre qualidade das carnes brasileira e argentina, por exemplo, que é conhecida por sua excelência. Mas hoje, no mercado externo, já se está pedindo a rastreabilidade do gado. O ano de 2002 foi memorável para a pecuária: depois de muitos

anos, deixou-se de dar o mesmo preço para o boi frutado de confinamento de dois anos e para o gado tucura de cinco, seis anos. Temos que combater esse boi de ponta de boiada que não qualifica o rebanho e que contribui para o baixo desfrute no mercado brasileiro. Os frigoríficos que não estão fazendo isso estão sentindo a diferença, pois estão perdendo os melhores bois. Nosso grande desafio é a educação, a troca de idéias. Isso melhora a produção e a produtividade e favorece a uma unificação de critérios. Acho que os níveis de sanidade animal no Brasil são tão variados quanto o nível de produção. Mas, no rebanho de sobrevivência, a sanidade deixa muito a desejar. Em relação ao couro, assim como há a iniciativa memorável de conceder bônus pela qualidade da carne, entendo também que o produtor mais bem remunerado irá cuidar melhor do animal e, conseqüentemente, do couro que será ofertado. Na CFM temos trabalhado com índices do couro superiores a 8% ao valor da carcaça. Temos nosso bônus de qualidade, mas o couro não é inspecionado no frigorífico e sim na fazenda.

JOSÉ ROBERTO DA ROS

A agricultura indo bem, os insumos também vão bem. O ano passado, com exceção do café, foi muito favorável à indústria de defensivos agrícolas. E o café, com essa recuperação recente, também está melhorando nosso mercado. Gostaria de dizer que todos os temas ligados à agricultura já são bastante conhecidos e discutidos junto com o governo. A SRB e a Abag conhecem muito bem esses assuntos. Tivemos um fórum da agricultura com várias sugestões, só que raramente essas sugestões são



David Makin, diretor da Agro-Pecuária CFM

aceitas. Acho que nos falta mais força para reivindicações. Dentro dessa filosofia e como associados da Fiesp, temos 129 sindicatos vinculados e descobrimos que, desses, 48 são relacionados diretamente ao agronegócio. Isso quer dizer que lá conseguimos ressuscitar uma comissão da agroindústria com essas 48 entidades, na tentativa de, em bloco, conseguir que o governo, pelo menos, não atrapalhe o agronegócio. Qual o principal problema que o setor de defensivos agrícolas vem passando no momento? É a área de crédito. Dos R\$ 50 bilhões necessários ao custeio da agropecuária, segundo o Banco do Brasil, apenas R\$ 14 bilhões, 28% do total que se precisa, são fornecidos como crédito. Destes, é possível que R\$ 11 bilhões tenham sido aproveitados, talvez pelas limitações do BB. O pessoal vai lá, recebe R\$ 300 mil, quando na verdade precisa de muito mais, fora a papelada exigida. E um dos fatores que dificulta o crédito, principalmente para nosso setor, é que o produtor compra semente, calcário, adubo e, quando vai adquirir defensivo, não tem mais recursos. Sabemos bem que o agricultor só tem o dinheiro quando ele vende a produção, e isso obriga o nosso setor a financiar a quase totalidade da nossa venda ao agricultor, cerca de US\$ 2 bilhões, a prazos longos. O risco é muito grande e somos obrigados a



assinar como fiador dos poucos que obtém o financiamento agrícola. Gostaria de voltar à exposição do Gallasini, porque acho que ele colocou o dedo na ferida do seguro agrícola. Hoje, você consegue seguro até para a mala quando se viaja ao redor do mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, 100% da agricultura tem seguro. É uma boa parte do prêmio do seguro agrícola é financiada pelo governo. Fica mais barato financiar o seguro do que pagar depois as indenizações. No Estado de São Paulo, hoje vemos que o seguro, apesar de muitas restrições, já tem uma legislação, onde o governo financia 50% do prêmio. E já existem leis federais em trâmite e que podem, a partir do trabalho em bloco, ser aprovadas. Toda a atividade econômica tem que estar segurada, menos a agricultura. Menos de 1% da agricultura tem seguro, e ele seria algo muito benéfico à agricultura, poderia se fazer uma venda financiada e, se o produtor estivesse segurado, independente do insumo vendido, seria menor o risco. O prazo poderia até não ser reduzido, mas o risco seria bem menor. Essa é uma bandeira que precisamos para modernizar a agricultura e realmente tratá-la como agronegócio. Como já se falou, a área plantada no País continua a mesma: embora a produtividade venha crescendo, atribuo esse quadro também ao nosso trabalho de produção de insumos com tec-

nologia, sem precisar derrubar matas. Estamos fazendo nossa parte.

DARIO HIROMOTO

Hoje o cerrado chama a atenção em função da sua potencialidade, realmente vivemos um momento muito especial. A Fundação MT vê a pesquisa como instrumento para a vida das pessoas, através da tecnologia aplicada à agricultura. Estamos trabalhando em tudo que está dentro dessa missão da empresa, desde a área genética, que é o nosso forte, além de áreas como fertilidade, nutrição, sanidade, entomologia e difusão de tecnologia. Trabalhamos dentro deste conceito, transformamos a pesquisa em instrumento de melhoria da vida das pessoas que trabalham

na agricultura. A grande novidade é que estamos buscando expandir esse conceito para outras áreas do Brasil.

Estamos instalados também no Paraná com um centro de pesquisa já em funcionamento. O desenvolvimento da agricultura brasileira é uma interação de fatores de vários segmentos, como máquinas, defensivos, fertilizantes, sementes e serviços. A pesquisa faz parte disso, pois hoje o mais importante hoje é que a interação de segmentos, empresas e pessoas está fazendo com que esse crescimento seja muito mais rápido. Esse modelo de desenvolvimento econômico através da agricultura é interessantíssimo. Vimos ao lon-



País tem potencial para produzir até 120 mil toneladas de borracha



José Roberto Da Ros, presidente do Sindag





Dario Hiromoto, diretor técnico da Fundação MT

competitividade de forma a torná-la competitiva, sendo igualmente fundamental a gestão da rentabilidade. Baixar custos e melhorar nossa rentabilidade são preocupações constantes. Uma necessidade imediata da agricultura do Cerrado é a gestão da qualidade. Quando se pensa em mercado internacional é preciso incluir esse item: qualidade do produto e do processo. Dois outros itens que não fazem parte do nosso planejamento, mas estamos tentando incorporá-los, são as gestões social e ambiental, importantes no mundo inteiro. Acredito que, nesse sentido, a agricultura seja uma ferramenta muito importante. Podemos dar uma aula sobre gestão social e responsabilidade ambiental, dentro do programa de desenvolvimento que estamos fazendo. Temos um desafio bastante grande pela frente, e uma peculiaridade bastante grande, pois há um presidente da República operário e um governador produtor de soja. Precisamos olhar tudo isso de forma bastante positiva. Dentro desse planejamento de crescimento nos próximos 10 anos, a pesquisa terá um papel decisivo para cada um dos segmentos aqui representados. Um gargalo bastante importante nesse processo é que estamos criando variedades fantásticas mas, quan-

do chega-se na ponta, elas estão sendo usadas de qualquer jeito. Foram criadas máquinas com GPS, computador de bordo e nossa equipe de apoio mal sabe ler, escrever e calcular. Então, de imediato, toda nossa evolução esbarra em um fator fundamental: educação. Estamos sentindo isso agora, e reverter esse quadro a curto prazo é difícil. Não adianta criamos biotecnologia, variedades fantásticas, GPS e agricultura de precisão, se nossas equipes de apoio não têm educação para poder entender e utilizar essas tecnologias: de imediato, te-

remos que investir na educação das equipes de apoio e, para o futuro, investir nas futuras gerações que farão parte dessas equipes, que vão estar produzindo e colhendo os frutos plantados hoje. Uma coisa que acredito ser a saída para todos nossos desafios é a interação dos setores. Nos últimos três anos, o Mato Grosso tem a liderança mundial em produtividade de soja. Queremos seguir com essa liderança

e, para isso, precisamos da união dos produtores, em busca desse resultado. A perspectiva para 2003 é muito boa, com a previsão de uma produtividade fantástica.

O Mato Grosso chegou a produzir quase 60% do volume nacional de algodão, concentrado em poucas pessoas, não mais do que 200 produtores. O que nos últimos anos tivemos foi uma retração da área plantada, principalmente em função, do mercado mundial. Com a retração nos preços, a soja consolidou-se como uma oportunidade melhor. No ano passado, tanto para a soja quanto para o algodão, tivemos uma variação de preços muito grande. Na safra estávamos vendendo soja a R\$ 16, passaram-se seis meses foi a R\$ 45. No algodão aconteceu a mesma coisa. Os preços dispararam ao longo do ano, fazendo com que o produtor começasse a olhar o produto de uma forma diferente. Se por um lado estávamos em um processo de retração de área, hoje temos manutenção com ligeira expansão da área. Está acontecendo o que previmos: os aventureiros estão saindo da atividade e os profissionais estão permanecendo e ganhando dinheiro. Em 2002, tivemos um problema sério com uma queda de 15% a 20% na produtividade, em função do clima. Mas neste ano, com o *El Niño*, para o Mato Grosso, a produção poderá ser fantástica. O setor agrícola em



Perspectivas para a cana-de-açúcar são as mais favoráveis possíveis

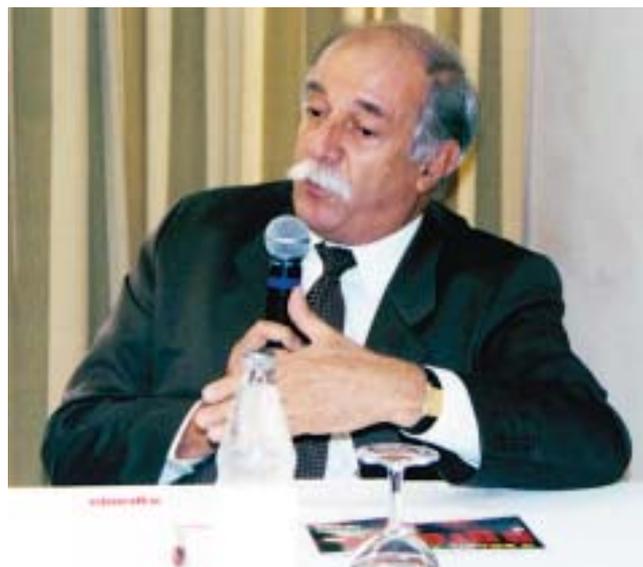


2002 ganhou dinheiro e o planejamento é mais do que dobrar a área plantada no Mato Grosso. Um fato importante também foi a valorização das terras. Vejo terras no Estado custando hoje 300 sacas de soja por hectare. Então há dois caminhos: buscar novas áreas e novas oportunidades ou maximizar o uso da terra através da irrigação. Há uma tendência a instalar-se números gigantescos de pivôs centrais no Mato Grosso, em função da valorização da terra. Se esta passou a valer 300 sacas/ha, ao invés de comprar-se mais terra, irriga-se e faz-se duas safras ao ano. Em Primavera do Leste, já deve haver mais de 100 pivôs centrais. Na região de Sorriso, muitos deles estão sendo instalados e a perspectiva é de vários equipamentos. Aí vem a questão da gestão da água, pois todo o problema ambiental precisa ser colocado no programa de desenvolvimento. Nos próximos anos, teremos uma área irrigada muito grande no Mato Grosso.

SEBASTIÃO COSTA GUEDES

Nossa prioridade como setor de saúde animal é prosseguir com o programa de erradicação da febre aftosa, iniciativa que tem dado muitos e relevantes benefícios ao País. Saímos de uma campanha com superávit de 8% em doses vendidas em 2002, comparado a 2001. Isso mostra um bom desempenho do da iniciativa, que pode ser considerada o primeiro grande programa de sucesso da pecuária de corte do Brasil. No que se refere à saúde animal, estamos procurando exercer uma sintonia muito próxima com a Confederação Nacional da Agricultura, Confederação Nacional da Pecuária de Corte e Láctea Brasil, amarrando esses dois setores, pois achamos que a união faz a força. E temos tido muito êxito. Junto com o Conselho Nacional de Pecuária de Corte, estamos procurando priorizar o combate à brucelose. Só para termos uma idéia, trata-se de uma doença que a União Soviética erradicou em 1970, mesmo com todo aquele excesso de planejamento comunista arcaico. O Brasil, 32 anos depois, ainda tuteia. Existe ainda a raiva, que ga-

nhou uma dimensão maior, devido ao avanço das grandes rodovias, cujas passagens de níveis, pontes e riachos, têm verdadeiras cavernas modernas onde o morcego se abriga. A raiva está se expandindo para regiões onde antes não era detectada. Esse é um programa também de grande importância, pois vai gerar economia para o País e ao produtor. Hoje dentro da certificação internacional, temos que provar que o animal não morreu de vaca-louca, e a raiva é uma das doenças que exige diagnóstico diferenciado. Em certos casos, a única técnica disponível é a francesa, que custa US\$ 60 por cabeça. O governo francês dá US\$ 15 de subsídio para cada prova e o pecuarista paga US\$ 45. Agora, no Brasil, qualquer vacina anti-rábica custa menos de R\$ 1 e nós não a usamos. Ambas as cadeias produtivas, da carne e do leite, estão imbuídas desse programa. Outro item importante é combater a tuberculose, embora para nós da área de saúde animal essa doença não tenha muita importância do ponto de vista de faturamento. Mas é uma doença de extraordinária importância social que estamos focando. Temos observado que o Brasil, também em nossa área, importa muito “badulaque”. Importa produtos baratos de países vizinhos, que não estão em conformidade com a legislação brasileira de segurança do consumidor e que não estão envolvidos em compromissos de segurança alimentar. Esses produtos milagrosos e baratos muitas vezes não contêm em suas fórmulas aquilo que dizem ter. E pior do que isso: têm substâncias não identificadas. Então queremos que o Ministério da Agricultura aprimore seus mecanismos de fiscalização de produtos farmacêuticos de uso veterinário, para que separemos o joio do trigo. Dentro das premissas mundiais, o Brasil não pode afastar-se dos programas de qualidade e segurança alimentar. Te-



Sebastião Costa Guedes, consultor do Sindan

mos um bom programa nacional de controle de resíduos, sob gestão do MAPA, que tem mostrado ser vitorioso, e a segurança alimentar hoje é um pré-requisito. Com relação à sanidade animal, somos o quarto mercado de produtos veterinários do mundo. Problemas cambiais deslocam essa produção, mas o Brasil tem tudo para ser o segundo mercado veterinário e o vice-líder em produção de alimentos. O mundo cresce, todos os dias, em 250 mil habitantes. Como fabricante de produtos veterinários, o Brasil tem um nível muito bom, uma pecuária excelente e é competitivo.

Testes Rápidos Para Detecção de Transgênicos
Para soja, milho, algodão e outros

Testes rápidos e precisos que confirmam a presença de GMO

Formato da tira QuickStix

- teste simples com apenas um procedimento
- resultados rápidos e seguros: 0,1% de sensibilidade em menos de 5 minutos
- ideal para testes em campo

Desenvolvido por: **Desengathe Comarcável (DIPSA/UNDA)**
Alimento Certificado em Programas de Identidade Preservada (IP)

Na presença de transgênicos em seu produto

Agrosystem
Tecnologia ao seu alcance

tel. 11 527 6280
e-mail: agrosystem@agrosystem.com.br
www.agrosystem.com.br





Especialistas de diversos setores debateram os rumos do agronegócio brasileiro neste ano

Ouvi, em Bruxelas, que Brasil e Argentina responderão, juntos, por mais de 70% do mercado mundial de carne bovina, e acredito que têm tudo para isso. O Brasil deve começar alguns programas de melhoria da qualidade da carne. Muitos dizem que, atualmente, o País participa muito bem do mercado de carne, mas com uma carne normal, considerada de segunda que muitas vezes vai interessar aos mercados asiáticos. Mas o Brasil deveria abrir mais nichos em programas específicos de carne de melhor qualidade, em uma tentativa de melhorar os preços médios para certos segmentos de exportação e para evitar importações. Em resumo, acho que o País tem qualidade e conceito muito bons. A produção poderia ser maior.

O caso das exportações de frango contaminado com furanos, embora tais produtos estejam fora do mercado veterinário no Brasil. Só existem litofuranos para aplicações pequenas em cães e gatos. Ninguém consegue com essas aplicações tóxicas para cães e gatos lotes para serem aplicados em frangos de exportação. Então, a suspeita é que realmente esses produtos estejam entrando 'por baixo do pano', oriundos de países vizinhos com uma pior situação sanitária e uma pior defesa do consumidor, como o Paraguai. Alguns criadores brasileiros desavisados usam e depois caem no sistema de análise. O governo está trabalhando e nessa área ele atua muito bem. O co-

ordenador do Programa Nacional de Controle de Resíduos é um profissional gabaritado, muito dedicado e que já corrigiu os suíços no início de 2002 em técnica de análise de resíduos. Ele foi até aquele país e provou que a técnica usada estava errada. Temos que acabar com os produtos contrabandeados, antes que afetem seriamente a produção brasileira. Não prejudica tanto o Paraguai porque não é um grande exportador, mas o Brasil afeta rapidamente. E pode ser que alguns até tenham interesse nisso, mas é um problema sério ainda pendente.

A Granja – Se percebe que os tratores e as colheitadeiras estão ficando cada vez mais sofisticados e mais caros também. O que está havendo na área de implementos, existe alguma novidade nessa área que não é tão visível como o que acontece em colheitadeiras e tratores?

Fábio Hayashida

A Semeato é especialista em plantio direto e, como é um sistema novo, está ainda em constante evolução. Ainda não se conseguiu chegar a um ponto de maturação do plantio direto onde é possível controlar totalmente o sistema. É preciso estar sempre investindo em pesquisa e desenvolvimento para seguir as tendências do plantio direto. As tendências do mercado são máquinas cada vez maiores, com tecnologia agregada, uso de in-

formática e tecnologia de informação. Estamos trabalhando não só nesta parte, mas também na área agrônômica. O nosso produto mexe com o solo. E por isso, costume dizer que é um dos piores setores na agricultura, porque depende muito de clima, solo, topografia. Cada país tem as suas legislações para este tipo de equipamento. A nossa empresa procura sempre a diferenciação através de tecnologia. Deixamos de fabricar máquinas para plantio convencional como grades e arado e estamos especializados em plantio direto. Concordo que o cerrado foi a descoberta do século, mas considero que a grande descoberta da humanidade foi o plantio direto, porque é um sistema que conserva o solo. Civilizações antigas como a Mesopotâmia se extinguíram através da agricultura. Muitas cidades na China e rios foram sedimentados e se extinguíram por causa da agricultura convencional. Como o plantio direto é um sistema novo, ainda há um campo enorme para se trabalhar. Agora o nosso objetivo é exportar o *know-how* adquirido para fora. Os agricultores vêm recebendo suporte de órgãos brasileiros para receber informação, mas no exterior é ainda muito novo, principalmente na Europa. Estamos fazendo pesquisa tecnológica para implantar esse sistema na Europa.

A Granja – Estamos aqui para abordar questões abrangentes a todas as pessoas envolvidas técnica ou politicamente nas áreas do agronegócio. Agora, vamos conversar um pouco sobre a produção de borracha e subprodutos da seringueira. Como está esse setor no País?

João de Almeida Sampaio Filho

O seringueiro histórico continua existindo, mas hoje o Brasil voltou a produzir borracha em larga escala. Produzimos 90 mil toneladas, e o produto oriundo dos seringais extrativos da Amazônia não chega a 5 mil toneladas, cerca de 5% da produção nacional, que foi altamente incentivada na década de 80, desenvolvida principalmente nos Estados do Centro-Sul, considerados zonas de escape. Estudamos na escola a história da seringueira, a *Hevia brasili-*



ensis, quando havia o monopólio da produção de borracha no final do século 19. Em 1876, um inglês pegou essas sementes e as plantou no Sudeste Asiático. Por volta de 1910, já produzia muito mais do que o Brasil e acabou desbancando o País como o líder na produção de borracha. Para que se tenha uma idéia, o mundo produziu 6,6 milhões de toneladas de borracha em 2002, sendo que 5 milhões são produzidos no Sudeste Asiático. Os seringais de cultivo não deram certo no Brasil. Nas décadas de 70 e 80, o Brasil descobriu que no Planalto Paulista e em algumas áreas do Mato Grosso, Espírito Santo, Goiás e Minas haviam regiões perfeitamente aptas à produção de borracha. A partir disso, promoveu-se um plantio intenso, em substituição aos cafezais antigos de baixa produção no Planalto Paulista. No Mato Grosso, ele foi desenvolvido com incentivo do governo, mas no Espírito Santo, Minas e São Paulo foi desenvolvido por iniciativas próprias. Hoje, o Brasil tem uma tecnologia respeitada no mundo inteiro e recebemos visitas de estrangeiros que observam como estamos conseguindo explorar esses seringais com altos índices de produtividade: em Minas e São Paulo, ela é superior à do Sudeste Asiático. Embora muitos não saibam, os paulistas são responsáveis por 50% da produção nacional de borracha. O Brasil ainda é um grande importador de borracha, com um consumo próximo a 230 mil toneladas, mas com produção de 90 mil toneladas. Temos um potencial que deve chegar, no máximo, a 120 mil toneladas. A partir daí, só vamos conseguir aumentá-lo se fizermos novos plantio.

Em 1997, o Governo Federal estabeleceu a Lei 9.479, de subvenção a borracha. Ela determinou parâmetros de preços e estabeleceu que, se os preços caíssem abaixo de determinados valores, o Governo daria um subsídio aos produtores brasileiros. Com a alteração do câmbio e a melhoria dos preços internacionais, essa subvenção acabou em junho do ano passado. Hoje, conseguimos produzir sem a subvenção, tantos nos seringueiros extrativistas quanto nos de cultivo, e estamos percebendo uma procura muito grande por mudas.

Neste ano, esperamos preços melhores, após quatro anos de valores ruins. A partir do momento em que conquistamos o mercado livre, a produção brasileira melhorou e a qualidade é tão boa ou superior à de qualquer produto importado. Tanto é assim, que as indústrias de pneus preferem comprar o produto brasileiro.

David Makin

A cultura da cana-de-açúcar tem perspectivas realmente brilhantes. O Brasil está tranquilo com o rendimento da cana, em um momento no qual todos os outros países estão quebrando. Essa é nossa vantagem comparativa e não há como bater o Brasil nisso. Podemos ainda elevar nossa produção e os outros países, como Austrália e Índia, continuarão quebrando. As oportunidades a serem dadas pelo Protocolo de Kyoto, caso ele saia do papel, são muito boas. A curto prazo, o País não é capaz de elevar a área plantada de cana para suprir a demanda gerada pela Alemanha e Japão, que estudam o que funciona por aqui, a exemplo da mistura do álcool à gasolina, bem como grandes quantidades do produto ao diesel, o que geraria um consumo fantástico. Nós, da CFM, maior produtor independente de cana, estamos vendo um futuro muito grande e por isso, na fazenda de São Paulo, estamos tratando de plantar cana onde é possível. Estamos trazendo também uma usina para dentro da pro-

prietária.

João de Almeida Sampaio Filho

Sobre suco de laranja, a fruta teve momentos muito ruins e a Sociedade Rural Brasileira, na gestão de Hafers, soube conduzir a negociação que existia entre produtores e indústria, de forma muito competente. Hoje, o mercado internacional judiou tanto dos produtores que a produção nacional caiu muito, fazendo com que os preços internos ficassem muito atraentes. O ano passado foi excelente para o citricultor e, para este ano, as perspectivas de receita são ótimas. No caso da laranja, diferentemente da cana, temos uma situação mais complicada, mas acho que a citricultura ainda deve ter uns dois ou três anos bons pela frente. Depois disso, vai depender muito de como forem conduzidos seus novos plantios, suas negociações e, principalmente, seu controle de pragas internas e externas. A fruta, com esse nível de preço, a produção por hectare e o custo de produção por hectare, somados os investimentos, vai remunerar mais que a cana e a seringueira. Há dois anos, a situação estava tão lastimável que muitos pomares chegaram a ser abandonados.

No caso da cana há a vantagem que hoje as usinas são altamente especializadas no plantio e no cultivo e o produtor pode trabalhar como parceiro, não se encarregando de toda a operação. Já no caso da laranja isso não acontece. O produtor tem que ser res-



Apesar das restrições climáticas, é recomendável investir na cultura do trigo no Brasil



ponsável pelo plantio, por todos os tratamentos fitossanitários e hoje, diferentemente do que ocorria no passado, é responsável também pela colheita, carregamento, transporte. Ele vende a chamada fruta posta, que é no portão da fábrica. Antigamente as indústrias faziam toda a colheita e hoje, desde 1994, isso não ocorre mais. Quem tem que fazer todo processo, desde o plantio até a entrega da fruta é o produtor. E no caso da cana a maior parte das usinas trabalha senão no arrendamento, mas com certeza no sistema de parceria. É muito raro um produtor tradicional fazer corte, carregamento e transporte. Isso praticamente inexistente dentro do setor.

No caso de borracha no Estado de São Paulo um hectare produz ao redor de 1,3 mil quilos de borracha seca por hectare. Os seringais são arrendados ao redor de 30% a 40% desse valor. Então o produtor estaria recebendo cerca de 350 a 400 quilos de borracha seca por hectare/ano. No preço atual isso daria uma remuneração líquida de R\$ 1,3 a R\$ 1,5 mil. No caso da cana-de-açúcar, varia de acordo com a região. Se for em Ribeirão Preto/SP se tira 60 toneladas por alqueire, mas em outras regiões, tira-se 40 toneladas, em média. Você tem o preço da cana em torno de R\$ 27 a tonelada até R\$ 30 ou R\$ 1,2 mil por alqueire/ano. A partir deste quadro, a seringueira estaria hoje melhor do que a cana, sempre lembrando que a seringueira demora sete anos para produzir. No caso da laranja, se você imaginar uma produção de 2,2 ou 2,5 caixas por pé e que a produtividade em um alqueire seja de 1 mil pés, se colheria 2,5 mil caixas por alqueire. Agora, os custos de produção serão elevados, em função da pulverização. Mas no nível de preço, hoje a laranja é melhor do que a seringueira e do que a cana. Pela ordem, em receita, seria a laranja, a borracha e a cana. Agora, em termos de segurança, sem dúvida, a cana está na frente dessas duas outras culturas.

José Aroldo Gallassini

Certa vez, em São Paulo, perguntei à diretoria de um banco qual o setor que estaria bem para que se ganhasse dinheiro. A resposta foi a seguinte: em todos os setores há gente



Questões técnicas e do mercado agrícola fizeram parte das discussões entre os especialistas

que vai bem e gente que vai mal. De repente, um setor está ruim e alguém está ganhando muito dinheiro. Assim são as cooperativas. Acho que, levando o negócio com seriedade e profissionalismo, o sistema cooperativista no meio rural pode ficar bem, principalmente onde há pequenos produtores. Temos 72% de pequenos e miniprodutores e acredito que o grau de inadimplência é de 1%. No entanto, houve um período em que conta não se pagava, o que cria uma cultura de inadimplência. Na minha opinião, a saída é a profissionalização. No Paraná, isso está acontecendo e as cooperativas estão bem. Mas a agricultura tem um limite. Estamos com 57 cooperativas no Estado e tudo indica que ainda vamos passar por algumas fusões. Com isso, devemos ficar com umas 10, no máximo. As cooperativas de crédito que existiam no passado quebraram e agora estão voltando. Os maiores bancos europeus são cooperativas de crédito, e a Coamo tem uma cooperativa independente. Desde que levado a sério, esse é um sistema que pode crescer bastante.

Werner Santos

Vou fazer um comentário sobre o nível de inadimplência. Há uns cinco ou seis anos, era difícil o Banco do Brasil financiar máquinas, e as empresas começaram a ter seus próprios bancos nas fábricas. Nossa gran-

de discussão com o agricultor foi justamente que nosso banco não poderia dar as mesmas condições que o Banco do Brasil, pois existe a questão do seguro, do risco. O que se nota hoje é que o profissionalismo do agricultor levou a um nível muito baixo o índice de inadimplência. Hoje, praticamente 60% do crédito em máquinas agrícolas é feito através dos bancos das fábricas, principalmente por essa questão de credibilidade que tem o agricultor. Apenas 20% das máquinas são financiadas pelo Banco do Brasil.

David Makin

O Brasil deve muito ao ministro Pratini de Moraes. Ele defendeu a causa e ganhou muitas. Eu vejo especialmente pelas vantagens que o Brasil tem nas áreas de produção agrícola e pecuária, que evidentemente continuarão sendo alvo de barreiras comerciais. Hoje, conseguimos vencer a barreira da aftosa, e a de rastreabilidade muita gente acha que é fácil mas não é. Se entrarmos na Alca, tem que ser em igualdade de condições. Será um acordo em que o Brasil não ganhará absolutamente nada se não forem evidenciadas regras para que possamos participar em pé de igualdade.

Luiz Hafers

A Alca, OMC, União Européia



e seus subsídios são temas muito complicados. Acho que já passamos da fase de reclamar e estamos fazendo um esforço muito grande para nos aliar contra os subsídios. Nos Estados Unidos, apenas 2% da população vive no campo: no entanto, o pessoal que faz doce, refrigerante e chocolate está se unindo ao Brasil para acabar com as barreiras ao açúcar. O que precisamos é nos unir aos mais interessados, ir aos países para discutir. A política americana destruiu as lavouras de algodão da África, que tinham o perfil de subsistência. Agora estamos aprendendo a trabalhar com isso e eu sou otimista em relação à queda de subsídio.

Gostaria de fazer outras duas considerações. A primeira sobre a irresponsabilidade do pagamento: o efeito não é uma causa da loucura de inflação que vivíamos. Em seguida, havia uma enorme iniquidade porque os juros subiam e os preços não. A última foi feita em 1995 que quase quebra, e ocasionou então uma solução, que foi o Pesa. Em 1920 a elite toda era agrícola, em 1930 passou a ser industrial e em 1950 passou a ser financeira. Qualquer pessoa com um QI razoável ou era poeta ou não era agricultor. Mas a verdade é que são poucas as companhias e grupos que ficaram na agricultura esse tempo todo. Ou eles tiveram algum sucesso que migraram para área melhores.

Você imagina que éramos 80% rurais e 20% urbanos e hoje somos o contrário. Houve uma brutal transferência de recursos. Então a nossa parte política ficou extremamente debilitada. Aqui em São Paulo quando veio a grande crise o sujeito que tinha quatro filhos: um ia ser engenheiro, outro político, outro advogado e um ficava na fazenda. Isso vocês podem olhar: sempre o menos competente ficava na fazenda. Então houve uma diáspora de competência também. O meu neto está numa das melhores escolas de São Paulo. Será que ele diz para os colegas que o pai e o avô são fazendeiros? Se fosse banqueiro diria. Então nós precisamos entender a situação política. Hoje, principalmente depois da “vaca louca”, levantou-se um orgulho nacional pela agricultura. Indiscutivelmente o ministro Pratini foi o condutor dessa reviravolta.

Fábio Hayashida

A agricultura brasileira é uma das mais competitivas do mundo e o brasileiro consegue sobreviver sem subsídios e ainda obter lucros. Quanto aos novos mercados, acredito que existam inúmeras possibilidades. Há tendências de aumento do consumo de grãos e de carnes, de consumo de calorias e proteínas e fora isso o aumento da população. Como não existe um aumento de área plantada sig-

nificativa, você tem sempre que pensar em produtividade. Deve-se buscar novos mercados, e o governo brasileiro tem que ser competente nisso. Existe a possibilidade de utilização do óleo diesel à base de soja. No Japão, já tem tinta de caneta à base de soja. Existem, então, inúmeros mercados e a possibilidade de encontrar nichos. Fui à Rússia e eles criticaram o café brasileiro. Quando olhei o produto que eles estavam tomando constatei que era colombiano. O que nos falta é marketing e união dos produtores para vender nossos produtos.

José Roberto Da Ros

Eu vivi na Europa e posso dizer que o protecionismo faz parte da história. Só que isso está custando muito dinheiro. Hoje você fala de um subsídio para a agricultura de mais de US\$ 360 bilhões, ou seja, mais de US\$ 1 bilhão por dia, que os governos estão dando a seus agricultores. É muito difícil lutar contra isso, mas não através da OMC. Considero injusto que esse subsídio exista e que esta produção entre no mercado internacional para fazer guerra de preço. Acho muito difícil eliminar esse subsídio, isso vai acontecer naturalmente, como no caso União Européia, quando entrarem mais países do Leste.

Vejam o que está acontecendo nos Estados Unidos. Lá a agricultura é muito forte, eles têm uma bancada ruralista muito atuante. O relator do Farm Bill disse claramente, “tenho que ser a favor dos subsídios porque foi esse pessoal que me elegeru”. Mas não há como dar as costas para o mercado mundial dos Estados Unidos. Olhem o que acontece com o suco de laranja e com o açúcar. Na Europa é a mesma coisa, o subsídio já faz parte da história. Acredito que o subsídio vai diminuir, mas é muito difícil isso ocorrer de uma hora para outra. Então qual é a solução? Existem mercados enormes a serem trabalhados. É o caso da China. Esse grande país adora o Brasil. A parte agrícola lá padece de água. Nós temos condições enormes de exportar não só para a China, mas para a Índia, para a Ásia e outros países. Temos que abrir outros mercados para não ficarmos dependentes dessas praças que estão



Citricultores devem dobrar a atenção nas negociações comerciais e controle de pragas e doenças



dando subsídio. O Brasil infelizmente vende muito mal os seus produtos. Eles têm de vir de fora para comprar da gente.

Daniel Glat

Nos Estados Unidos, a partir dos atentados de 11 de setembro, a questão da segurança ganhou uma importância maior, diminuindo os recursos da agricultura. Ouve-se comentários

crecentes de que a maior parte da população não é rural e se opõe ao excesso de subsídio posto na agricultura principalmente agora, que se tem disputa desse orçamento com o da segurança. Trata-se de um elemento novo. Sobre a lei que determinou mudanças nos subsídios aos agricultores norte-americanos, gostaria de informar que, dentro do mesmo pacote dessa lei, foi julgada a distribuição de tíquetes de leite para orfanatos e políticas de alimentação favorecendo minorias, coisa que nossa bancada ruralista deveria aprender a fazer, ou seja, no mesmo projeto que se discutia subsídio agrícola havia uma série de pequenos itens sociais. Deveríamos criar leis que dificultassem a oposição, e o apelo social atende a essa característica. Muita gente que não votaria pelos subsídios votou por conta disso.

Dario Hiromoto

Se eu estivesse na posição dos governantes europeus, iria preferir manter os subsídios agrícolas para continuar com a paz no campo a ter outros gastos como os que mantemos no Brasil. Aqui, temos custos enormes e não há tranquilidade no campo. Talvez fosse necessário sair desse embate mercadológico e olhar a questão social, e o grande segredo é esse mesmo: olhar o que está por trás desse subsídio, olhar o lado social, porque esse é o apelo que a gente tem. Na agricultura, a gente sempre olha para produtividade, rentabilidade, mercado e não olhamos o lado social. Incorporar essa questão da responsabilidade social no meio produtivo tal-



Participantes tiveram a oportunidade de expor o cenário dos principais produtos e atividades agrícolas do País

vez seja uma grande tônica dos próximos anos.

Temos um desafio muito grande pela frente. Se você mexer com a questão social no Brasil, interfere em toda a cadeia. Nossos problemas estão intimamente ligados a nossos valores, como na questão de não pagar dívidas, por exemplo. Educação é um fator fundamental para mudar esses valores e a geração de renda advém desse processo.

A Granja — Existem teses que dizem que não podemos ser grandes produtores de trigo. Fica mais barato comprar esse produto fora, por uma questão de interesses comerciais...

José Aroldo Gallassini

O Brasil não tem clima para trigo. Estamos plantando, avançamos muito, mas não somos uma Europa, Estados Unidos, Austrália, nem Canadá ou Argentina. Hoje, contamos com variedades altamente produtivas e avançamos em termos de fungicidas eficientes contra doenças, mas não acabamos com a geada, nosso maior problema. Temos que conviver com estes dois fenômenos. Terra para ampliar a produção existe. O trigo, como quase todos os produtos em 2002, teve seus preços elevados. Chegamos a R\$ 38,50 o preço da saca, algo nunca visto. Na safra, estava R\$ 19. Mas pela alta do dólar, a importação ficou cara, fazendo com que todo mundo saísse a comprar no mercado. O resultado foi que ficamos 40 dias sem venda de trigo, e o preço caindo porque os contratos dos produtores vencem e não há quem compre. A ques-

tão comercial é complicada em função de haverem poucos compradores. Mas eu acredito que precisamos ampliar a produção, mesmo com todos os riscos, pois a cultura é uma boa opção para o inverno.

Dario Hiromoto

Nós já estudamos o trigo no cerrado. As duas vantagens de se plantar o cereal naquela região é porque lá não ocorrem geadas e doenças. Hoje, o entrave do trigo na região é a genética. Estamos testamos e, de uma maneira preliminar, as produtividades são boas, cerca de 2,5 mil quilos por hectare de trigo plantado em safrinha em fevereiro em áreas acima de 600 metros. É possível produzir trigo na safrinha competindo com o milho. É possível produzir trigo no cerrado não só na safrinha, como na área irrigada. Hoje está havendo um avanço muito grande no número de pivôs instalados no Cerrado e o trigo vai ser uma alternativa. Teremos uma surpresa nos próximos anos.

A Granja — Sobre a questão da educação. As propriedades rurais estão com grandes dificuldades para conseguir capatazes de campo. Essa é uma situação que abrange todo o Brasil?

David Makin

Além da falta de instrução e educação de muitos produtores, acho que também na pecuária há algo realmente nocivo ao setor, que é o orgulho tradicionalista. Eu estive em uma exposição de gado e escutei





uma mulher falar para a filha: “— *Esse gado era a paixão do seu pai, por isso nós criamos esse gado*”. Eu pensei que é por isso que se está morrendo de fome. Imagine quanto tempo tinha esse gado. Esse dogma de que cada um acha que escolheu é muito nocivo. Devem ser poucos os pecuaristas no Brasil que conseguem fazer corretamente um cálculo de desfrute de rebanho. É muito mais fácil ainda fazer um cálculo de quanto é o ágio que ele precisa para vender seu bezerro. E digo mais: isso é falta educação econômica, principalmente, em nossa pecuária e agricultura. Não estou falando do técnico agrícola que sai da escola, mas do veterinário que sai da faculdade sabendo de economia rural um pouquinho mais que zero.

Dario Hiromoto

Na questão da educação há duas vertentes: a médio e longo prazos educar nossos jovens, e a curto prazo resolver o problema de imediato. Em 2002, comemoramos 20 anos de Fundação Nishimura, que educou e colocou várias pessoas extremamente capacitadas e habilitadas no mercado.

É louvável a atitude de Shunji Nishimura, que enxergou antes algumas coisas que nós só estamos vendo agora no problema da educação. A fundação forma técnicos, que hoje podem operar máquinas. Eu queria citar o caso de uma das empresas mais eficientes do segmento agrícola nacional, que tem fazendas espalhadas pelo Brasil, e cujos operadores são todos técnicos agrícolas. Ela é a que mais ganha dinheiro com a agricultura. Para resolver nosso problema de educação no campo, deve-se empregar corretamente os recursos, muitas vezes direcionados em cursos de peão-de-boiadeiro, sem que formemos operadores, aplicadores de produtos e colhedores e outras itens extremamente importantes. Por isso, estamos focando nossa atenção na interação entre os diversos segmentos fabricantes das instituições representativas do setor, do Senar, das federações e de outros, para fazer esses centros de treinamento realmente funcionarem. É preciso integrar empresa, produtor, equipe dos produtores e instituições de classe que temos. Fazendo isso funcionar, acredito que



Plantio direto revolucionou conceitos e ainda tem muito a crescer nos campos brasileiros

vamos conseguir resolver, de imediato, esse problema que nos limita e impede a evolução e a melhoria da nossa competitividade.

José Roberto Da Ros

Quanto ao treinamento, não vou falar de educação básica, pois indústria pensa que isso é problema do governo. Vou focar a questão da educação e treinamento no uso de nossos produtos. Acho que o setor de defensivos é o que mais gasta dinheiro com treinamento neste país. Só para se ter uma idéia, investimos US\$ 150 milhões para desenvolver um novo produto. De cada 50 mil novas moléculas, apenas uma vai ter chance de entrar no mercado e, logicamente, será a molécula menos tóxica possível, a mais eficiente e a mais viável economicamente. Temos muita preocupação se esse novo produto vai ser bem usado. Por isso, nos sentimos na obrigação de preparar esse pessoal. São milhares de pessoas que já foram treinadas, usando não só os recursos da indústria mas também o pessoal das revendas. Estamos unidos a quem pode nos ajudar, como o Senar, mas há um Senar que funciona e outro que não funciona. Temos no Paraná, por exemplo, um projeto que se chama Agrinho, que deu resultados fabulosos. Mas em muitos a coisa realmente não funciona, pois não há interesse.

Então eu acredito que a indústria, quando vende um produto, principalmente máquinas e colheitadeiras, não pode colocá-las na mão de um analfabeto, sem treinamento para cuidar de tanta tecnologia. O agricultor não dá o fusquinho dele para capataz dirigir, e, nesse caso, não vai dar a colheitadeira. No ramo de defensivos agrícolas, temos muita preocupação, pois se o produto não for bem usado, não vai funcionar e teremos mais problemas.

José Aroldo Gallassini

O problema é que desde a nossa colonização, tivemos uma educação péssima. Se tivéssemos sido colonizados pelos ingleses estaríamos em uma situação bem diferente, porque nos países colonizados pelos ingleses e irlandeses, a agricultura foi importante. Quando houve a explosão dos centros urbanos eles foram para as cidades, mas tinham condições, formação, não eram analfabetos e podiam fazer qualquer coisa na cidade, seja no setor do comércio, da indústria ou de serviços. E no Brasil, uma pessoa sem formação nenhuma tinha que ir para mão-de-obra mesmo, como foi o caso do período onde houve o predomínio de bóia-fria. Essa população adulta que está aí, vivendo nas favelas, que é o grande

problema social do Brasil. O que preciso ser feito agora é investir na juventude. Eu não o conheci profundamente, mas Nelson Mandela parece que fez algo semelhante na África do Sul. Investir no jovem é fundamental. Os mais velhos nunca vão trabalhar em um escritório com computação. Eles vem para a cidade trabalhar como jardineiro, servente, pedreiro ou coisa assim. Acho que é preciso criar um plano de 20, 30 anos com este objetivo.

Fábio Hayashida

Os principais países colonizadores do Brasil, Itália, Portugal, Alemanha e Japão, são todos países de Primeiro Mundo. Não há como ficarmos copiando os colonizadores. Na minha opinião os problemas do Brasil são decorrentes da má administração do País. Concordo que é preciso um programa de educação no Brasil. Especificamente na área agrícola, acredito que o que falta é encará-la como um negócio, e não apenas vê-la apenas como um estilo de vida, como era antigamente. Acho que a palavra certa não é educação e sim, treinamento e profissionalização no campo.

Werner Santos

Tivemos muita dificuldade para trazer algumas tecnologias para o Brasil, justamente pela falta de capacitação dos operadores de máquinas agrícolas. Em função disso, criamos alguns cursos. Hoje, a empresa mantém oito centros de treinamento em todo o Brasil, um está na importante região de Rondonópolis/MT e o último foi estabelecido em Maringá/PR. Tivemos muita dificuldade de fazer com que as pessoas entendessem algumas tecnologias. Cometemos muitos erros, por exemplo, trazendo computador de bordo de colheitadeira nas primeiras máquinas, com comandos em inglês. Acabamos mudando todo o software para colocá-lo em português e em espanhol, para atender todo o mercado da América do Sul. Isso melhorou bastante a relação da máquina com o operador, mas mesmo assim não foi suficiente.

Então começamos a fomentar os revendedores para fazer cursos de treinamento para operadores dentro

da própria revenda. Hoje temos tido um relativo sucesso nesse aspecto. Disponibilizamos o centro de treinamento, não apenas para capacitar mecânicos, mas também para treinar operadores de máquinas. Alguém comentou que o operador tem que ser um mecânico, mas na verdade, é isso que acontece hoje: o operador não é um mero operador de máquina. Se ele ouve um barulho diferente na máquina acaba tomando alguma ação no sentido de verificar e resolver o problema. Estamos investindo muito no treinamento de operadores e muito a nível de revendedor, para que este possa treinar operadores da sua região.

Daniel Glat

Algo que gosto muito no Brasil e que talvez fosse uma área que empresas da área agrícola poderiam trabalhar mais, são as escolas técnicas agrícolas. Em minha empresa empregamos muitos técnicos agrícolas, muitas vezes eles são tão bons quanto os agrônomos. A diferença é que são pessoas, por uma origem social mais pobre, que se dispõem a fazer certos trabalhos que muitas vezes um agrônomo não quer fazer. Considero que esta seja uma área que podíamos investir mais. Estamos iniciando um projeto em Santa Cruz do Sul/RS, com a participação de várias multinacionais, no intuito de começar a se criar essas escolas técnicas



A agricultura familiar é um modelo de atividade que gera riqueza e evita o êxodo rural

agrícolas, que podem ser, inclusive, mais abrangentes no âmbito social.

José Aroldo Gallassini

Anotei alguns pontos que eu gostaria de comentar. Sobre o meio ambiente, devemos lutar pela mata ciliar. Essa todo mundo aceita, não tem discussão. E também precisamos combater a reserva legal dos 20%. Essa é uma briga jurídica. No Paraná fizeram associações de meio ambiente, executaram muitos por não terem cumprido os 20%. O governo durante mais de 30 anos financiou para estocar, agora obriga a plantar mata? Existem até ações aqui em São Paulo contra isso. Quem compra terra vai ser multado ou vai ter que plantar?

Sobre os frigoríficos, um comentário. Na minha opinião, o pior mercado é o de gado, pela insegurança de receber pelo produto entregue à indústria. Lembro do Dilson Funaro, não sei se é verdade, mas falavam que ele reduziu o ICMS para 1%, e arrecadou mais do que quando era 10%, 12%. Geralmente é assim: se baixarem o imposto realmente pode-se entrar competindo e, assim, arrecada-se mais.

Na questão da comercialização do milho, quando o preço está baixo as

indústrias importam e quando o preço está bom lá fora, exportamos. Tudo bem que o dólar está proibitivo, mas querer acusar qualquer um que exporta por estar faltando milho no mercado interno, não cabe. Esse é um problema conjuntural, está aberta a importação e exportação, conseqüentemente, todos podem importar ou exportar quando quiser. Bem, também é preciso buscar, através do nosso trabalho, a diversificação de renda da propriedade. Esse negócio de só plantar soja, ou seja, monocultura, é prejudicial em qualquer lugar. No nosso caso, as regiões do Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, o milho e a soja são produtos de mercado interno e exportação. Tínhamos o algodão mas perdemos, mas acho que deveríamos voltar de forma organizada para ter pelo menos três produtos que possam ser produzidos em grande escala, tanto para o mercado externo quanto para o mercado interno. Sempre o produtor deve ter mais de uma renda, isso é uma coisa importante.

O plano agrícola do governo de 2001/2002, 2002/2003 foi muito completo, abrangendo desde correção da acidez do solo, da fertilidade do solo, programas de gado de leite, de gado de corte, fruticultura. Programas

neste sentido precisam continuar. Isso foi uma coisa boa que aconteceu nos últimos anos. Outro programa que acredito que tem futuro aqui no Brasil é o Biodiesel. A idéia é boa e a Coamo deve fazer um programa-piloto, para iniciarmos a produção de 40 litros por hora, a fim de usar na nossa frota de 250 carretas. Nosso plano depois é expandir para as capitais, mas antes é preciso convencer o governo de que é um plano bom. Trata-se de um biodiesel que origina do óleo de soja. É um plano bom, que já existe na Europa e eu acho que seria um bom caminho a seguir no Brasil.

A Granja – A agricultura familiar no Brasil tem futuro?

Luiz Hafers

A agricultura familiar é uma solução boa, social, razoável e econômica. Ela não precisa competir com a agricultura empresarial. Tenho dito que temos uma massa de alguns milhões de pessoas pobres no interior que eu não vejo outra solução, senão a agricultura familiar. Os integrantes da esquerda são contra a nossa agricultura, porque acreditam que vamos competir com a agricultura familiar. Eu conheço lugares



Pesquisa foi determinante para o desenvolvimento da agricultura no cerrado, região com grande potencial de crescimento nos próximos anos



Capacitação de trabalhadores do campo é fundamental para o sucesso da atividade agrícola

como a região oeste do Paraná e a zona da mata no Espírito Santo que são altamente competitivos. Acho que não podemos ser contra a agricultura familiar, cobrando dela o sucesso da agricultura empresarial. É muito mais barato ter um sujeito no campo, com alguma ajuda, educando o filho. Mas existe uma posição dogmática contra a agricultura familiar. Agricultura de subsistência num País desenvolvido é um retrocesso. Num País pobre é um avanço. E nós ainda temos uma pobreza muito grande no campo.

José Aroldo Gallassini

No Paraná, preocupados com esse pequeno produtor, criamos um projeto chamado Projeto Colono. Trata-se de um bom exemplo de agricultura familiar. Nesse projeto, eu costumo dizer que o pequeno produtor só tem que comprar sal, açúcar e roupa, o resto ele tem que produzir na propriedade. Nós fornecemos ovos de galinha poedeira, até cinco vacas, para que o pequeno produtor tenha renda, além do cultivo de uma lavoura, que pode ser algodão, soja, milho. É um projeto fechado que tem dado certo.

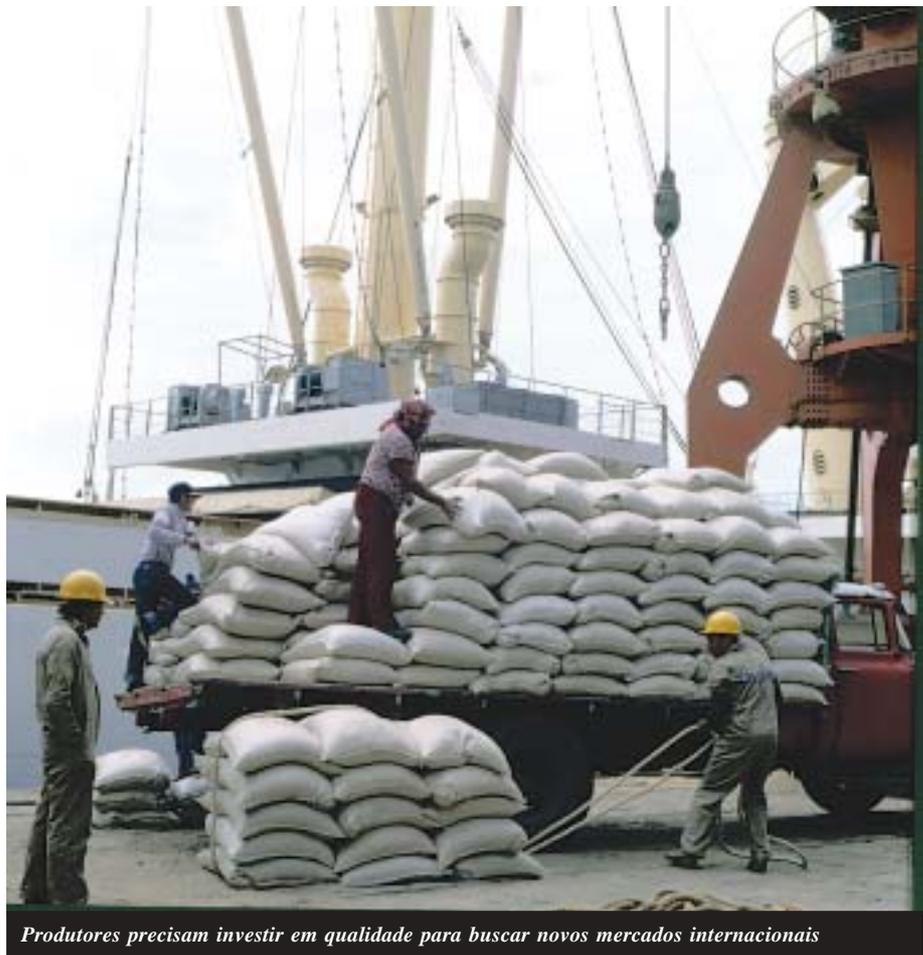
Depois de um certo ele passa a receber assistência técnica do corpo de agrônomos da Coamo. Mas projetos como esse precisam ser desenvolvidos de forma organizada, com acom-

panhamento. Não sei se um projeto a nível da Secretaria da Agricultura, Emater, daria certo, mas é necessário um trabalho no sentido de fomen-

tar a agricultura familiar no Brasil.

Hugo Hoffmann (A Granja) –

Em nosso entendimento, os comentários foram muito importantes. Gostaria de agradecer pela presença de vocês, que tiveram a gentileza de expor suas opiniões aos leitores da nossa revista. Como veículo de comunicação, temos a obrigação de levar informação e conhecimento ao homem do campo. Neste mês estamos comemorando 58 anos e, seguramente, não por tradição, mas simplesmente por atualização, sempre queremos ser a voz daqueles que falavam em itens como defensivos agrícolas, rastreabilidade e plantio direto, quando ninguém sabia o que era isso. Entendemos que os profissionais aqui presentes contribuirão para um conhecimento “macro” e também específico de todos os temas abordados. Com cordialidade e amizade, agradecemos a estas vezes que têm autoridade no segmento do agronegócio. Ouví-las é nossa missão. Obrigada. ■



Produtores precisam investir em qualidade para buscar novos mercados internacionais

Uma feira **TÉCNICA** na essência

Se você procura novidades em agropecuária, a data e o local já estão marcados:

Show Rural Coopavel 2003, de 17 a 21 de fevereiro, em Cascavel/PR

O Show Rural Coopavel 2003, realizado pela Cooperativa Agropecuária Cascavel, passou por um amadurecimento que lembra o desenvolvimento de uma planta. A fase em que a “semente” foi colocada no solo, há 14 anos, contou com a participação de apenas 100 associados. Hoje, no momento que pode ser chamado de “colheita”, a feira deve receber 120 mil visitantes, 10 mil a mais do que no ano passado, e se consagra como um dos acontecimentos mais marcantes do segmento no Brasil, por apresentar diversificação agropecuária, lançamentos e tecnologias para o campo.

De acordo com os organizadores, neste ano estarão expostas mais de 4,5 mil novidades, com profissionais dispostos a ensinar e portões abertos a todos que queiram aprender. Estarão presentes entidades de pesquisa como a Embrapa (com experimentos de todas as suas unidades), Iapar, Coodetec e Emater. O objetivo é mostrar aos agropecuaristas os primeiros passos para que seja atingida a eficiência produtiva. Serão demonstrados experimentos com soja, milho, algodão, girassol, feijão e outras culturas alternativas. Essas dinâmicas envolverão a análise de potencial genético de híbridos e cultivares, fertilidade e manejo de solo, tecnologia de defensivos e análise da eficiência de produtos químicos, tratamento de sementes e tratamentos culturais. Além disso, estarão expostos equipamentos e genética voltada para as pecuárias bovina (de corte e de leite), suína e avícola.

Os organizadores prometem ainda 160 apresentações técnicas realizadas no campo, ao lado dos experimentos e demonstrações. Para os que procuram se inteirar sobre lançamentos em máquinas, implementos e insumos agrícolas, o Show Rural Co-



pavel é o local adequado. Em termos de máquinas, será possível encontrar o que existe de mais novo em tratores, colheitadeiras, máquinas de fenação e silagem e peças agrícolas, representados pelos maiores fabricantes do País.

Ver para crer — Diariamente, das 8h às 17h, haverá demonstrações dinâmicas, nas quais o visitante poderá observar o desempenho de cada máquina ou implemento agrícola. Um dos pontos positivos é que em cada experimento agrícola, seja da Coopavel ou de outras empresas, os profissionais da área estarão prontos para passar as informações conforme o interesse de cada pessoa ou grupo.

Na cultura da soja, por exemplo, os interessados poderão obter informações sobre variedades, controle de ervas daninhas, controle de pragas e doenças, além de fertilidade do solo. Já na cultura do milho, também um referencial na produção brasileira de grãos, haverá mostra de novos híbridos, controle de pragas e ervas daninhas, espaçamento e população de

plantas, adubação de base e nitrogenada. Já os plantadores de feijão terão a oportunidade de obter informações sobre novas cultivares, tratamento de sementes, manejo de dessecação e plantio, entre outras coisas.

Pensando no bem-estar dos participantes, os organizadores modificaram o *lay-out* do Centro Tecnológico Coopavel, o que inclui a construção de praças de descanso com sombra e bancos. O sol inclemente de fevereiro não vai castigar os participantes nesta 14ª edição da feira técnica. Outro fato interessante é que não há divulgação de balanço de vendas no Show Rural Coopavel, ao contrário do que ocorre em acontecimentos similares pelo Brasil afora. A explicação dos responsáveis pela organização é de que essa não é uma feira de negócios, apesar de haver comercialização de máquinas, implementos agrícolas e insumos. O que vem em primeiro plano são as questões técnicas – a essência do evento, que é voltado para o ganho de produtividade e produção dos agricultores. ■

ANÚNCIO

Economia com o uso **CORRETO** de tecnologia

Gedi Jorge Sfredo — pesquisador da Embrapa Soja



A Gramma

Há 27 anos, o Sistema Cooperativo de Pesquisa Agropecuária, coordenado pela Embrapa Soja, vem gerando e repassando tecnologias para melhorar a produtividade da oleaginosa. Logicamente, para que isso aconteça, o produtor de soja deve utilizar as tecnologias disponíveis, o que muitas vezes não acontece.

Em recente viagem com o pesquisador da Embrapa Soja Antônio Carlos Roessing, especialista em economia rural, foram visitadas 22 regiões do Brasil, onde verificou-se que muitas vezes os recursos não são utilizados de acordo com a recomendação técnica. Quando isso acontece, a produtividade da soja fica abaixo da média e, mesmo com rendimentos bons, em alguns casos o retorno econômico pode ser menor.

Avaliando a questão da fertilidade do solo e nutrição de plantas, detectam-se algumas tecnologias não utilizadas – ou o são incorretamente. O uso de molibdênio (Mo) e cobalto (Co), por exemplo, misturados às sementes da soja, em casos de deficiência desses nutrientes pode promover aumentos significativos na produtividade. Verifica-se claramente essa situação quando se mostram os resultados obti-

dos em cinco anos de pesquisas com a aplicação desses micronutrientes na soja. No município de Londrina/PR, em três anos obteve-se um acréscimo médio de 36% na produtividade. Em Medianeira/PR, o aumento chegou a 61% e, em Ponta Grossa/PR, a 29%. No Maranhão, o aumento verificado foi de 30%. Os dois elementos são essenciais à fixação biológica do nitrogênio (N), melhorando a nodulação. A falta de um ou de ambos pode causar deficiência de nitrogênio. No estudo feito nas regiões produtoras de soja, verificou-se que, em média, somente 57% dos produtores de soja utilizam no Brasil essa tecnologia e, nas regiões onde Mo e Co não foram utilizados, a produtividade sempre foi menor. De modo geral, pode-se ter no País um acréscimo de 20% na produtividade da soja quando se usa a tecnologia. Devido ao baixo custo, o aumento do lucro praticamente equivale ao da produtividade.

Por isso, pergunta-se: por que não usar essa tecnologia, se ela possibilita maior retorno econômico? O uso de fertilizantes fosfatados e potássicos é, entre as tecnologias existentes, a mais antiga e, talvez, a mais utilizada pelos produtores de soja. Entretanto, em muitos casos, a utilização se dá de ma-



Divulgação

Gedi: histórico da área ajuda a determinar a quantidade certa de adubos a ser aplicada

neira incorreta, podendo levar à sub ou super estimação das quantidades aplicadas. Isso oferece riscos de perda de lucro. Como? Se a aplicação ocorre em excesso, a produtividade não aumenta na mesma proporção, há um gasto maior, sem retorno com a venda do produto. Se o procedimento é realizado de forma reduzida, a produtividade pode cair na mesma proporção. Em ambos os casos, prejuízo à vista! ■

Um gigante **ADORMECIDO** no agronegócio brasileiro



A Granja

*Embora o segmento esteja crescendo no País,
a representatividade da produção aquícola no cenário mundial
ainda é muito pequena diante de nosso potencial*

José Renato de Almeida Prado

O mercado pesqueiro (pesca e aquícultura) foi o setor que apresentou o maior crescimento na economia alimentícia mundial, com 11% ao ano. Conforme dados da FAO, o Brasil participou com apenas 0,3% da aquícultura mundial, ocupando a 19ª posição entre as

nações produtoras. Esse número representa pouco no mercado internacional, diante do potencial do País, que conta com 12% de toda a água doce disponível no planeta e de 8,4 mil quilômetros de costa marítima. Ainda assim, a aquícultura nacional tem condições de gerar 10 milhões

de toneladas/ano, de forma sustentável. O grande destaque tem sido a carcinicultura (camarões marinhos), atividade que mais cresce por aqui.

Embora a aquícultura só tenha sido inserida entre as atividades integrantes do Censo Agropecuário em 2002, calcula-se que a área a ela destinada

seja de aproximadamente 165,7 mil hectares. A estimativa leva em conta o crescimento da área de cultivo na mesma proporção da produção aquícola (levantada pelo Ibama no período entre 1995 e 2000) e projeções efetuadas com base nesse crescimento.

Segundo o coordenador geral de Aquicultura do Departamento de Pesca e Aquicultura (DPA, órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), Alexandre Caixeta Spínola, com dados do Ibama de 2000 estimou-se uma produção aquícola de 219,32 mil toneladas em 2002. “Essa projeção pode ser considerada conservadora, diante do crescimento da atividade nos últimos anos”, afirma. “No ano de 2001, acreditase que a produção tenha sido de 193,38 mil toneladas.”

Com base na evolução da produção de rações, dados do Comitê de Organismos Aquáticos da Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais apontam para 2002 uma projeção de crescimento de 20,4% em relação a 2001, quando foram produzidas cerca de 165 mil toneladas de ração para a aquicultura. A esses números, salienta Spínola, deve-se acrescentar a contribuição (embora menor) das cooperativas, associações, pequenas indústrias e produtores isolados que formulam seus alimentos. O coordenador geral diz ainda que as estimativas de produção para 2003, compreendendo as três cadeias produtivas aquícolas selecionadas pelo DPA/MAPA, são de 20 mil toneladas de moluscos, 80 mil toneladas de tilápia e 60 mil toneladas de camarão marinho.

De acordo com dados do Ibama sobre a atividade pesqueira, em 2000 a aquicultura brasileira produziu 176,5 mil toneladas de pescado, tendo a região Sul se destacado com 49% dessa produção e as regiões Nordeste e Sudeste com 18,4% e 19,3%, respectivamente. Os 10 principais Estados produtores contribuíram com 149,96 mil toneladas, o que equivale a 85% da produção aquícola daquele ano. O Rio Grande do Sul obteve uma produção de 33,18 mil toneladas (87% correspondeu à produção de carpas), Santa Catarina participou com 30,23 mil toneladas (produzindo 54,5% de moluscos, 31% de

carpa e 23% de tilápia) e o Paraná atingiu 23,09 mil toneladas (57% correspondeu à produção de tilápias).

O Estado de São Paulo participou com 19,07 mil toneladas (42,3% de tilápias e 41% de carpas), a Bahia produziu 10,06 mil toneladas (69% de camarão marinho e 25% de tilápia), o Mato Grosso produziu 8,67 mil toneladas (das quais 61,9% foram de tambacu), Minas Gerais produziu 7,1 mil toneladas (sendo 37% de carpa e 30% de tilápia), o Rio Grande do Norte produziu 7,05 mil toneladas (das quais 99% foram de camarão marinho), o Rio de Janeiro participou com 5,8 mil toneladas (sendo 69% de camarão de água-doce) e o Ceará com 5,66 mil toneladas (87% de camarão marinho).

Carcinicultura — O camarão marinho é a atividade aquícola que vem apresentando os maiores índices de crescimento. Passou de 7,2 mil toneladas em 1998 para 15 mil toneladas em 1999 e 25 mil toneladas em 2000, chegando ao patamar de 40 mil toneladas em 2001, o que colocou o Brasil em nono lugar entre os maiores países produtores. Nesse último ano, 37,57 mil toneladas foram produzidas no Nordeste, onde se encontram as melhores vantagens comparativas para o desenvolvimento do setor. Esse aumento da produção vem acompanhado do incremento das exportações: US\$ 2,8 milhões em 1998, US\$ 14,2 milhões em 1999, US\$ 71,5 milhões em 2000 e US\$ 106,3 milhões em 2001. O camarão cultivado é o principal produto na pauta das exportações de pescado e o que mais contribui para o superávit da ba-



A Granja

Agroindustrialização da piscicultura garante liquidez e produtos de maior valor agregado, tanto para o mercado interno quanto para exportação

lança comercial do setor pesqueiro, com participação de US\$ 73,92 milhões no primeiro semestre de 2002.

Segundo o doutor em tecnologia de alimentos Raúl Malvino Madrid, do Departamento de Pesca e Aquicultura, a adaptação às condições brasileiras da tecnologia desenvolvida pelos países do Pacífico para a espécie *Litopenaeus vannamei* permitiu alcançar em 2001 a produtividade anual de 4,7 toneladas por hectare, o que posiciona o Brasil como o país que apresenta a maior produtividade no mundo nesse segmento. Uma previsão elaborada pela Associação Brasileira dos Criadores de Camarão (ABCC) para o ano de 2002 é de 60 mil toneladas e a estimativa para 2003 é de 80 mil toneladas. Este aumento de produção, conforme Raúl Madrid, não ocorrerá somente pelo aumento da área implantada, mas também pela projeção de aumento da produtividade, prevendo-se passar das 4,7 t/ha/ano em 2001 para 5,2 t/ha/ano em 2002 e 5,3 t/ha/ano em 2003. Quanto ao número de produtores de camarão, também segundo dados da ABCC, em 2001 havia 507, dos quais 458 contavam com áreas menores a 20 hectares (pequenos), 29 produtores entre 21 e 100 hectares

(médios) e 20 produtores com áreas maiores de 100 hectares (grandes).

Plano safra — Incluída recentemente entre as atividades prioritárias do Plano Safra do Governo Federal, a aqüicultura ainda se depara com alguns entraves. Os principais “gargalos” enfrentados pelas cadeias produtivas envolvem questões relativas ao acesso a canais de comercialização, baixa organização associativa, legislação, estatísticas e divulgação de informações.

O Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Aqüicultura no Plano Safra 2001/2002 teve, diante das expectativas, uma pequena utilização de recursos. Acredita-se que vários fatores contribuíram para isso, sendo os principais a falta de garantias, endividamento dos produtores em outras linhas, pouca informação dos agentes financeiros sobre a atividade e falta de conhecimento dessa linha de crédito pelos produtores. Dos recursos disponibilizados, foram aplicados 41% na região Nordeste, 26% no Sudeste, 31,6% no Sul e 1,4% no Centro-Oeste.

Algumas alterações, que representam ganhos para o setor, foram incorporadas no novo Plano Safra. O Programa da Aqüicultura passa a abranger todas as espécies aqüícolas cultivadas, e o limite de financiamento por beneficiário aumentou de R\$ 80 mil para R\$ 150 mil. Permaneceram inalteradas as demais condições, como taxa de juros fixa de 8,75%



A carcinicultura é a atividade aqüícola que apresenta os maiores índices de crescimento

ao ano, prazo total de cinco anos (incluída uma carência de até dois anos) e finalidade exclusiva para investimentos fixos e semifixos.

Além do Plano Safra, a atividade foi beneficiada por outras linhas que têm por objetivo apoiar seu desenvolvimento. Alexandre Spínola, do Ministério da Agricultura, cita entre eles o Finame Especial (destinado à aquisição de equipamentos para beneficiamento e conservação de pescado oriundo da aqüicultura), uma resolução do Banco Central que permite aplicar até 5% dos recursos controlados do crédito rural em opera-

ções de desconto de nota promissória rural destinada à comercialização do camarão – com vencimento em qualquer época do ano – e a resolução nº 12 da Camex, dispoñdo que o benefício do *Drawback* poderá ser concedido para matéria-prima e outros produtos utilizados no cultivo de camarões destinados à exportação.

Perspectivas — As projeções para o setor nos próximos anos são as melhores possíveis. “Os Estados Unidos apresentam uma disposição governamental de estímulo ao consumo de pescados e frutas, com a conseqüente redução de consumo de batata e *bacon*, como mecanismo para diminuir a obesidade da população, o que gera um cenário otimista para o setor aqüícola”, explica Alexandre Spínola.

Ao estimular o processamento do produto, observando as tendências e o potencial do consumidor final, a criação de peixes está ampliando o leque de comercialização. Essa fase de agroindustrialização da piscicultura vem somada a mecanismos de integração entre produtores e indústrias processadoras, possibilitando maior liquidez e produtos com maior valor agregado, tanto para o mercado interno quanto para a exportação. Outras cadeias produtivas vêm se destacando, como a de moluscos, truta, *catfish*, pintado e peixes ornamentais. ■



A região Sul se destaca na atividade pesqueira, com quase 50% da produção nacional

EXPLORAÇÃO agropecuária

Prof. Valdo Rodrigues Herling — vrherlin@usp.br / Prof. Pedro Henrique de Cerqueira Luz — phcerluz@usp.br

Na atividade agropecuária, ao produtor interessa a diferença obtida entre os preços de seus produtos e os custos de produção, sendo extremamente importante conscientizá-lo que as vantagens nessa operação matemática serão obtidas, imprescindivelmente, respeitando as características dos componentes do ecossistema.

Muito se fala em sistemas de produção de leite e de carne como sendo realizados em propriedades. No entanto, existe uma distância muito grande entre aquilo que se menciona e o que é feito de fato. Para iniciar a exploração dos animais domésticos, considerando como mais econômica a alta produção de forragem de boa qualidade, inclusive para melhorar a produção por unidade de área, o sistema como um todo precisa ser bem manejado. A produção final dependerá da inter-relação de fatores como solo (química e física), planta (morfologia e fisiologia), clima e animal. Mesmo assim, a continuidade do produtor no mercado fatalmente estará associada à habilidade em administrar os recursos disponíveis em sua propriedade, e ao modo como o produto conseguirá espaço no mercado.

O componente animal é formado por representantes que têm como característica principal o aproveitamento de alimentos menos nobres. É preciso o produtor saber que, para produzir alimento bom e barato para os animais domésticos ruminantes, antes de mais nada será necessário explorar sua principal característica como transformadores de alimentos volumosos, possuidores de uma câmara de fermentação que ocupa 80% de seu estômago e é composta por microorganismos especialistas nessas transformações. É preciso respeitar suas exigências para que, inclusive, seja mantida a saúde desse compartimento.

No Brasil, embora haja vasto território e clima favorável à produção de alimentos para seus animais, com qualidade e baixo custo, ano após ano o que se observa é o desprezo com que nossos produtores tratam as pastagens. Muitas vezes com áreas mal formadas e mane-



jadas, eles esperam conseguir bons rendimentos comparados ao que se obtém com culturas domesticadas. Os índices zootécnicos, porém, continuam inalterados há décadas.

É preciso garantir aos animais uma forragem farta e de qualidade para que, ao menos, eles possam expressar seu potencial como ruminantes e produtores de leite ou carne. Outro aspecto, muito mencionado, refere-se à intensificação da produção, associada à utilização de tecnologias caríssimas para explorar animais também melhores geneticamente. Faz-se necessário melhorar a utilização dos recursos disponíveis das propriedades para garantir melhores produções a baixo custo.

É verdade que, nos últimos anos, a defasagem entre as produções da safra e entressafra tem sido estreitada. No entanto, a maior parte dos produtores continua sofrendo a influência da estaciona-

lidade de produção de forragens, principalmente em virtude aos efeitos conjuntos de fotoperíodo e temperatura baixos. Algumas medidas, consideradas capazes de resolver esses problemas, parecem estar ressurgindo, como a irrigação das pastagens (considerada intensificadora da produção). Mas os problemas para sua aplicação continuam a existir (latitude associada à baixa temperatura e ao fotoperíodo). Por que fazer uso dessa tecnologia se os resultados em tais locais serão de pouca valia, inclusive aumentando os custos de produção e com retorno extremamente baixo?

Assim, após estudar o mercado e definir a exploração que fará em sua área, o produtor deverá começar a atividade agropecuária pela melhor caracterização do mais importante recurso disponível nesse caso: o solo. A análise química do solo é então o principal método de avaliação de fertilidade, sendo determinante

Ária: por onde começar?



Divulgação

para a exploração das culturas. Problemas com a nutrição mineral das plantas muitas vezes comprometem as colheitas e o desempenho dos animais que as utilizam.

Com a análise química da terra, podem ser feitas as recomendações de

correção e adubação para as diversas culturas, bem como possibilitado o manejo da fertilidade do solo, tendo em vista programas de correção (calagem, gessagem, fosfatação e potassagem) e adubação a médio e longo prazos.

O programa de fertilidade do solo considera as seguintes etapas: planejamento de amostragem, coleta das amostras, análise laboratorial; interpretação da análise e recomendação de adubos/corretivos e aplicação dos insumos. Para a realização da amostragem de solo, em primeiro lugar é necessário fazer um planejamento, considerando-se o calendário agrícola. Antes de iniciar a coleta das amostras, é necessária a divisão da propriedade em “glebas” ou “talhões”, que deverão ser o mais homogêneos possível. Para tanto, devem ser levados em conta aspectos como coloração de solo, posição topográfica, cultura anterior; sistema de plantio e histórico da área, entre outros.

Para cada “gleba” ou “talhão” de 10 hectares, deve-se realizar amostragens em 15 a 20 pontos de amostras simples,



Divulgação

Análise química do solo resulta em recomendações de correção e adubação para as diversas culturas

para cada profundidade selecionada, utilizando-se uma ferramenta adequada, sendo posteriormente misturadas dentro de um recipiente (um balde plástico limpo, por exemplo) para compor uma amostra composta que, após identificada, será enviada ao laboratório.

Diante dos resultados das análises de solo e dos objetivos da exploração agropecuária, faz-se as recomendações de correção e de adubação. O Laboratório de Solos das Agrárias – FZEA/USP está ligado às atividades de pesquisa, através de projetos científicos e de extensão, prestando serviços a produtores rurais, cooperativas e associações de classe e de docência, dando apoio aos cursos de graduação e pós-graduação. ■

Não perca na próxima edição da revista

O BRASIL AGRÍCOLA
www.agranja.com

agranja

✓ **Os caminhos do agronegócio em 2003**

Encaminhado **ACORDO** comercial com o México

Empresários argentinos e mexicanos começaram a percorrer o árduo caminho que levará a acordos particulares que podem dar consistência a um tratado de livre comércio entre ambos os países. O secretário de Economia do México indicou que o acordo entre os países não apenas deve estar voltado para a criação de novos mercados, mas também ter um senso de complementariedade que possibilite alcançar o crescimento por meio de investimentos no campo tecnológico. A delegação argentina que visitou a nação asteca incluiu diversos funcionários e mais de 70 empresários. “Chegamos a este país em

busca de complementação de estratégias comerciais que nos permitam crescer”, disse no encontro o vice-chanceler argentino, Martin Redrado. As discussões em nível governamental, que começaram em meados de dezembro, paralelo à rodada de negócios dos empresários argentinos com seus pares mexicanos, têm por objetivo chegar até 28 de fevereiro com uma lista de produtos que poderão ser comercializados sem pagamento de tarifas de importação por um período de 10 anos. O objetivo é que o tratado de livre comércio possa ser firmado no primeiro semestre de 2003.

Preço de **TERRAS** em recuperação

Lentamente, o valor dos campos vai atingindo a normalidade, depois que a desvalorização o tenha paralisado e feito perder operações e pontos de referência. É justo reconhecer que, a partir do segundo semestre, passou-se a vislumbrar certo movimento em matéria de negócios imobiliários vinculados ao agronegócio. O ponto positivo é que as operações em dólar estão sendo retomadas e, com muita cautela, se começa a falar de prazos. Os valores, que tinham caído pelo efeito da desva-



A Granja

lização, começaram a se recuperar e são qualificados como razoáveis. Ainda assim, estão 10% abaixo dos preços de 2001, apesar da demanda superar a oferta.

EXPORTAÇÕES de trigo lentas

O saldo exportável de trigo está situado em torno de 8 milhões de toneladas, volume que será o mais baixo desde a safra 1998/1999. A comercialização do excedente exportável está se desenrolando a um ritmo lento, como consequência da agressiva competitividade que estão exercendo Rússia e Ucrânia, além da ausência do Irã como principal comprador no mercado argentino. Os países ex-integrantes da União Soviética estão compensando em excesso a menor oferta derivada da drástica diminuição da colheita australiana. A ausência do Irã deve-se a uma menor necessidade de importação por parte desse país e a um conflito diplomático em aberto. As vendas do trigo argentino ao exterior alcançaram 2,2 milhões de toneladas, concentradas basicamente pelo Brasil, frente às 4,7 milhões de toneladas negociadas em igual período do ano anterior.



A Granja

Trigo

Com demoras pelas chuvas, a colheita do trigo alcança 27% da superfície plantada, com uma média de produtividade de 1,84 mil quilos. Até o momento, a produtividade média é inferior (em 6%) à do ano passado. Projeta-se que a produção final ficará entre 12,5 e 12,8 milhões de toneladas.

Soja

O plantio de soja avançou até 66% do total da intenção de plantio, estimada para este ano em 12,9 milhões de hectares. Se ela for confirmada até o fim da colheita, o crescimento da área deve ser de 10%.

Novilho

Os preços dos animais em pé se mantêm firmes, alavancados por uma exportação que demanda novilhos pesados, escassos no mercado. Estima-se que essa situação poderia ser revertida no primeiro semestre.

Leite

Os preços pagos ao produtor argentino estão entre os mais baixos do mundo. Nos últimos dois anos, o consumo interno caiu cerca de 19% e a produção 30%.

ECONOMIA garantida para o produtor

Geraldo Augusto de Melo Filho — engenheiro agrônomo da Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados/MS (geraldo@cpao.embrapa.br)
Alceu Richetti — Adm, M.Sc., Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados/MS (richetti@cpao.embrapa.br)

O sistema de plantio direto (SPD) é uma tecnologia conservacionista, e como tal reduz de forma significativa as perdas de solo, água e nutrientes decorrentes da erosão, se comparado com o sistema convencional (SC).

O SPD é definido como um processo de semeadura em solo não revolvido, no qual a semente é colocada em sulcos ou covas, com os seguintes fundamentos que se interagem: eliminação/redução das operações de preparo do solo; uso de herbicidas para o controle de ervas daninhas; formação da cobertura morta; rotação de culturas e uso de semeadoras específicas. Por seus efeitos benéficos sobre os atributos físicos, químicos e biológicos do solo, pode-se afirmar que essa tecnologia é uma ferramenta essencial para se alcançar a sustentabilidade dos sistemas agropecuários.

Resultados de pesquisa realizada durante 10 anos na Embrapa Agropecuária Oeste (Dourados/MS), mostram que as perdas de solo no plantio direto chegam a ser nove vezes menores que as do SC, no qual se realiza o preparo do solo com o uso de grades. As perdas de água, nutrientes e matéria orgânica também foram significativamente menores no SPD.

As vantagens são totalmente reconhecidas pelos produtores. Foi por esse entendimento que a técnica, que começou a ser adotada nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul na década de 1970, está sendo adaptada e utilizada em quase todas as regiões do Brasil. Dos 45 milhões e hectares em produção agrícola hoje no País, cerca de 17,3 milhões são cultivados em plantio direto, nas mais diversas regiões, tipos e solos, clima, topografia e culturas, inclusive sobre pastagens.



A Granja

Mesmo com tantas vantagens sobre o sistema convencional, o SPD ainda enfrenta resistências. Um estudo mostra que, em decorrência da elevação da taxa de câmbio do real em relação ao dólar (em 1999), ocorreu um aumento no preço dos herbicidas, motivando alguns produtores a abandonarem o plantio direto, alegando que o custo desse sistema estaria maior que o do convencional.

Com certeza, o SPD apresenta uma despesa com herbicidas mais elevada, pois além dos que são usados em pós-emergência, também são necessários os de dessecção. No entanto, como já foi mencionado, o plantio direto dispensa uma série de operações agrícolas que necessariamente são utilizadas no sistema convencional. Consequentemente, ele requer menor número de máquinas e de horas/máquina, compensando a despesa mais elevada com herbicidas.

Utilizando-se metodologia correta para as estimativas de custo de produção, pode-se afirmar que o plantio direto apresenta custo menor que o plan-

Uma pesquisa mostrou que as perdas no solo em plantio direto são nove vezes inferiores às do sistema convencional

www.agranja.com

Seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
- Seções
- Sites rurais
- A GRANJA DO ANO
- Bolsas de valores
- Números anteriores das revistas A GRANJA e AG Leilões
- Artigos técnicos
- Plantio Direto
- Agendas de eventos e leilões



CUSTOS FIXO, VARIÁVEL E TOTAL DAS CULTURAS DE SOJA, MILHO E ALGODÃO, NOS SISTEMAS PLANTIO DIRETO (SPD) E CONVENCIONAL (SC) EM R\$/ha, SAFRA 2002/03. DOURADOS/MS, 2002

Componentes do custo	Soja ¹		Milho ¹		Algodão ²	
	SPD	SC	SPD	SC	SPD	SC
A – Custo fixo	249,53	278,01	251,27	262,13	243,51	314,63
B – Custo variável	590,10	615,99	722,01	730,31	1.899,99	2.027,20
B.1 – Insumos	433,40	410,92	533,15	515,83	1.183,62	1.153,09
Sementes	72,80	72,80	63,00	63,00	102,00	102,00
Herbicidas	139,92	117,44	145,82	107,50	115,90	114,17
Inseticidas	29,70	29,70	35,45	35,45	403,81	403,81
Fertilizante	134,00	134,00	244,50	244,50	413,60	413,60
Outros insumos	56,98	56,98	44,38	65,38	148,31	119,51
B.2 – Operações agrícolas	45,22	99,66	48,08	72,67	355,97	505,51
B.3 – Outros custos	111,48	105,41	140,78	141,81	360,40	368,60
Custo total	839,63	894,00	973,28	992,44	2.143,50	2.341,83

Fonte: Richetti & Melo Filho (2002); Melo Filho & Richetti (2002a; 2002b).

¹ Custo de produção em Dourados/MS, estimado em agosto de 2002;

² Custo de produção em Naviraí/MS, estimado em agosto de 2002.

tio convencional, pois ao se analisar a planilha de custo de produção das lavouras de soja, milho e algodão (tabela acima) constata-se que os gastos com herbicidas são maiores no SPD, mas a diferença está nos custos das operações agrícolas que no sistema de plantio direto são significativamente

ra, de caráter ambiental, pois o revolvimento desagrega o solo, degrada a matéria orgânica e eleva a perda de solo e nutrientes pela erosão, e de água por escorrimento superficial; a segunda, de caráter econômico, pois o menor consumo de horas/máquina do SPD o torna mais econômico.

O PD exige menor número de máquinas e de horas/máquina, compensando a despesa maior com herbicidas

menores que no convencional. Outro fator importante na redução do custo no SPD é o fato de o SC exigir maior número de máquinas e equipamentos. Assim, os juros do capital aplicado em máquinas e equipamentos, embutidos no custo fixo, fazem com que este seja maior no sistema convencional. A conclusão a que se chega é que os custos totais no SPD, estimados para as culturas de soja, milho e algodão, são menores que no sistema convencional em 6,08%, 1,93% e 8,47%, respectivamente.

No SC, as operações de conservação de terraços, escarificação e gradagens são requeridas a mais, implicando em maior número de máquinas e horas de serviço. No total das operações agrícolas, o plantio direto requer menor número de horas que o convencional (tabela ao lado).

O menor número de operações agrícolas do SPD apresenta, portanto, duas importantes conseqüências: a primei-

NÚMERO DE HORAS/MÁQUINA POR HECTARE DAS OPERAÇÕES AGRÍCOLAS NAS CULTURAS DE SOJA, MILHO E ALGODÃO (NO SPD E SC)

Operações agrícolas	Soja		Milho		Algodão	
	SPD	SC	SPD	SC	SPD	SC
Conservação de terraços	-	0,15	-	0,15	-	0,40
Aplicação de calcário	0,15	0,15	0,15	0,15	0,13	0,13
Escarificação	-	1,00	-	1,00	-	-
Gradagem aradora	-	0,80	-	0,80	-	2,40
Gradagem niveladora	-	0,33	-	0,33	-	0,80
Aplicação de herbicida – ppi	-	0,15	-	-	-	0,23
Aplicação de herbicida dessecante	0,15	-	0,15	-	0,23	-
Aplicação de herbicida pré-emergente	0,15	-	-	-	-	-
Aplicação de herbicida pós-emergente	0,15	0,15	0,15	0,15	0,23	1,23
Incorporação herbicida – ppi	-	0,33	-	-	-	0,80
Semeadura/adubação	0,50	0,50	0,70	0,50	1,00	1,00
Aplicação inseticidas	0,60	0,60	0,45	0,45	1,61	1,61
Aplicação fungicidas	0,15	0,15	-	-	-	-
Adubação de cobertura	-	-	0,30	0,30	1,40	1,40
Aplicação de desfolhante	-	-	-	-	0,23	0,23
Colheita	0,50	0,50	0,50	0,50	-	-
Destruição de soqueira	-	-	-	-	0,50	0,50
Total	2,35	4,81	2,40	4,33	5,33	10,73

Fonte: Richetti & Melo Filho (2002); Melo Filho & Richetti (2002a; 2002b).



COMPARAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DO MILHO 1ª SAFRA ENTRE O SPD E O SISTEMA CONVENCIONAL NAS REGIÕES NORTE E SUL E A MÉDIA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Local	Prod. maior no SPD		Prod. menor no SPD		Prod. igual
	Observações	Acréscimo	Observações	Redução	Observações
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Estado	39,55	13,80	24,85	11,30	35,60
Sul	60,90	17,70	4,30	15,00	34,80
Norte	18,20	10,00	45,40	7,60	36,40



A Granja

Por suas características e exigências, o plantio direto na palha resulta em produtividade mais elevada

PRODUTIVIDADE DO MILHO E DA SOJA NO PLANTIO DIRETO E CONVENCIONAL

O sucesso do plantio direto depende da adoção de várias medidas para melhorar o nível tecnológico da produção, como correção e adequação do solo e rotação de culturas, entre outras. Portanto, o SPD por suas características e exigências, acaba por resultar em produtividade mais elevada que a do sistema convencional.

Resultados de pesquisa conduzida por oito anos no campo experimental

da Embrapa Agropecuária Oeste, comprovam que as culturas de soja e trigo no plantio direto apresentam, em média, produtividade 17% maior que as obtidas no sistema convencional.

Outro trabalho de pesquisa, destinado a verificar a produtividade das culturas no SPD, foi realizado junto à rede de assistência técnica pública e privada de Mato Grosso do Sul. As constatações do técnicos baseiam-se em observações junto aos agricultores aos quais prestam assistência.

Aa maioria dos técnicos verificou que as produtividades das culturas de

soja, milho 1ª safra e milho safrinha são superiores no SPD quando comparadas àquelas do sistema convencional. Os resultados do estudo encontram-se nas tabelas aqui apresentadas.

Com relação à cultura da soja, a maioria dos técnicos (60%) constatou que essa cultura, quando conduzida no plantio direto apresenta produtividade 12,4% maior à do sistema convencional; para apenas 37,1% a produtividade é igual. Portanto, é insignificante o entendimento que a produtividade da soja no SPD é menor. Não são grandes as diferenças entre o norte e o sul do Estado de Mato Grosso do Sul (primeira tabela da página abaixo).

Quanto ao milho 1ª safra, que é cultivado na época do verão, os resultados são muito interessantes. Na média do Estado, 75,15% dos técnicos atestam que a produtividade do SPD é superior ou, no mínimo, igual. Mas há diferenças entre as duas regiões do Estado, pois para 60,9% dos técnicos que atuam na região Sul a produtividade do milho 1ª safra é maior (17,7%), mas na região norte é maior apenas para 18,2% (tabela acima). Dois fatores podem explicar a diferença entre o sul e o norte. O primeiro é que o maior acréscimo de produtividade do SPD, na região sul, pode estar ligado ao fato que nesta região a instabilidade climática é maior.

No caso do milho safrinha, no sul do Estado, a produtividade do SPD foi apontada como 19,9% maior por, praticamente, 70% dos técnicos. Outra constatação é que no plantio direto ocorre maior acréscimo de produtividade do milho safrinha (19,9%) do que o milho 1ª safra (13,8%). Isso talvez possa ser explicado pelo fato do milho safrinha, no SPD, poder ser cultivado mais cedo que no sistema convencional, desenvolvendo-se em melhores condições climáticas, principalmente quanto à temperatura. Outro fator é que, não ocorrendo o preparo do solo, a perda de umidade é menor, em uma época de precipitação pluviométrica normalmente mais baixa. ■

COMPARAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DA SOJA ENTRE O SPD E O SISTEMA CONVENCIONAL NAS REGIÕES NORTE E SUL E A MÉDIA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Local	Prod. maior no SPD		Prod. menor no SPD		Prod. igual
	Observações	Acréscimo	Observações	Redução	Observações
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Estado	60,00	12,40	2,90	5,00	37,10
Sul	55,80	12,00	5,80	10,00	38,40
Norte	64,20	12,80	0,00	0,00	35,80

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Carlos Alberto Widonsck / Anna Carolina Mac Dowell — carlosw@bmf.com.br

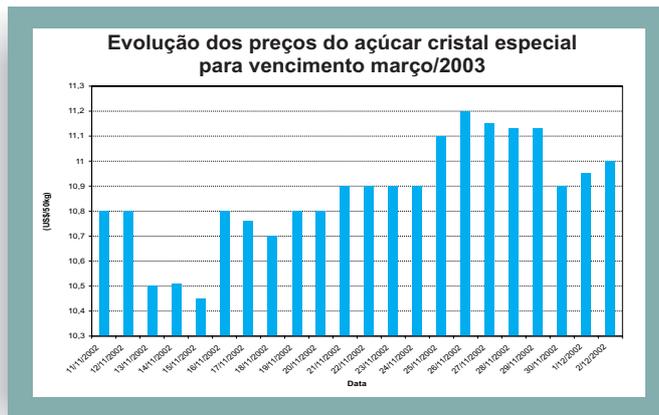
Artigo redigido em 13/12/2002

Tailândia cresce no mercado internacional de açúcar

Segundo a Overseas Merchandise Inspection Co., do Japão, as exportações da Tailândia tiveram um crescimento de 38% entre janeiro e setembro deste ano, chegando a um volume de 3,8 milhões de toneladas. Os principais importadores foram: Japão, Indonésia, Rússia e China. Conforme o último relatório do Departamento de Agricultura Americano (USDA), a previsão é que a produção de açúcar do Brasil chegue a 22,7 milhões de toneladas, um incremento de 11,5% em relação à safra passada. A produção de açúcar refinado na Rússia, segundo fontes internacionais, deverá ser um pouco abaixo das 1,6 milhão de toneladas produzidas na safra passada, devido à queda de produtividade. Nas bolsas de Londres e de Nova York, forte alta para o vencimento Mar/2003 nesta semana. Na Liffe as cotações para Mar/2003 subiram 4,3% e na CSCE 3,6% para o mesmo vencimento. Nos contratos

futuros de açúcar da BM&F, as cotações não acompanharam as oscilações das bolsas internacionais, apresentando uma pequena valorização de menos de 1% para o vencimento Mar/2003 (veja o gráfico). É interessante a observação por parte dos players dos vencimentos Mar/2003 e Mai/2003 do açúcar e do dólar futuro. Apesar da suspensão do financiamento para estocagem de álcool determinada pelo Conselho Interministerial do Açúcar e do Alcool (CIMA), segundo a diretoria de agronegócio do Banco do Brasil, cerca de 23% dos recursos disponíveis foram fechados. De acordo

com fontes do setor sucroalcooleiro, a demanda para esse tipo de recurso foi pequena, devido à alta de preços do produto no mercado. No mercado futuro de álcool anidro da BM&F, as cotações permaneceram praticamente estáveis em relação à semana passada, com ligeira alta para os vencimentos mais curtos (veja o gráfico).



ALGODÃO

Alta do dólar fortalece as exportações

Devido à alta do dólar nos últimos dias – chegando a R\$ 3,75, aliada ao déficit de suprimento nesta temporada, o preço do algodão tipo 6 posto fábrica em São Paulo pode ser considerado entre R\$ 1,80 e R\$ 1,82 /lp, contra R\$ 1,79 na semana passada.

A exportação permanece sendo a melhor opção de venda para os que ainda detêm algodão, devido também a um câmbio favorável. O mercado segue aguardando o leilão de pouco mais de 12 mil toneladas dos estoques governamentais.

As fiações continuam mantendo a postura cautelosa, pelo receio de não conseguirem repassar o aumento do custo da matéria-prima para o produto final. No momento, existe a expectativa entre os agentes do mercado com relação às medidas tomadas pelo Brasil, no âmbito da Organiza-

ção Mundial do Comércio (OMC), contra os subsídios existentes nos Estados Unidos.

Os negócios para exportação da próxima safra têm sido realizados a US\$ 45,50/lp para o tipo 6, FOB porto, para embarques de julho de 2003 em diante.

Nos registros de algodão, feitos pelos corretores da BM&F, ocorreu uma ligeira queda em relação à semana anterior. Foram anotadas 14.863 toneladas, o que representa 3.064 toneladas a menos.

Para exportação, foram registradas 1.234 to-

neladas, sendo: 1.134 toneladas do Estado de Mato Grosso e 100 toneladas de Goiás.

O índice Esalq ficou em R\$ 181,87/lp; na bolsa de Nova York, o vencimento Mar/2003 fechou a US\$ 50,31/lp e o índice “A” da Cotlook foi fixado em US\$ 55,50/lp.



MILHO

Cotações perdem fôlego com a proximidade da safra de verão

O Mercado Futuro de milho da BM&F esteve operando em baixa durante o período compreendido entre 28 de novembro e 4 de dezembro. A expectativa da entrada dos primeiros lotes de milho da safra de verão fez com que as cotações futuras sofressem sucessivas quedas durante o período. O vencimento março/2003 foi cotado no dia 4 de dezembro a R\$ 19,20/sc, e o maio/2003 fechou a R\$ 19,30/sc. Os vencimentos de safrinha ficaram ajustados da seguinte maneira: R\$ 19,40/sc para julho/2003 e R\$ 21,30/sc para setembro/2003. O indicador FGV/BM&F de preço à vista do milho posto em Campinas/SP sofreu queda de 2,93% fechando a R\$ 29,16/sc.

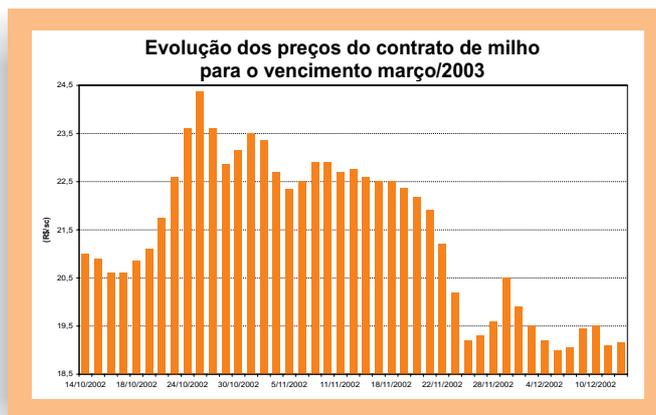
As quedas nas cotações do mercado *spot* de milho são fundamentadas por vários motivos. Dentre eles estão os atuais preços, que ainda estão em patamares muito altos e que já se equivalem ao preço de exportação, portan-

to muitos produtores tendem a vender seus possíveis estoques agora. As quedas também são influenciadas pela redução da Tarifa Externa Comum (TEC) de 9,5% para 2% para compra de milho de países não pertencentes ao Mercosul, facilitando a entrada de milho importado no País. O leilão de aquisição de milho da Conab, foi realizado no dia 4 de dezembro e arrematou 81 mil toneladas, com o objetivo de abastecer pequenos avicultores e suinocultores, consumidores tradicionais de milho, a preços que não inviabilizem suas atividades até a entrada da safra de verão

prevista para fins de dezembro. Para 2003, a Conab já estimou a produção da safra de verão e também da safrinha, que ficaram em 30,8 e 6,18 milhões de toneladas, respectivamente (revelando um quadro de oferta apertada no ano que se inicia), mantendo assim as cotações em patamares que representam boa lucratividade ao produtor.

Fábio Eduardo Meneghin — fmeneghin@bmf.com.br

Artigo redigido em 13/12/2002



CAFÉ

Queda no café arábica futuro

O mercado de café arábica apresentou-se em queda, entre os dias 28 de novembro e 4 de dezembro, sem nenhuma modificação substancial de fundamentos, segundo analistas.

Nesse período, em São Paulo, a cotação base Dez/2002 caiu, chegando a US\$ 63,50/saca – baixa de apenas US\$ 3,00/saca. Já em Nova York, para a mesma base, a baixa foi de US\$ 0,80/lp, encerrando à US\$ 65,80/lp. Em Londres, base Jan/2003, o mercado fechou cotado a US\$ 795,00/ton, baixa de US\$ 20,00/t. O Conilon em São Paulo fechou o período a US\$ 45,40/saca para Maio/2003.

Os estoques certificados de café na Bolsa de Nova York (CSCE) cresceram 10 mil sacas no período, chegando a 2,57 milhões de sacas. Em São Paulo, os estoques atingiram 665 mil sacas – aumento de 50 mil sacas. Segundo analistas, o suporte e a resistência em Nova York, base Mar/2003, estão em US\$ 68,50/lp e US\$ 71,00/lp, respectivamente. O Mercado FOB encerrou o período com os diferenciais em leves quedas, Swedish – 23¢, contra posição Março/2003 NY.

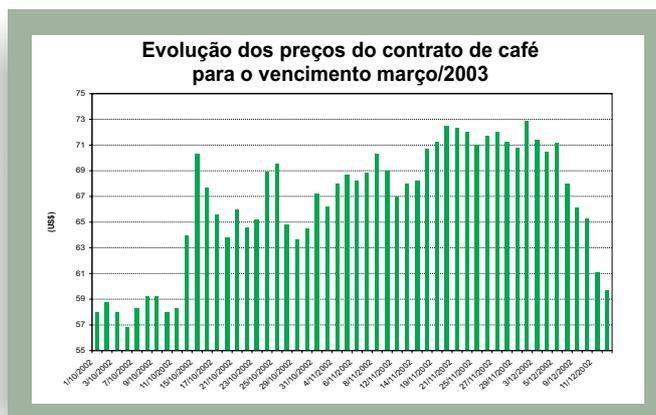
A cotação do mercado físico do café interno esteve em alta. O Bica Dura tipo 6 (ou melhor) foi cotado a R\$ 202,00/saca (aumento de R\$ 5,00/saca); o Bica Rio Tipo 7, praça Vitória/ES, a R\$ 122,00/saca (acréscimo superior a R\$ 1,00/saca) e o Conillon T7 a R\$ 146,00/saca (subindo mais de R\$ 3,00/saca).

Os contratos de opções em aberto do arábica

na BM&F encerraram o período em 4.650, sendo que os estrangeiros representaram 55% (média), entre as posições compradas e vendidas. O Futuro fechou com 14.200 contratos em aberto; entretanto, os não residentes (investidores internacionais) participaram de 20% na média.

Sergio Beczkowski/Adriano Freitas de Azevedo — sergioib@bmf.com.br

Artigo redigido em 13/12/2002



SOJA

Forte demanda chinesa pelo produto norte-americano

A análise dos fatos do mercado global nos últimos dias parece indicar possibilidade de iminente alteração do padrão de sazonalidade na bolsa de Chicago. Foi digno de nota o substancial retrocesso dos preços internacionais de grão e óleo ocorrido em 3 de dezembro. Segundo análises internacionais, o acentuado volume dos embarques chineses nas últimas semanas e em portos norte-americanos pode estar por terminar por volta do Natal, coincidindo com o término do acordo provisório Estados Unidos-China sobre exigências documentais relativas a material transgênico. Calcula-se que o total a ser importado pelos asiáticos em 2002/2003 atinja 14 milhões de toneladas, contra 10,38 milhões e 13,24 milhões de toneladas nos anos-safra 2001/2002 e 2000/2001, respectivamente. É admissível, entretanto, outra versão sobre os reais motivos referentes à concen-

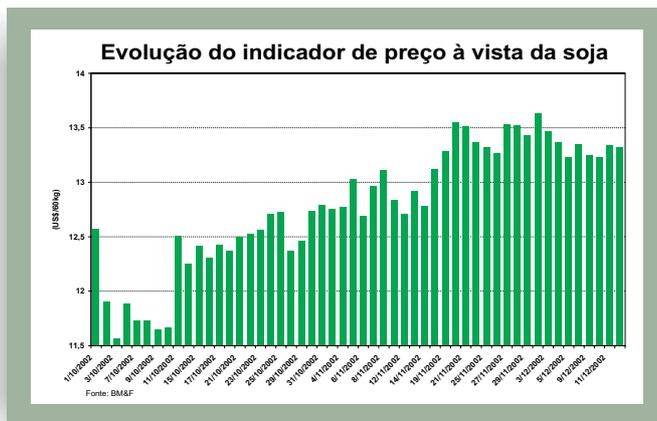
trada presença chinesa nas praças norte-americanas em semanas recentes. Os asiáticos estariam reforçando estoques de forma a reduzir sensível e estrategicamente sua atuação na ponta compradora a partir de meados de dezembro, particularmente nos Estados Unidos.

Sua intenção poderia consistir em somente voltar a agir comercialmente, com intensidade relevante já nas vésperas do pico de colheita da “mega-safra” sul-americana (se o clima permitir) – quando os prêmios em nossos portos geralmente despencam. Se esta lógica vier a ser confirmada,

os fundos especulativos não têm por que continuar pesadamente comprados e possivelmente logo presenciaremos a antecipação da acomodação de preços futuros que historicamente costumava a ocorrer já em pleno mês de janeiro, ou seja, quando são definidos os volumes das safras na América do Sul.

Antonio Bueno — bueno@bmf.com.br

Artigo redigido em 5/12/2002



BOI GORDO

Retração na oferta ocasiona aumento dos preços

O mercado do boi gordo continuou a trajetória de queda no período de 28 de novembro a 4 de dezembro. O Indicador Esalq/BM&F fechou no dia 4 a R\$55,66/€. As ofertas voltaram a retrair-se na maior parte dos Estados, com exceção do Mato Grosso, o que pode dificultar as compras. Os pecuaristas esperam o momento oportuno para venderem seu produto, pois a procura ainda não é muito grande para provocar alguma reação nos preços. A expectativa gira em torno da demanda das próximas semanas, o que pode trazer uma grande movimentação no setor devido às festas de fim-de-ano, que geralmente aumentam a procura por carnes. No atacado, a pressão de venda é forte, entretanto os varejistas ainda não definem seus negócios na espera da demanda do próximo final de semana que definirá o potencial do mercado. As escalas de abate estão montadas para uma semana e, segundo os frigoríficos, estão completas. Os cortes traseiro e dianteiro foram cotados a R\$ 3,90/kg e R\$ 2,50/

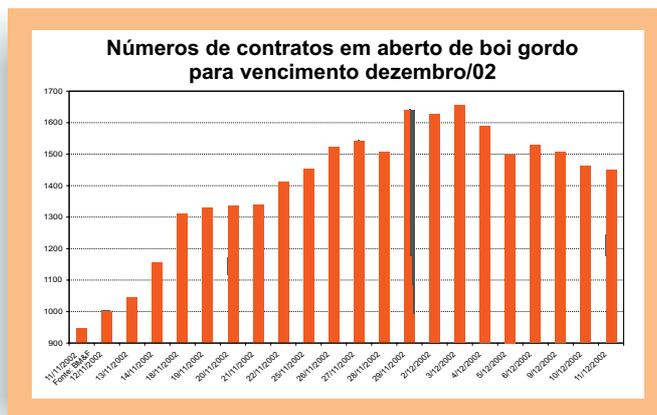
kg, respectivamente. Na reposição, o Indicador do bezerro Esalq/BM&F, referência Mato Grosso do Sul, fechou no dia 4 de dezembro a R\$ 360,98/cabeça.

No pregão do dia 4 as negociações do boi gordo foram encerradas da seguinte forma: dezembro/2002 a R\$56,03/€, janeiro/2003 a R\$ 54,75/€, fevereiro/2003 a R\$ 54,23/€, março/2003 a R\$ 53,95/€, abril/2003 a R\$54,00/€ e maio/2003 a R\$53,20/€. No mercado futuro de bezerro, os vencimentos fevereiro/2003, março/2003, abril/2003, maio/2003 e junho/2003 fecharam no dia 4 a R\$ 395/cabeça, R\$ 403/cabeça, R\$ 403/cabeça, R\$ 405/cabeça e

R\$ 409/cabeça, respectivamente. A relação de troca está em 2,27; 2,21; 2,21 e 2,17 para fev/2003; mar/2003; abr/2003 e mai/2003; respectivamente, e começa a refletir a sazonalidade do mercado pecuário: safra no boi e entressafra do bezerro. Os preços do bezerro para 2003 continuam interessantes para fixações de venda.

Fabiana S. Perobelli/Graziela Braga — fabianap@bmf.com.br

Artigo redigido em 13/12/2002



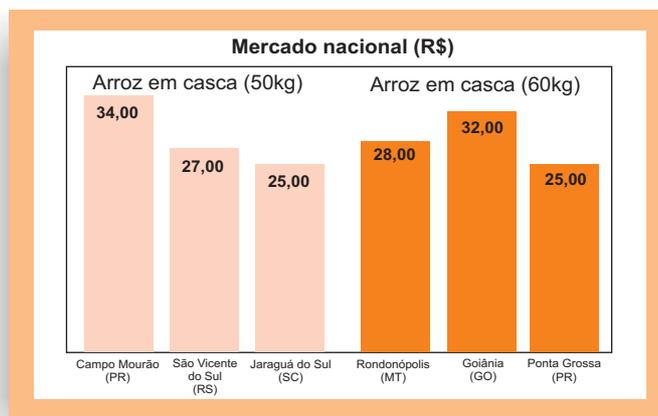
ARROZ

Cenário é de oferta reduzida em 2003

Os dois maiores Estados brasileiros orizicultores – Rio Grande do Sul e Mato Grosso – apresentaram, respectivamente, atraso de 17% e 22% no andamento do plantio do cereal na safra 2002/2003, em relação ao plantio da safra 2001/2002. Nos primeiros 15 dias de dezembro, cerca de 1,7 milhão de hectares de arroz estavam semeados em território nacional, o equivalente a 52% da área total, estimada em 3,27 milhões de hectares. Por essa razão, é possível que haja redução na produção nacional do grão, que poderá intensificar-se ainda mais pelas consequências do fenômeno *El Niño*. Se a projeção se confirmar, a colheita nacional do cereal não deverá ultrapassar 11 milhões de toneladas. O mercado interno do grão, mesmo que apresente uma oferta superior as 10,5 milhões de toneladas registradas na safra 2001/2002, não deverá se livrar dos preços altos e das pressões pela importação. Na Argentina, estima-se em

155,9 mil hectares a área total de arroz, enquanto que no Uruguai as projeções chegam a 130 mil hectares. No que se refere à última safra, esses números correspondem a acréscimos de 23,5% na produção e de 26% na área, e a uma redução de 2% na produtividade argentina, de 7,5% na produção e de 17% em área cultivada, além de um acréscimo de 12% na produtividade uruguaia. Com base nessas informações, existe a expectativa de que 1,05 milhão de toneladas de arroz excedentes desses países vizinhos podem ser direcionados ao mercado brasileiro. O Ministério da Agricultura prevê que a colheita na-

cional alcançará 10,92 milhões de toneladas, em um crescimento de 2,5% sobre em relação à de 2001/2002, embora com recuo de área. Apesar do clima desfavorável no momento, em algumas regiões estima-se que, nesta safra de 2002/2003, a área seja de 3,23 milhões de hectares, um pouco menor (0,7%), que no ano anterior.



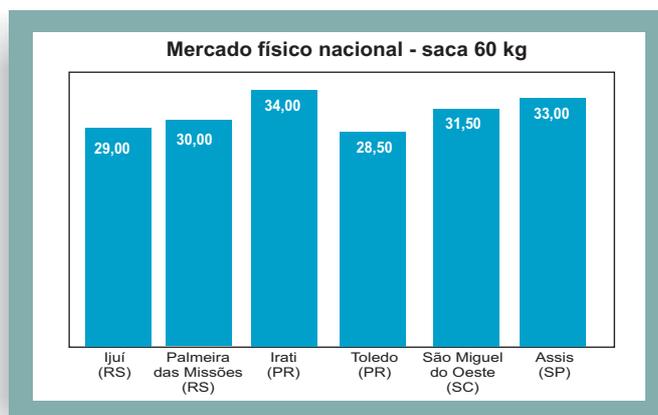
TRIGO

Safra frustrada mas com preços favoráveis

Embora tenha apresentado bons preços de venda em 2002, a safra brasileira de trigo não alcançou o resultado esperado. Apesar do aumento de mais de 20% na área plantada no ano passado, a instabilidade climática nas regiões Sul e Centro-Oeste impossibilitou o aumento da produção. Em dezembro, na fase final de colheita do cereal, a produção brasileira era estimada em torno de 3,2 milhões de toneladas, cerca de 1,5% a 2% inferior à safra 2000/2001. No Paraná, maior produtor nacional, apesar da área ter sido 20% superior neste ano, a produção está estimada em, no máximo, 1,6 milhão de toneladas, volume 15% a 20% inferior ao colhido em 2001. A produtividade média das lavouras de trigo no Paraná foi estimada em 1,45 kg/ha, contra os 2,1 kg/ha de rendimento em 2001. No Rio Grande do Sul, as condições de desenvolvimento das lavouras não foram diferentes, também sofrendo com excesso de chuvas e geadas. Quando mais de 95% da

área já estava colhida, a projeção de quebra era superior a 21%, com expectativa inicial de rendimento de aproximadamente 1,83 kg/ha. A comercialização nesse Estado apresenta-se um pouco lenta, em função da baixa qualidade do grão colhido e da retração dos moinhos locais. Os prejuízos à qualidade foram provocados pela geada ocorrida no mês de setembro. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de trigo em 2002/2003 está estimada em 569,3 milhões de toneladas, inferior ao consumo mundial, projetado em 595,1 milhões de toneladas. Enquan-

to a produção mundial deve recuar 9,4 milhões de toneladas na safra 2002/2003 em relação à safra 2001/2002, o consumo deve crescer 10,3 milhões de toneladas, o que levará a uma queda nos estoques finais mundiais. O consumo mundial de trigo na atual safra deve ficar 25,8 milhões de toneladas acima da produção.



Farsul faz balanço **POSITIVO** da agricultura



A Granja

ao longo do ano, de acordo com o mercado”, avalia. Sperotto considera que a boa administração dos preços agrícolas foi um dos responsáveis pelo crescimento apresentado pela agricultura no ano que se encerrou. O

Em entrevista coletiva, concedida no mês de dezembro, quando comentou o desempenho do agronegócio gaúcho em 2002, o presidente da Farsul, Carlos Sperotto (na foto), fez um balanço positivo da agricultura. O dirigente atribuiu o bom momento à solução do endividamento agrícola. Segundo ele, 95% das dívidas agrícolas estão parceladas em 25 anos, com juros anuais de 3%. “Hoje existem mais produtores utilizando o crédito rural e, com isso, estão conseguindo dissolver a oferta

dirigente ainda fez projeções para 2003: uma delas diz respeito ao Programa Fome Zero, do Governo Federal. Segundo ele, a iniciativa terá pleno apoio dos produtores rurais. Já foi apresentado até mesmo um plano que prevê um aumento de 25% na área de 40 milhões de hectares cultivada no País, e ainda uma expansão de cerca de 10 milhões de hectares na fronteira agrícola, criação de 5 milhões de empregos e incremento de 26 milhões de toneladas de grãos na produção.

Agrale **COMPLETA** 35 anos produzindo motores

A fabricante Agrale está comemorando 35 anos na produção de motores, período em que atingiu a marca de 340 mil unidades produzidas. O primeiro motor diesel fabricado pela empresa, em 1967, foi o M90 monocilíndrico.

Ele deu origem a uma das mais completas linhas de propulsores, com potência entre 4 cv e 38 cv, que atende a diversos segmentos.



Divulgação

Desse tempo para cá, a família de motores foi ampliada. Hoje, a empresa de Caxias do Sul/RS fabrica e comercializa 11 diferentes modelos, utilizados da agricultura ao segmento de construção.

A **GRANJA** conquista prêmio CNA

O 3º Prêmio CNA de Jornalismo 2002 premiou, em sua última edição, as melhores reportagens sobre o tema *Protecionismo e o Crescimento da Agropecuária Brasileira*. O repórter da revista **A Granja**, Glauco Menegheti, ficou com o segundo lugar na categoria Revista, com a reportagem *Queda de braço: o jogo está apenas começando*, publicada na edição de abril. O traba-

lho concorreu com outras 12 publicações de todo o País. O prêmio é concedido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e tem o objetivo de estimular, divulgar e prestigiar reportagens e fotografias publicadas e veiculadas em jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e que contribuam para esclarecer a opinião pública sobre a realidade do campo brasileiro.

Sociedade Rural Brasileira **INAUGURA** portal

A Sociedade Rural Brasileira (SRB) agora tem um endereço na internet (www.srb.org.br). Trata-se do **Portal SRB**, no qual será possível encontrar assuntos como política e economia voltados para o setor rural. Os internautas encontrarão de notícias do dia-a-dia a análises sobre o *agribusiness* nacional e internacional. O objetivo é construir uma ferramenta de comunicação dinâmica e de fácil enten-

dimento ao produtor.

De acordo com o presidente da entidade, João de Almeida Sampaio Filho, a entrada na web reforça o esforço da SRB para prestar novos serviços aos colaboradores. “A informação é o bem mais precioso do produtor e, ao abriremos mais um novo canal de comunicação, fortalecemos nossa luta por melhores condições para o campo”, afirma Sampaio Filho.

Sicredi **COMEMORA** 100 anos de cooperativismo

O Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) comemorou, em dezembro, 100 anos de cooperativismo na América Latina com prioridade ao associado. Fundado em 28 de dezembro de 1902, o sistema já conta com mais de 110 Cooperativas de Crédito Singulares, instituições que prestam serviços financeiros e bancários às comunidades onde atuam. Além de mais de 740 pontos de atendimento, o Sistema conta também com cinco centrais estaduais (Mato

Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e, mais recentemente, São Paulo), uma confederação (Corsecoop), uma administradora de cartões (BC Card) e uma empresa de informática (Redesys). O diferencial do Sicredi é que sempre tratou o produtor como associado e não como um simples cliente. Através das cooperativas, o associado recebe verba para investimento na lavoura e ainda tem espaço para opinar e decidir o melhor caminho para a cooperativa.

AGCO é **PIONEIRA** na obtenção da norma OHSAS 18000

A AGCO do Brasil, fabricante dos produtos Massey Ferguson, acaba de obter a certificação OHSAS 18000, depois de uma auditoria de cinco dias nas fábricas de Canoas/RS (tratores) e Santa Rosa/RS (colheitadeiras). Avaliadores da BVQI examinaram o cumprimento da norma internacional que fornece os requisitos a um sistema de gestão de segurança e da saúde no trabalho e permite à organização controlar riscos de aci-

dentos e doenças ocupacionais. A mesma auditoria recertificou por mais três anos a norma ISO 14.000, que fornece subsídios ao sistema de gestão ambiental. “Adotamos práticas de trabalho

que respeitam o meio ambiente, a segurança e a saúde ocupacional dos colaboradores, investindo permanente-



Divulgação

mente na melhoria contínua desses indicadores”, disse o superintendente da AGCO, Normélio Ravanello.

Coamo **INVESTE** no aumento da produção

Maior cooperativa da América Latina, a Cooperativa Agropecuária Mourãoense (Coamo) realizará um investimento de R\$ 66 milhões de 2003 a 2004. Os recursos serão destinados ao aumento da produção, modernização e ampliação da estrutu-

ra operacional. Uma das principais obras é a duplicação da capacidade da unidade de esmagamento de Campo Mourão/PR, com investimentos de R\$ 26,8 milhões. Os recursos contemplarão também as unidades de refino de óleo, de produção de margarina e

fiação de algodão. A Coamo tem a expectativa de consolidar 2002 com um faturamento 25% superior ao de 2001, tendo em vista os resultados de janeiro a novembro. Segundo as projeções, o volume de receitas ficará próximo a R\$ 2 bilhões.

Manah **PATROCINA** vitrine tecnológica

A Vitrine Tecnológica, programa da Fundação Chapadão/MS e com o patrocínio da Manah, foi desenvolvido para os produtores brasileiros. Eles contam com o apoio de empresas ligadas ao setor de agronegócio que pretendem difundir tecnologia de forma racional. O objetivo da iniciativa é propagar novas tecnologias para aumentar a produtividade das diversas culturas. Para a próxima safra, o programa vai ter como campo de trabalho a colheita de 20 hectares de milho, 20 hectares de soja e 24 hectares de algodão. A colheita dura três dias e conta com a participação dos agricultores, que poderão conhecer todo o trabalho desenvolvido nestas culturas por meio de vídeos e fotografias.

Defensivos na sala de **AULA**

Há 11 anos, a Syngenta iniciou o projeto *Escola no Campo* para educar crianças para o uso adequado dos defensivos agrícolas. Alguns dos ensinamentos: sensibilizar pais e a comunidade em geral sobre o uso correto e seguro de defensivos agrícolas e enfatizar que, antes de completar 18 anos, nenhum jovem ou criança deve manusear agrotóxicos. Outro objetivo é demonstrar a importância da preservação do meio ambiente e do uso da tecno-

logia para a produção de alimentos saudáveis.

Criado em 1991, através de parceria com o Governo do Estado de São Paulo, o projeto já educou mais de 270 mil crianças do campo. Apenas em 2001, 27 mil participaram das aulas e, em 2002, mais de 32 mil. O trabalho inicia com o planejamento e definição das escolas que vão participar e a preparação e impressão do material didático. O projeto já foi realizado em 11 Estados brasileiros.



Divulgação

ANOTE AÍ

A Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia está organizando a 11ª Feira Botânica Casapark, com início em 25 de janeiro. O acontecimento contará com uma exposição botânica e a comercialização de produtos relacionados ao tema. O evento também envolve a disseminação de conhecimentos, valores e atitudes relacionadas à conservação da natureza. O local será a Praça de Eventos do Casa Park Shopping Center, em Brasília/DF. Maiores informações pelo fone (61) 448-4773.

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), através do Departamento de Solos e Nutrição de Plantas, promove o Curso de Especialização em Gerenciamento Ambiental, nos períodos de 1º de fevereiro a 28 de junho. O curso é destinado a profissionais de formação superior que tenham interesse no tema. Os candidatos devem ligar para (19) 3422-2755 ou escrever para fealq@esalq.usp.br.

De 6 a 9 de março estará acontecendo o Show Agrícola 2003, na cidade de Palma Sola/SC. Entre as atrações estarão a apresentação palestras técnicas, dinâmicas, exposição e demonstração de máquinas e equipamentos agrícolas, difusão de técnicas de manejo, e novas cultivares nas principais culturas do Sul do País. Maiores informações pelo fone (49) 652-0152.

A Universidade Federal de Viçosa promove o *workshop* internacional *Biowork IV – Melhoria de Plantas na Era da Genômica*, que ocorrerá nos dias 27 e 28 de março. Maiores detalhes pelo fone (31) 3899-2614.

Tomate para **COMBATER** o câncer

O CBI – *Council for Biotechnology Information* (Conselho de Informações sobre Biotecnologia) divulgou uma pesquisa sobre cinco avanços da biotecnologia consi-



A Granaia

derados os mais importantes, na opinião dos norte-americanos. Cerca de 65% dos mil entrevistados citaram como invenção mais relevante o tomate transgênico que previne certos tipos de câncer. O produto foi desenvolvido pela Universidade de Purdue (no Estado de Indiana) e pelo Departamento de Serviço de Pesquisa Agrícola dos

Estados Unidos. Com um nível três vezes mais alto do antioxidante licopeno, essa variedade pode diminuir o risco de câncer de próstata e de mama, além de prevenir doenças cardíacas. O segundo organismo geneticamente modificado citado pelos entrevistados foi a batata-doce resistente a vírus, desenvolvida no Quênia (África).

Inseto traz **BENEFÍCIOS** à fruticultura

A Embrapa Mandioca e Fruticultura iniciou o processo de registro da vespa *Dia-chasmimorpha longicaudata* para uso no controle biológico de uma das principais pragas da fruticultura: a mosca-da-fruta (*Ceratitidis capitata*). O inseto foi importado da Flórida (Estados Unidos) em 1994 e submetido a testes, que comprovaram eficácia no controle da praga. Agora, a Embrapa passará a produzir a vespa para fins de comercialização. Avaliações comprovaram que o controle biológico das moscas-da-fruta com esse organismo é possível e poderá ser utilizado com sucesso no Brasil, com a exemplo do que já é



Divulgação

feito em outros países. O registro do inseto tornou-se inadiável para dar condições legais à sua multiplicação em regime industrial pela biofábrica de insetos que o Ministério da Agricultura vai instalar em Juazeiro/BA dentro de dois anos.

China e Filipinas desenvolvem arroz **GENETICAMENTE** modificado

Duas novas variedades geneticamente modificadas de arroz estão sendo testadas em países asiáticos. A China desenvolveu o arroz resistente a inundações, também conhecido como “super arroz inundado”. A variedade é cultivada em 200 mil hectares. Primeiro país asiático a desenvolver lavouras a partir de organismos geneticamente modificados, a China conta atualmente com cinco varia-

des dessas plantas aprovadas para a comercialização. Já as Filipinas investiram em uma variedade resistente a pragas, especialmente à bactéria *Xanthomonas oxyzae*, comum nas lavouras daquele país. A nova variedade está sendo testada em campo com a medição das plantas, pesagem das sementes e acompanhamento da data de florescimento. Em três anos, deve chegar ao mercado.

BRS Talento é nova cultivar para **TERRAS-ALTAS**

A Embrapa Arroz e Feijão lançou a BRS Talento, uma nova cultivar de arroz de terras-altas resistente ao acamamento. Seu potencial produtivo é cerca de 5% a



Divulgação

10% superior ao de outras variedades de arroz agulhinha (classe longo-fino). A BRS Talento apresenta maior tolerância à mancha de grãos e à brusone. Os testes com o material tiveram início em 1998 e, de lá para cá, foram realizados 200 ensaios, en-

volvendo oito estados brasileiros (GO, MA, MG, MT, PA, PI, RO, TO). A Embrapa já disponibilizou mais de mil toneladas de sementes e realizará dias de campo com BRS Talento de fevereiro a março, nos estados do MA, MT, PA, PI e RO.

Ciência anuncia soja sem substâncias causadoras de **ALERGIA**

O que antes parecia impossível tornou-se realidade: cientistas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) removeram da soja a proteína P34, substância responsável por cerca de 65% dos casos mundiais de alergia ao grão. Os pesquisadores já testaram a nova soja geneticamente modificada em filhotes de porcos, comparando

suas reações às dos animais alimentados com ração convencional. Tanto nesses estudos quanto nos testes realizados com seres humanos, não houve reação alérgica ou adversa. Os testes de campo, iniciados em 2001, mostraram que a soja sem a P34 tem as mesmas características nutricionais que o produto convencional.

Precisão na **DISTRIBUIÇÃO** de insumos



Divulgação

níveis em quatro versões: 400, 600, 750 e 1.200 litros. A unidade pendular é igual em todos os modelos, diferenciados apenas pelas características de chassi e capacidade de caçamba. Eles oferecem maior diversidade na distribuição de adubos, calcário e sementes nos cultivos de arroz pré-germinado, trigo, pastagens e azevém, entre outros.

Nogueira S.A. Máquinas Agrícolas — Rua 15 de Novembro, 781, Itapira/SP, CEP 13974-903. Fone: (19) 3863-9750. Site: www.nogueira.com.br

Os distribuidores pendulares de fertilizantes, calcário e sementes *Royalflow*, da Nogueira, estão dispo-

Agente **ESPUMANTE** Agropius



Divulgação

A Tecfarm Tecnologia Química lançou no mercado o *Agente Espumante Agropius*. Produzido nacionalmente, destina-se ao uso agrícola para marcação de linha, orientando e minimizando perdas e custos de produção. O produto é comercializado em embalagens de 5 litros e se destaca pelo rendimento e desempenho.

Tecfarm Tecnologia Química Ltda. — Rua Rio Branco, 761, Cachoeirinha/RS. Fone: (SAC) 0800-5105377, tecfarm@tecfarm.com.br

PNEUS para areia e concreto

A Caterpillar está lançando no Brasil sua linha de pneus, rodas e conjuntos montados para minicarregadeiras e para manipuladores telescópicos. O objetivo é ampliar a produtividade de seus equipamentos nas mais diversas aplicações e reduzir custos de manutenção. Composta por seis modelos e com várias medidas, a linha apresenta como novidade o pneu de perfil baixo (*Low Side Wall*), que permite operar a máquina com o pneu furado, sem danificá-lo. Os pneus Caterpillar podem ser adquiridos como conjuntos montados prontos para uso.



Divulgação

Caterpillar Brasil Ltda. — Rod. Luiz de Queiroz, km 157, s/nº, CEP 13400-970, Piracicaba/SP. Fone: (19) 3422-2100.

Simulador **PORTÁTIL** de erosão

A Embrapa Solos e a Universidade Federal de Goiás desenvolveram um simulador portátil de erosão, que mostra, de maneira didática, as três fases do processo: desagregação do solo pelo efeito da chuva, transporte pelo escoamento superficial da água não infiltrada e assoreamento do material erodido. O aparelho vem em uma mala de metal, com menos de 20 quilos e fácil transporte.

Embrapa Solos — Rua Jardim Botânico, 1024, Rio de Janeiro/RJ. Fone: (21) 2274-4999. E-mail: sac@cnps.embrapa.br



Divulgação

Motobombas de uso **VERSÁTIL**

Importada do Japão, a linha de motobombas Honda se diferencia pela alta tecnologia. Acoplado a um motor estacionário de quatro tempos, arrefecido a ar e movido à gasolina, o produto é ideal para quem busca praticidade, economia, durabilidade e a melhor relação custo-benefício. Com-

pacas, portáteis e de fácil operação, elas estão disponíveis em cinco modelos, com potências que variam de 1,5 a 5,5 HP. Da irrigação no campo ao abastecimento de caminhões-pipa em grandes centros, do saneamento de galerias ao auxílio à construção civil ou indústria, o produto se caracteriza por ser um grande aliado quando se exige versatilidade.



Divulgação

Honda do Brasil — Rua Sena Madureira, 1500, Vila Clementino, CEP 04021-001, São Paulo/SP. Fone: (SAC) 0800-701-3432.



A Grajia

Dante Scolari
Diretor executivo da Embrapa

Integrar cadeias e agregar valor é o caminho para a **COMPETITIVIDADE**

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2001, que mede o Índice de Desenvolvimento Humano, diz que as novas tecnologias podem desempenhar papel central na redução da pobreza mundial nos próximos anos. O documento refuta o ponto-de-vista de que a tecnologia é um luxo que cabe aos países ricos. As questões relacionadas à miséria estão diretamente ligadas ao poder tecnológico dos países. Podemos perceber isso quando vemos que as nações mais ricas são as mais desenvolvidas tecnologicamente. É o caso dos Estados Unidos e de diversos países europeus.

No Brasil ainda não se tem conseguido transformar em tecnologia patenteada os artigos científicos publicados, embora a quantidade destes tenha aumentado nos últimos anos. O País conta hoje com cerca de 80 mil cientistas – 82% estão trabalhando em órgãos públicos (sejam eles universidades ou entidades de pesquisa). Nos Estados Unidos, grande parte do contingente de 900 mil cientistas atua em empresas privadas. Na prática, a inovação tecnológica acontece nas empresas, enquanto as instituições auxiliam no desenvolvimento e melhoramento das novas tecnologias.

Algumas medidas podem ser tomadas para que o Brasil se torne mais competitivo. Na área governamental, é necessário um arcabouço legal e financiamento estável à pesquisa e desenvolvimento. As universidades, por sua vez, devem se preocupar com a formação de cientistas e engenheiros para as empresas privadas, como acontece nos Estados Unidos e Coreia do Sul, por exemplo. As instituições de pesquisa, por sua vez, têm que viabilizar soluções tecnológicas integradas e fazer parcerias com empresas privadas.

A participação do Brasil no cenário do agronegócio mundial é de apenas 4%. Precisamos aumentar o valor dessa atividade, através da agregação de valores aos produtos, pois a cada novo ciclo da agricultura, a atividade primária perde seu valor. Do PIB agrícola de 27%, 8% é da agricultura primária e 19% dos produtos com valor agregado. A integração antes, dentro e depois da porteira, é fundamental para gerar competitividade. O consumidor quer segurança, funcionalidade, sustentabilidade, rastreabilidade e certificação. Por isso, precisamos integrar cadeias, diferenciar produtos e agregar valor.

“Agronegócio” não significa só produzir grãos e vender para o primeiro que aparece. Não podemos mais só exportar matéria-prima, e sim exportar uma marca com tecnologia embutida. O empresário brasileiro ainda não sabe vender. Temos grandes desafios pela frente, e eles passam, necessariamente, pelo aumento de nossa competitividade. Para que ela ganhe espaço, precisamos dar atenção a alguns aspectos: sustentabilidade ambiental (processos limpos, rastreabilidade), redução de custos, formação de uma cultura empresarial empreendedora, disponibilidade de crédito, seguro rural e financiamento. Algumas áreas são consideradas estratégicas e merecem atenção especial: biotecnologia, processamento de alimentos, sanidade animal e vegetal, energia renovável, uso racional da água, tecnologia da informação e agricultura de precisão. Temos tudo para aumentar nossa competitividade no agronegócio. Uma prova disso é que a produtividade de grãos no Brasil cresceu 70% nos últimos 10 anos. ■

Agronegócio não é só produzir grãos e vender para o primeiro que aparece. Não podemos mais só exportar matéria-prima, e sim marcas com tecnologia embutida